

PUBLICAÇÃO MENSAL • ANO XIV • Cr\$ 3.000,00

# CADERNOS

## DO TERCEIRO MUNDO

145

**ORTEGA:  
O FUTURO DA FSLN**

AIDS

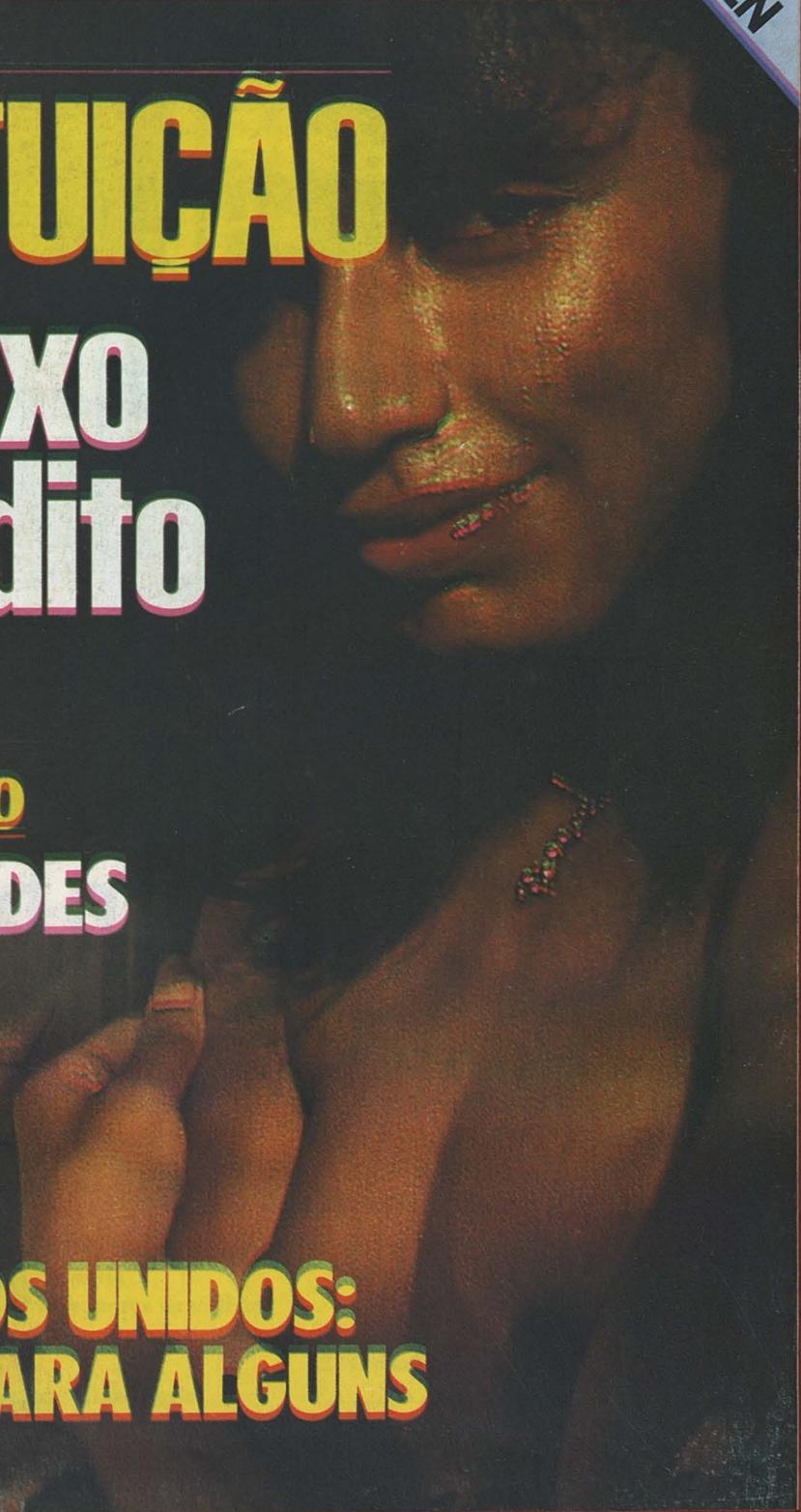
# PROSTITUIÇÃO

## O sexo maldito



**EXCLUSIVO**  
**MERCEDES SOSA**  
*DEFENDER A CULTURA LATINO-AMERICANA*

### ESTADOS UNIDOS: DEMOCRACIA PARA ALGUNS



# Instale na sua cidade uma fábrica de argamassa armada com a tecnologia Riocop.



## E mostre que um bom governo não se faz por obras do acaso.

A revolucionária tecnologia da argamassa armada, que alia cimento, areia e tela de aço, está a seu alcance.

Procure a Riocop e veja como é fácil instalar na sua cidade uma fábrica que faz

escolas, creches, centros comunitários, postos de saúde, obras de saneamento e muito mais com qualidade, baixo custo e rapidez na execução.

Riocop. Eleja nossa tecnologia.

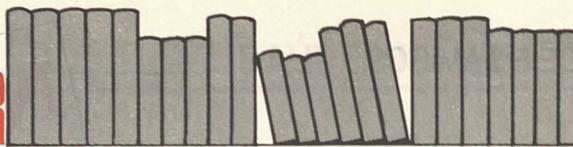
### **RIOCOP**

COMPANHIA MUNICIPAL DE CONSERVAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

FÁBRICA DE ARGAMASSA ARMADA E EQUIPAMENTOS URBANOS  
BR 101 - Km 1 - Rodovia Rio-Santos - Santa Cruz - Rio de Janeiro  
CEP: 23560 - Telefone: (021) 395-4550 - Fax: (021) 395-3950



# LIVROS POR



# CORRESPONDÊNCIA



**MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO**  
O Estado de São Paulo

Este *Manual* é mais do que um guia destinado a jornalistas. Se você escreve com regularidade, está se preparando para exames de redação ou apenas quer conhecer melhor o português, não deixe de consultá-lo.

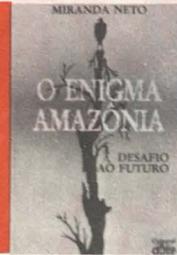
371 p.  
E-234 Cr\$ 8.500,00



**ESCRITOS INDIGNADOS**  
Democracia e neoliberalismo no Brasil  
Herbert de Souza (Betinho)

O livro do sociólogo e analista político Herbert de Souza (Betinho) passa em revista os principais problemas brasileiros de hoje, com a coragem e a emoção que marcam todo seu pensamento e sua atuação na sociedade.

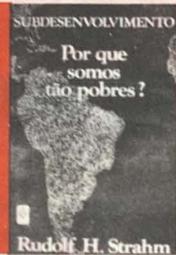
144 p.  
E-232 Cr\$ 5.500,00



**O ENIGMA DA AMAZÔNIA**  
Desafio ao Futuro  
Miranda Neto

Para o autor, que é economista, com pós-graduação em economia rural no Brasil e Estados Unidos, o desenvolvimento da Amazônia deve adaptar as técnicas modernas às condições ambientais, com a preocupação de servir ao país e não apenas aos grandes interesses econômicos.

144 p. E-235 Cr\$ 5.500,00



**SUBDESENVOLVIMENTO**  
Por que somos tão pobres?  
Rodolf H. Strahm

Rodolf H. Strahm, economista suíço com participação em vários organismos internacionais, procura desvendar os complexos mecanismos do subdesenvolvimento, que ele relaciona com a crise do endividamento externo.

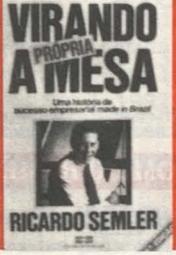
221 p.  
E-230 Cr\$ 7.500,00



**TESTEMUNHO**  
Darcy Ribeiro

"Mas eu me pergunto agora, tal como eles perguntavam então: Por que me meti no mato, com os índios? Darcy nos dá neste livro um relato municioso e divertido de suas vivências e invenções.

262 p.  
E-236 Cr\$ 12.000,00



**VIRANDO A PRÓPRIA MESA**  
Ricardo Semler

A empresa tradicional está condenada. É o que sustenta Ricardo Semler, diretor da FIESP, que transformou sua indústria em modelo de organização e eficiência, através de um sistema de gestão democrática.

E-237 Cr\$ 13.000,00



**UMA CHAMA NA AMAZÔNIA**  
Jean-Pierre Leroy

Reconstituindo a saga dos trabalhadores rurais da região de Santarém, Pará, o autor apresenta um quadro completo da realidade econômica da Amazônia.

E-238 Cr\$ 7.500,00



**REFAZENDO A FÁBRICA FORDISTA**  
Elizabeth Bortolonia Silva

Partindo da análise comparativa entre uma fábrica Ford no Brasil e na Inglaterra, a autora discute os rumos da economia mundial.

394 p.  
E-239 Cr\$ 16.000,00

## QUERIDA ILHA

Hélio Dutra — 2ª edição

O apaixonante testemunho de um brasileiro que acompanhou, por dentro, todo processo da revolução cubana. Hélio Dutra conhece Cuba a fundo, vivendo lá desde o fim da II Guerra Mundial. Alguns tópicos do seu livro: A reforma agrária, As reformas urbanas, A alfabetização, A mulher cubana e a revolução, A saúde em Cuba etc.

E-240 Cr\$ 8.500,00

## HISTÓRIAS (ALEGRES) DO POVO BRASILEIRO

Mauritônio Meira

Gente conhecida (ou não) fonece a matéria bruta desse excitante livro de crônicas da vida brasileira. São bêbados, poetas, políticos, jornalistas, mulheres traídas, maridos ciumentos, figuras importantes, figuras sem nenhuma importância — eles contam uma parte da história de nosso povo.

E-229 Cr\$ 5.200,00

## BEM TE VI, AMAZÔNIA

Jurema Finamour

Um balanço dramático dos problemas da Amazônia, desde as primeiras picadas ao drama de Chico Mendes. A realidade do latifúndio, as ameaças de internacionalização, a miséria de sua população, as riquezas escondidas na selva, o extermínio de vidas inteiras — eis alguns dos capítulos que compõem esta obra notável de pesquisa e denúncia.

E-241 Cr\$ 8.500,00

## O PILÃO DA MADRUGADA

Neiva Moreira

Os repórteres são os narradores do cotidiano e o futuro. Este livro é a reportagem com um desses repórteres. Aqui, na mais longa entrevista que concedeu, Neiva dá o testemunho do que viu e participou.

Ele narra episódios marcantes, e permite ao leitor conhecer e avaliar fatos não apenas desconhecidos mas, sobretudo, tergiversados na "história oficial".

José Louzeiro  
464 p.  
E-208 Cr\$ 7.500,00

## CHE-PARRA

Latino-América  
Piedade Carvalho

"Ler este livro de Piedade Carvalho é mergulhar fundo numa sinfonia brilhante, onde cada instrumento aparece com a nitidez de uma estrela iluminando nossa consciência e nosso coração, acordando no mais escuro compartimento de nosso ser a nossa quase moribunda esperança".

Sérgio Ricardo  
100 p. E-223 Cr\$ 4.800,00

## NÓS DIZEMOS NÃO

Eduardo Galeano

A esquerda acabou? E a história, também? Ainda é possível falar em socialismo? Cuba merece, nos dias de hoje, algum interesse, algum respeito? Pode existir dignidade na miséria? Para onde vai o mundo?

Estas são algumas questões que mantas que o autor de "Veias abertas da América Latina" procura desatar nesta obra.

88 p.  
E-226 Cr\$ 4.500,00

## DESENVOLVIDO PARA A MORTE - Repensando o desenvolvimento do Terceiro Mundo

Ted Trainer

O simples desenvolvimento, sem um planejamento adequado, leva a aberrantes desequilíbrios na distribuição da renda mundial. O modelo neoliberal, aplicado a nossos países, acabou por privilegiar os interesses das classes altas do Terceiro Mundo, das corporações multinacionais e dos países ricos.

240 p.  
E-245 Cr\$ 8.500,00





**CAPA:**

# O sexo maldito

**A** prostituição é considerada a mais antiga atividade profissional do mundo, mas não pára de evoluir, incorporando hoje novas modalidades, que mostram um mundo urbano moralmente cada vez mais liberado.



Com a irrupção da Aids, que segundo pesquisas afetava em 89 quase metade dos que fazem do sexo a sua profissão, esse liberalismo começou a ser combatido com programas de prevenção e educação promovidos tanto por órgãos oficiais quanto por entidades da sociedade civil. Nessa reportagem mostra-se o problema da prostituição sob diferentes olhares, abrangendo o seu fundo humano.



◀ A conferência de paz sobre o Oriente Médio (foto) faz renascer as esperanças de se conseguir uma solução justa para o conflito entre árabes e judeus **37**

A realidade de violência, discriminação racial e pobreza desmentem o discurso do presidente George Bush, que pretende apresentar os EUA como um exemplo de democracia, afirma o diretor regional da Anistia Internacional, Keith Jennings **42**



◀ A necessidade obriga quase 8 milhões de crianças brasileiras a trabalhar. Em geral, este trabalho se dá em prejuízo dos estudos e permite uma série de explorações dos menores **30**

## SUMÁRIO

### MATÉRIA DE CAPA

- 10 Prostituição: O sexo por profissão
- 14 O *society* nos prazeres da noite

### CAMPO

- 19 Trabalho escravo vira rotina

### EDUCAÇÃO

- 22 O desafio da educação no campo

### AGRICULTURA

- 25 Tamanho exige legislação

### COMUNIDADE

- 26 Um instrumento de integração

### SAÚDE

- 28 Aids, sem hipocrisia
- 29 Epidemia passa marca do milhão

### ENTREVISTA

- 32 Daniel Ortega: "Integração Sul-Sul é o caminho"

### AMÉRICA LATINA

- 35 Chile: O poder popular retrocede

### ORIENTE MÉDIO

- 37 Renasce a esperança

### ÁFRICA

- 40 Marrocos: Um reinado de terror

### DIREITOS HUMANOS

- 42 EUA: Democracia para alguns

### REFORMA AGRÁRIA

- 46 Um barril de pólvora

### CULTURA

- 48 Mercedes Sosa: Um símbolo latino-americano

### COMPORTAMENTO

- 52 O conflito de gerações

### PÁGINA ABERTA

- 60 Os cortes nucleares de Bush

## Zélia, as paixões



**Q**uem não estranhou a chorosa presença da então recém-demitida ministra da Economia no programa humorístico *Escolinha do professor Raimundo*, do múltiplo Chico Anísio? Pois tantos meses depois, e logo em seguida

ao bombástico *Zélia, uma paixão*, que narra os amores da ministra com Bernardo Cabral, confirma-se o namoro entre a professora e o comediante da TV Globo. Por ele, não se furtou a aparecer no Maracanã, no clássico Vasco x Flamengo, para acompanhar Chico Anísio, tradicional vascaíno e, no momento, também comentarista esportivo de uma emissora de rádio. Ela não se importou de ser chamada de "pé frio", ante a derrota vascaína. O jogo era só um detalhe...

O aparecimento da ex-ministra também em outro programa humorístico, *A Praça é nossa*, da TV Sílvio Santos, num quadro em que o convidado é geralmente menosprezado por um personagem que faz o tipo da mulher fofoqueira, não deve ser analisado como um gosto especial pelo humorismo.

Talvez se deva imaginar que o verdadeiro objetivo de Zélia não é fazer graça ou sofrer seus efeitos, mas submeter-se a uma maratona de exposição ao público, sob qualquer circunstância. Sua disposição de aparecer lembra, de forma muito nítida, outro maratonista emérito das manchetes e de notinhas de coluna social: o atual presidente Fer-

nando Collor. Afinal, foi montado na campanha do "Caçador de marajás" que Collor chegou à presidência da República, depois de usar aquele expediente para se tornar o mais móvel dos governadores daquela época, pois aparecia em todo tipo de programa, solenidades batizados, debates, às vezes sem ser convidado, mas tratando de ocupar todos os espaços da mídia.

O caminho de Zélia não deve apontar para o Planalto, mas não há dúvida de que ela se programou para invadir a mídia e tornar-se assunto de botequim: é um seguro meio de transformar-se em personagem política. A experiência demonstra que se torna indiferente o teor da adjetivação que se alcança com esses expedientes de marketing. O resultado final costuma ser eleitoralmente positivo, se a assessoria for competente.

A Zélia das confissões administrativas e íntimas – e dos amores que mantém, a cada vez, a máxima intensidade, e sempre sob a forma de paixão exposta – segue, sem dúvida, o figurino colorido. Mais alguns poucos meses e poderá, quem sabe, lançar sua nova confissão.

## Segundo assalto deu Quércia

**A**luta entre o governador paranaense Roberto Requião e o presidente do PMDB, Orestes Quércia, apresentou um segundo assalto com ampla vantagem para Quércia, que obteve o apoio de 95% do Diretório Nacional para expulsar o governador do partido. Requião perdeu o segundo assalto por 108 a 4. Contra a expulsão, ficaram os gaúchos Pedro Simon e José Fogaça e os mineiros Ronan Tito e Tarcísio Delgado.

Requião vai agora utilizar os meios jurídicos para anular a decisão, mas, aparentemente, as dificuldades são enormes. O vice-presidente pedebista, Jarbas Vasconcelos, já adiantou a possibilidade de intervir no diretório paranaense, caso este venha a respaldar ini-

ciativas de Requião para continuar ligado ao partido. Tudo indica, assim, que haverá um terceiro round, que poderá determinar um quarto, e assim por diante, pelo menos até meados de 1994, quando se definirá a corrida presidencial e se saberá se Quércia é ou não carta fora do baralho. Na opinião do governador paranaense, o PMDB não pode lançar o nome de Quércia, por faltar padrão moral ao candidato.

A briga de Requião com Quércia vem do início do ano, quando as manobras do então governador paulista em fim de mandato, para garantir a presidência do PMDB para si, desencadearam descontentamentos e definiram campos opostos no interior do partido, já com relação à sucessão presidencial. Quér-

cia é candidato há muito tempo e sua presidência no PMDB tem como objetivo essencial garantir-lhe a candidatura em 1994. Entre outras coisas, Requião discorda desse uso da presidência partidária. Mas discorda, sobretudo, da biografia de Quércia.

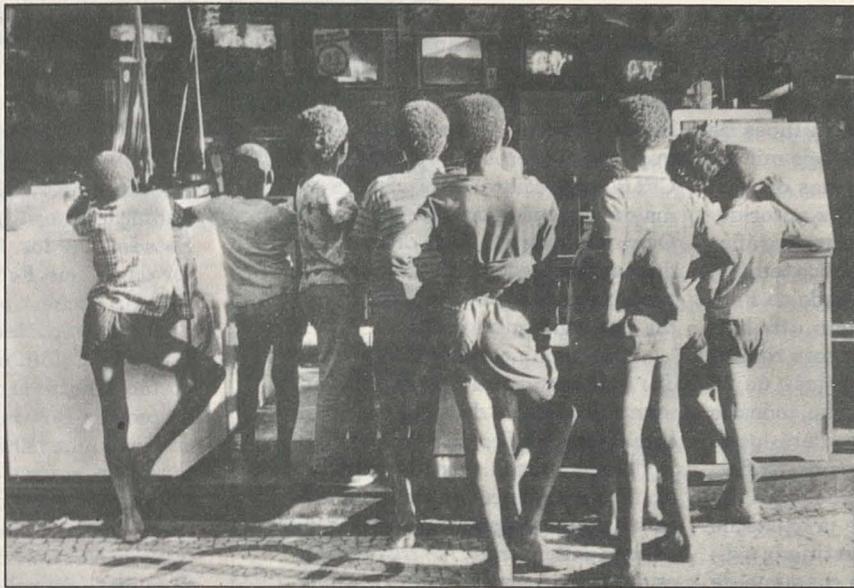
Por isso, criou o "Disque Quércia", um telefone exclusivo para receber informações sobre o ex-governador paulista e sua fortuna. Hoje, assessores de Requião admitem que há volumosas informações, das quais ele ainda não fez qualquer uso. Assim, esse primeiro assalto teria sido decidido a favor do governador, que recebeu o troco com a expulsão determinada pelo Diretório Nacional, a pedido de Quércia – indicativo de que o par-



tido reverencia seu atual líder máximo.

Não parece, contudo, o fim da guerra. A decisão do governador de recorrer contra a expulsão poderá criar novos lances, em que o partido se veja confrontado com os dossiês armados por Requião.

## Não às compras



A opinião pública já se acostumou a muita coisa, mas, mesmo assim, causou surpresa o apelo do presidente Fernando Collor, para que os consumidores ignorem, de forma deliberada, ostensiva e altaneira, os apelos característicos de final de ano e abertura de verão para os gastos em festas, férias, viagens, presentes. "Não comprem", instruiu Collor, para a amargura da indústria e do comércio, que

reclamam, como nunca, da queda de vendas e confiam na temporada de festejos e sol para recuperação, com a ajuda dos preços cada vez mais remarcados.

Mais amarga, porém, ficou a maioria dos cidadãos. Não precisavam da presidencial advertência para

constatar que consumir neste fim/início de ano é uma impossibilidade concreta, decorrente do agravamento da maratona, que torna lentas as pernas do salário ante o fôlego incontrolável das remarcações. Todos esperavam era que o governo fizesse alguma coisa para impedir a explosão de preços

e os quase 30% de inflação. De qualquer modo, ficou uma lição de honestidade do Planalto: é a população quem tem que se virar, porque o poder crê mesmo é no mercado absolutamente livre, apesar de todos os cartéis, trustes, acertos e manobras. Ficou definitivamente claro que o governo não rejeita a

hipótese de educar o comércio e a indústria com uma punição exemplar e final: pela ausência total e absoluta de consumidores qualquer dia desses. Aí, então, haverá somente o problema da inflação funerária: pela espetacular alta de demanda, os caixões estarão valendo mais que ouro, e uma cova, mais que uma fazenda.

Parece ter-se ido o tempo em que função de governo era empenhar-se para evitar a devastação da pátria e administrar na busca do bem comum. Talvez fosse porque, naqueles idos, não existisse inflação incontrolável, que é uma coisa do cão, ante a qual até governos saem da reta. A sorte é que o povo também já aprendeu a se lixar.

A perda de valor dos salários, o desemprego, a explosão de preços com a liberação generalizada parece

ter criado a situação ideal para o salto nacional em direção ao reino do liberalismo: o renitente mercado remarcador irá, enfim, explodir contra o paredão da imobilidade do mercado comprador. É o que diz a teoria. Na prática, o sufoco do trabalhador dos diversos níveis provoca essa dor social que se lê nos rostos do brasileiro, em qualquer rua e mesmo nos botequins mais alegres: o dinheiro curto dá cabelo branco. Aliás, tanto em quem não tem dinheiro, quanto naqueles que pedem mais dinheiro do que valem suas mercadorias.

Por isso, é que a indústria registra uma queda acentuada nas vendas, pois o comércio trabalha com estoques cada vez menores. Nem mesmo o Natal provocou mudanças nesse quadro típico da recessão. A previsão é de que 1991 apresente números mais modestos, no conjunto da economia, do que os anos anteriores.

A indústria de eletrodomésticos, por exemplo, precisava vender, nestes três últimos meses do ano, mais de 560 mil televisores a cor para alcançar o mesmo número de vendas

## Cai o consumo

de 1990, que chegou a 2.314 mil unidades. As geladeiras mostravam uma tendência ao empate, podendo alcançar o mesmo 1.910 mil unidades do ano passado, que foi levemente inferior a 1989. Quanto aos condicionadores de ar, para alcançar os índices de 1990 seria necessário vender 189 mil unidades em três meses, quando em nove meses tinham sido colocados no mercado apenas 238 mil. Quedas semelhantes verificaram-se também quanto aos aspiradores, liquidificadores e televisores não coloridos.

Um cálculo da indústria dá a dimensão do abismo entre o que poderia ser e a dura realidade da economia, onde os salários vivem em permanente compressão: o mercado brasileiro deveria ter absorvido cerca de 45 milhões de geladeiras, mas não conseguiu comprar mais que 19 milhões, isto é, pouco mais de 40% daquele teto considerado normal.

O empobrecimento da população é constatado também no mercado de alimentos. Os supermercados calculam que fecham 1991 com vendas inferiores em torno de 15%, em comparação a 1990.

## As máfias da droga

**A** Comissão Parlamentar de Inquérito do Narcotráfico encerrou suas atividades, exibindo um quadro aterrador: calculou os viciados brasileiros em dez milhões de pessoas e listou mais de seis mil envolvidos com o negócio das drogas, entre os quais bicheiros e autoridades. "Do jeito que está, o narcotráfico dominará o Brasil em pouco tempo", previu, sombrio, o delegado da Polícia Federal Moroni Torgan, atual deputado pelo Ceará e que foi o relator da CPI. Ele propôs a prisão de 29 banqueiros do jogo de bicho, todos do Rio de Janeiro, por considerá-los os principais financiadores do tráfico. As investigações realizadas pela Comissão concluíram que já existe no país uma ampla rede destinada a dinamizar o mercado de consumo de entorpecentes aqui mesmo. Não se usam as rotas brasileiras apenas para levar a droga boliviana, peruana ou colombiana para a Europa ou Estados Unidos.

Tal rede, segundo Torgan, envolve os produtores da droga, os transportadores, os traficantes locais e o suporte financeiro e de segurança do negócio, onde entram bicheiros e até autoridades de diversos tipos, como juízes. Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, o deputado cearense definiu as características dos viciados e o perigo que representam para a sociedade: "Os consumidores de drogas do país têm entre 15 e 25 anos. Eu acho que uma das principais conclu-

sões da CPI não foi divulgada: o aumento da violência no Brasil é proporcional ao aumento do consumo de drogas. É possível perceber isso no Rio de Janeiro. Um secretário de Segurança que prestou depoimento à CPI falou de dois casos de viciados que mataram a mãe por causa de drogas. O uso não, mas a falta da droga é uma das causas da violência. O usuário se torna delinquente e é até capaz de matar para conseguir a droga."

Na mesma entrevista, Moroni Torgan lamentou o desaparecimento do sistema de segurança para combater o tráfico de forma eficiente. "O assunto mais tocado no relatório foi a deficiência da Polícia Federal e a apatia do governo com relação a essas deficiências. A cura da doença das drogas no Brasil tem que passar por três remédios: prevenção, repressão e recuperação de viciados. A repressão está falida e os outros dois não existem. Do jeito que está hoje, o narcotráfico domina o Brasil em pouco tempo. Quando perguntamos ao ministro da Educação (José Goldemberg) o que se fazia na área de prevenção, ele disse que tinha uma verba em torno de Cr\$ 400 milhões. Até o dia 13 de novembro, só Cr\$ 100 milhões tinham sido usados. Às vezes, não é problema de dinheiro, mas de organização, de vontade política de agir. Nós temos uma verba das Nações Unidas, de US\$ 5 milhões, que desde 1987 não está sendo usada, porque não havia um projeto para ser aprovado."

O deputado Torgan diz a l i m e n t a r muitas ilusões, mas acredita que os dados levantados pela CPI e seus conselhos poderão servir à defesa e à conscientização maior da sociedade quanto a este grave assunto.



## Os ricos reclamam

**O** Brasil não está na boca do Primeiro Mundo somente por causa da ecologia: agora, a preocupação se estende à participação do país na distribuição da cocaína para a Europa e Estados Unidos. Na opinião do diretor da Polícia Federal alemã, Hans-Ludwig Zachert, o Brasil já é o segundo maior exportador de drogas, logo atrás da Colômbia. A Amazônia é o portão de entrada do entorpecente, que procede da Bolívia, Peru e Colômbia e se encaminha para o Norte rico, saindo tanto por portos e aeroportos do Norte e Nordeste, quanto por estados do Sudeste, depois de um longo e complicado trânsito pelo Centro-Oeste. Pelo cálculo do principal policial alemão, 25% da droga consumida hoje na Europa passaram pelo Brasil.

A informação coincide com os números da Polícia Federal, que, segundo seu superintendente, delegado Romeu Tuma, aumentou a apreensão de drogas em 50%, neste ano. Quase toda a cocaína apreendida (90%) procedia da Amazônia e se destinava aos Estados Unidos e Europa, onde chegaria acondicionada nos mais diversos disfarces, como inocentes inhames. Por trás de cada operação de envio de drogas está uma empresa exportadora montada no país pelo Cartel de Cáli, segundo Tuma. Ele calcula que a polícia fechará o ano com um total de cinco toneladas de cocaína apreendidas.

O relativo sucesso das operações de repressão não animam, porém, a polícia, que reconhece a fraqueza do sistema de fiscalização, tanto por seu reduzido tamanho, quanto pelo envolvimento de policiais com o tráfico. De certa forma, o aumento das apreensões apenas demonstra que se intensifica, cada dia mais, a utilização do território brasileiro para a passagem da produção do narcotráfico vizinho.

A extensão da Amazônia e sua característica de região cortada por inúmeros rios são fatores que favorecem os produtores da droga.

## Paz ianomâmi



**O**s nove mil índios ianomâmis já podem respirar aliviados e iniciar um processo de reajustamento psíquico e físico, depois de anos de danosa convivência com garimpeiros em suas terras. Em área contínua, localizada em Roraima e Amazonas, a tribo disporá das imensidões florestais de 9,4 milhões de hectares, na linha de fronteira do país com a Venezuela.

O presidente da Funai, o sertanista Sidney Possuelo, acredita ser possível chegar à Rio-92 com toda a área demarcada.

A assinatura da portaria que autorizou a demarcação da reserva significou um passo adiante no posicionamento do governo brasileiro quanto à polêmica das reservas amazônicas. Há setores que continuam a temer que o isolamento dessa enorme área fronteira, maior que muitos países do planeta, represente o risco de surgimento futuro – por influência ou pressão internacional – de um país da floresta, sobre o qual o Brasil não exerceria soberania plena. Tais temores, expressos sobretudo por áreas militares, foram superados, pois caberá precisamente às Forças Armadas a única exceção em termos de presença estranha na área ianomâmi. Postos militares continuarão existindo lá, pois a definição da reserva não significa redução de soberania. Em termos econômicos, o prejuízo direto é para Roraima, pois o trecho roraimense da reserva abrange cerca de 40% do território estadual. Mas, a economia local receberá compensações, segundo decisão do governo.

## Sinal dos tempos

*À moda de cego de feira, pode-se profetizar que no dia em que as estrelas do céu caírem, o nordestino abandonar a farinha e o brasileiro em geral desdenhar da cachaça – o fim se aproxima. As pesquisas mostram que o primeiro passo foi dado: a crise está obrigando o brasileiro a beber menos. Em 1990 bebeu-se menos 9% de cachaça do que em 1989. Isto é, consumiu-se apenas 573 milhões de litros, dos quais cerca de 300 milhões de litros de cana, algo como quatro litros/ano por adulto. No primeiro semestre de 1991, bebia-se menos 2% do que se bebeu no mesmo período do ano anterior. Quase um atestado de que está se esvaindo nossa fama de país alegre. A verdadeira epidemia de sobriedade que assola o país atinge, indistintamente, todas as faixas salariais. O patronato diminuiu o consumo de champanhes em 12%, em 1989; em 11%, em 1990, e em 12% no primeiro semestre de 1991. E também o gim e suas delicadas misturas despencaram: -7%, -13% e -19%, respectivamente em 1989, 1990 e primeiro semestre de 1991.*

## Atrás do ouro

**N**os últimos 20 anos, uma multidão de brasileiros gira por alguns milhões de quilômetros quadrados do país, como uma onda ao sabor dos ventos. Seu impulso é a sede de ouro. Nesse período, que corresponde ao ciclo que vai do Brasil Grande ao Brasil da Depressão, os garimpeiros deixaram as páginas dos gibis e invadiram as televisões, mostrando-se em carne e osso, transportando, da longínqua Califórnia para o Brasil das florestas, o imaginário das lutas e violências. E também do contrabando. Ao mesmo tempo, pôde-se visualizar a febre que se abateu sobre o Brasil setecentista e mudou a história do país e – dizem – da economia mundial, com a inundação do ouro mineiro sobre a Europa.

Calcula-se que algumas centenas de milhares – há quem fale em um milhão – desses aventureiros formam o exército garimpeiro, que atua sobretudo na Amazônia e sofre acentuado recuo nos últimos anos. A mais recente e estrondosa derrota foi a Batalha dos Ianomâmis. Centenas de pistas de aviação foram dinamitadas, impedindo o retorno dos garimpeiros, e agora os abalados ianomâmis disporão de todo o tempo da história para elaborar, mentalmente, a amarga experiência que viveram por cerca de uma década, ao lado dos ávidos caçadores de ouro.

Deslocado da área mais promissora, o enxame humano certamente vai pousar em outro local, transportado por algum dos quase mil aviões ou dos 10 mil barcos, que lhes garantem transporte e abastecimento. Onde eclodirá a próxima onda dos garimpeiros?

Eles não estão sós: formam sindicatos e associações e possuem até uma espécie de confederação, a União dos Sindicatos, Cooperativas e Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal – Usagal, presidida, aliás, pelo dono de uma frota aérea que dá suporte à atividade, José Altino Machado. Ele vem desenvolvendo o raciocínio de que o governo estimulou o garimpo e agora o abandona para abrir espaço às empresas mineradoras, em grande parte internacionais.

Há indícios, contudo, de que o garimpo entrou em declínio por uma série de fatores mais profundos do que a simples campanha ambiental: o preço do ouro reduziu-se, em oito anos, em cerca de 60%, a exploração tornou-se mais cara, em função da alta de preços de produtos essenciais para o sistema, como os combustíveis. Prevê-se que a produção do ouro amazônico ficará em torno de 100 toneladas, nesta década, pouco acima de um quarto da produção da década passada, de 384 toneladas, naturalmente a produção oficial, pois a contrabandeada jamais será calculada corretamente.



## Natal triste

As expectativas pessimistas para a economia indicam que o Natal será de pouca alegria: inflação alta, salários corroídos, indústria lutando com encalhes e aliviando-se com demissões, férias coletivas, redução de produção. É o ciclo da recessão num dos maiores mercados em potencial. Os supermercados já calculam que fecharão o ano com vendas menores que as do ano passado, em pelo menos 15%. E não cometerão ousadias para o Natal: estão se programando para um período de festas do tipo feijão com arroz.

Mais que o Natal, porém, o que preocupa é o novo ano, aqueles 365 dias de 1992, caso não se defina uma política econômica adequada, que leve ao crescimento da produção e à expansão do mercado consumidor.

Um retrato da crise e dos perigos

que rondam a economia (a sociedade) foi bem expresso pelo industrial gaúcho Paulo Roberto Lisboa Triches, dos eletrodomésticos Enxuta, em recente entrevista ao *Jornal do Brasil*. Obrigado a demitir, em outubro, 20% dos empregados e a dar férias coletivas, mostrava-se aparvalhado com o monumental estoque de 18 mil máquinas – encalhadas – nos galpões da fábrica. Na mesma época, sua concorrente Brastemp, em São Paulo, via-se às voltas com fenômeno semelhante, agravado pelo aspecto político que tomou sua decisão de demitir 1.500 funcionários.

A depressão do consumo é a causa básica do encalhe industrial, na opinião de Triches, que advoga uma política salarial mais inteligente, capaz de sustentar o parque produtivo. Em dois anos, calcula ele, 30% dos potenciais consumidores de seus produtos foram levados à lona pela defasagem salarial

e perderam a possibilidade de consumir bens duráveis.

Se a situação é deprimente, as perspectivas provocam pavor, caso se aprofunde a política de liberalização, como ocorreu na Argentina. A indústria argentina viu-se afogada pela avalanche dos produtos estrangeiros. Com isso, para não desaparecerem, muitas indústrias transformaram-se em simples repassadores – vendedores, comerciantes, representantes – de produtos de indústrias estrangeiras. A ameaça de que isso venha a ocorrer no país gela os industriais mais esclarecidos.

“Precisamos ampliar o mercado interno, para voltar a produzir, se não quisermos virar uma Argentina, que sucateou a indústria e partiu para a dolarização”, opinou Triches. “Hoje, há até uma certa euforia lá com a queda da inflação e a qualidade dos produtos importados, mas tenho minhas dúvidas de que isso possa durar muito.”

O Ano Novo começa com certo desafio diplomático entre o país e seu monitor além-fronteiras, o Fundo Monetário Internacional – FMI. A Carta de Intenções – as promessas elaboradas pela equipe do ministro Márcio Marques Moreira – caíram bem, junto à direção do Fundo, que se mostrou simpática em acreditar nas projeções oficiais. Afinal, alguma credibilidade o governo angariou, depois de haver implantado, efetivamente, o processo de privatização.

O Plano Márcio não promete mais sangue, suor e lágrimas do que a taxa atualmente em uso no país. O que se busca, em essência, é continuar com o avião no ar, sem cair e, cada vez com menos turbulência. Busca-se equilibrar a economia, o que significa, em termos gerais, impedir que afunde mais. Uma vez obtido esse equilíbrio, aumentar o esforço para crescer. Enfim, um plano prudente, se for mesmo para valer a determinação de não agravar ainda mais as já con-

## Equilibrar, sem crescer



sideradas insuportáveis condições sociais e econômicas.

Para o ano de 1991, admite-se que se descubra, enfim, uma espécie de zero a zero, isto é, um crescimento de no máximo 1%. Em termos históricos, significaria que o buraco iniciado na década passada apenas deixou de crescer, não se redu-

ziu. O panorama se estenderia para este ano que começa: o governo perseguiria a meta de impedir o crescimento do buraco econômico, construindo as bases para detonar um leve início de retomada somente em 1993, a partir de quando se pretenderia dar partida à recuperação de um prejuízo acumula-

do em quase década e meia.

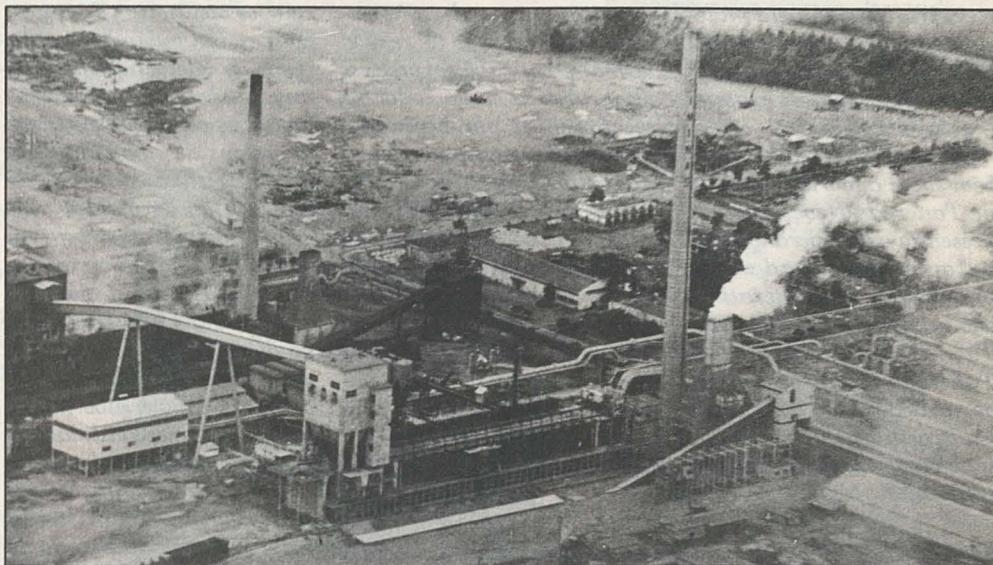
É possível visualizar as linhas gerais das intenções governamentais e até considerar que se escoram em raciocínio prudente e viável. O detalhe, porém, é que existe o fator social, desconhecido dos números econômicos. Se PIB, dívida externa, produção agrícola e industrial podem ser considerados equilibrados, se atingida uma espécie de congelamento, o mesmo não acontece com o dinâmico do social. Este exige sempre mais empregos e, na realidade, aquele congelamento puramente numérico das grandes contas econômicas significa que uma massa salarial, crescentemente desvalorizada, é dividida por uma massa humana sempre mais numerosa e necessitada, aguçando os desequilíbrios. Num país urbanizado como o Brasil, há muitos anos já se sabe o que isso significa, principalmente nas megalópoles industriais e suas áreas de influência. Os puros números ainda não aprenderam a dar racionalidade à fome.

## Usiminas: uma pérola a preço de banana

**N**a semana passada, quatro parceiros em um importante negócio siderúrgico registraram no Rio a criação de uma nova sociedade, que ganhou no batismo um nome fora do comum. A nova empresa se chamará "Sangue, Suor e Alegria S.A. - SASSA". Foi a maneira de os parceiros celebrarem uma dura batalha que travaram, com persistência, ao longo de três anos... E que foi coroada por uma vitória que não foi aquela inicialmente sonhada, mas que significou, assim mesmo, uma grande alegria. Os quatro parceiros são empresas compradoras, distribuidoras ou exportadoras das chapas de aço plano fabricadas pela Usiminas..."

Assim, começa a longa matéria publicada pela *Gazeta Mercantil*, em sua edição de 15 de novembro último, relatando detalhes da venda da Usiminas, que confirma, inteiramente, a denúncia que fizemos no último número de cadernos do *terceiro mundo*, de que o cartel dos distribuidores de aço, um dos mais ativos e parasitários do país, foi o grande ganhador do leilão de privatização.

A distribuição de uma parte expressiva da produção da Usiminas representa para o grupo entre 100 e 120 milhões de dólares por ano, através das cotas obtidas quase sempre por interferências políticas. Os quatro parceiros, que nós já havíamos revelado em nossa matéria, são a Confab Industrial S.A., de São Paulo, ligada ao grupo Vidigal; a Fasal S.A., de Minas, cujo diretor administrativo é o sr. Herchil Nélio Brumer, irmão do sr. Wilson Nélio Brumer, presidente da Cia. Vale



Em pouco tempo ficou claro que a privatização da Usiminas foi um grande negócio

do Rio Doce, que, como se sabe, arrematou uma das maiores cotas de ações ordinárias da Usiminas; o terceiro é a Benafer S.A., Comércio e Indústria, do Rio; e a quarta, a Rio Negro S.A., Comércio e Indústria de Aço, com sede em São Paulo e controlada pelo grupo japonês da Mitsubishi.

Esses quatro mosqueteiros - de acordo ainda com a *Gazeta* e confirmado mais uma vez por nossa reportagem - "compõem com o Banco Bozzano, Simonsen, o núcleo central de um consórcio acionário que controla hoje a maior usina siderúrgica brasileira". Investindo cerca de 80 milhões de dólares, quase tudo em "moedas podres" ("micos pretos") que foram admitidos no leilão e que valem menos da metade de seu valor nominal, esse grupo se assegura um lucro anual de mais de 100 milhões de dólares. Foi por isso que o diretor de uma dessas firmas definiu, para a *Gazeta*, o que a operação significou para eles: "Foi o negócio de nossa vida."

Além do Bozzano, Simonsen, outro banco teve

participação destacada nas negociações para formar o consórcio que hoje domina a Usiminas - o Econômico, do grupo Ângelo Calmon de Sá. O ex-ministro da Indústria e Comércio - segundo o jornal - "conheceu bem a Siderbrás e sabia que a pérola é a Usiminas". O Econômico, como os outros compradores, só usou "moedas podres" no leilão (120 milhões de dólares em debêntures da Siderbrás e Certificados de Privatização).

O jornal paulista traz ainda outra informação sobre uma relação pelo menos curiosa: o sr. Ricardo Soares da Rocha, eleito para o novo Conselho de Administração da Usiminas, era, até o ano passado, diretor do BNDES (que é executor do programa da venda das estatais) e foi contratado pelo Econômico "exatamente para estruturar a atuação do banco na privatização". Que vai se revelando, cada vez mais, um negócio *inter pares*.

## Inquerito e anulação

**A**tendendo a um pedido de 24 senadores, a Procuradoria Geral da República decidiu abrir inquerito para apurar possíveis fraudes ocorridas no processo de privatização da Usiminas.

Os senadores anexaram ao pedido cópia do "Termo de Compromisso", assinado pelos membros do consórcio que adquiriu o controle da Usiminas, estabelecendo condições que impediram a participação de outros concorrentes. O

procurador Álvaro Augusto Costa, que foi designado pelo procurador-geral, Aristides Junqueira, para conduzir o processo, afirmou ao *Jornal do Brasil* que "embora não se possa julgar, de antemão, se houve ou não fraude, os documentos apresentados caracterizam fortes indícios de irregularidades", que poderão - confirmadas - provocar até mesmo a anulação do leilão e da venda.

José Maria Rabêlo

Jango e JK

Parabéns a cadernos do terceiro mundo pela matéria de capa da edição nº 142, sobre as mortes dos ex-presidentes João Goulart e Juscelino Kubitschek.

É preciso perguntar também sobre a morte repentina de Tancredo Neves, que representava as esperanças populares depositadas no processo de redemocratização iniciado pelas "Diretas-Já". Hoje a família de Tancredo está processando os médicos que o atenderam em Brasília. Será que a morte de Tancredo foi diverticulite mesmo?

Cristina Costa  
Campina Grande - PB

Imperialismo

Já é o momento de contagiarmos este país com a semente do humanismo alerta e desconfiado para as estratégias dos países poderosos, verdadeiros dinossauros que, na sede de impor dependência vampiresca, subtraem a iniciativa, a vitalidade de outros povos para satisfazer seus interesses comerciais e plutocráticos.

O fomentador da pseudo-democracia no mundo é, em suma, plutocrático. O caso típico ocorreu na campanha para a reeleição à presidência de Jimmy Carter, demonstrando que existe um governo forte e vitalício por trás das aparentes eleições repetitivas. Não permitiram que Jimmy Carter retornasse, porque seu governo mostrara certo início de compreensão realista em relação às Américas (entre outras coisas). Usaram de um artifício que mostra que, dentro do próprio governo norte-americano, existem amontoados de pessoas com cargos vitalícios chaves, os quais, pressentindo problemas para as suas

idéias de mundo, intervêm com precisão maquiavélica. Pergunto: como conseguiram arquitetar uma decisão de adiar a libertação de reféns do Irã? Como se vê, foi preciso o concurso de embaixadores, telefonemas por baixo do pano, chefes em cargos elevados comprometidos com idéias diferentes das de seu próprio povo, para executarem o adiamento da libertação daqueles reféns.



Democracia quer dizer do povo, mas o que se vê são esses grupos preponderarem e atravessarem os anos.

O projeto ultramegalomaniaco da Guerra nas Estrelas não será descartado, pois é vital para esse governo das sombras da "democracia" norte-americana. A sempre presente paranóia norte-americana de que o comunismo ia se alastrar na América Latina... Mais do que nunca, era preciso matar todos os líderes progressistas, principalmente os esquerdistas, porque o único jeito é este: dispor de governos míopes e ideologicamente fracos, torna-se fácil a penetração econômica pelas transnacionais e outros meios, para a contenção de mudanças.

Quem examina as forças de esquerda daquela época e suas intenções, só pode dizer: quanta imaginação paranóica este Império Apocalíptico

norte-americano tem! É, no fundo, uma Hollywood...

Hoje, os fatos não mudaram, os meios, sim. Já não se pode matar, mas caluniar em redes de telejornalismo, deturpar e incutir verdadeiras lavagens cerebrais sutis pelos meios de comunicação, propagandear receitas de modernismos vindas dos norte-americanos, seja na moda, na comida ou até na educação (que, depois da onda, vemos não passarem de depravações e libertinagens para o enfraquecimento do povo). E mais: subornar ou intimidar às escondidas, ou comprometer através de parentes moralmente fracos - são casos rotineiros contra nossos futuros chefes de Estado ou nas manobras comerciais.

Somem-se todos estes casos e temos o Brasil que aí está, em estado de pré-coma pela destreza desses "médicos vestidos de branco", com seus remédios alopáticos tipo coca-atômica.

Resta a esperança de que, de tais experiências, nasça um povo esperto, cauteloso e forte, para dar estes remédios administrados por estes meios, nos próprios médicos que nos atacaram. E que, assim, tomemos a luz da razão novamente, pois o ser humano caminha com os dois pés: tanto precisa do pé da direita, como do pé da esquerda - precisa da parte individualista (que não é a capitalista crônica que procuram fazer) e da parte socialista (que também não é outro bicho-papão, como procuram descrever).

Enfim, senhores, vossa revista é vital, cuidem-se!

Geraldo L. Silva Jardim  
S. Amaro Imperatriz - SC

Guerra no campo

Sabemos que o trabalho de vocês é o de informar as pessoas sensíveis aos problemas sociais mais agudos que

afligem o Terceiro Mundo. Sabendo disso, gostaria que vocês se aprofundassem mais na questão dos assassinatos de camponeses e suas lideranças. Devo dizer que gostei muito da matéria "A guerra no campo", em cadernos do terceiro mundo, edição nº 138, onde são tratados assuntos como os do assassinato de Expedito e outras lideranças camponesas e até mesmo de simples lavradores.

Alenoilton Luiz de Faria  
Nova Veneza - GO

Vedete

Diante de tantos flashes e lentes, a assessoria de marketing presidencial não poderia deixar escapar a chance de tornar o busto do chefe mais assistido que o de vedete de cinema. Este outdoor ambulante tem encontro matinal, todo domingo, com os olhos da nação. Persuadir através da informação é desejo de todo governante, mas quase nenhum encontrou uma maneira eficaz e econômica como a camiseta, para atingir seu público.

Palavras combinadas, frases estruturadas, direcionadas sutilmente para segmentos, nem sempre são educadas. Algumas, um tanto ríspidas e arriscadas para a imagem presidencial? Leiga impressão. Permitir-se fotografar suado e estafante, representa habilmente o papel do presidente sacrificado, desgastado, que se derrete pela nação, mas ostenta bravamente o slogan semanal.

Neste momento, a opinião pública se curva diante da assessoria de marketing presidencial, rendendo-se ao desejo de conduzir, durante uma semana, a procissão de 160 milhões de cegos pela avenida da paciência.

Milton Regis  
Rio de Janeiro - RJ

Publicação com informação e análise das realidades e aspirações dos países emergentes

**EDITORA TERCEIRO MUNDO LTDA.**

Diretor Geral: Neiva Moreira

Diretores: Beatriz Bissio, José Maria Rabêlo, Henrique Menezes

Rua da Glória, 122 Grupos 101/102 - 105/106 - 20241 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Tel: (021)242-1957/222-1370 Redação, 232-1759 / 232-3372 Administração

Tel: (021)507-2203 Publicidade e Marketing (021)252-7440 Assinaturas

Fax: 55 21 252-8455 Telex: (021) 33054 CTMB-BR

Correio Eletrônico - Geonet: Terceiro-Mundo - Alternex: Caderno

**CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO**

Diretor: Neiva Moreira

Diretor Adjunto: Pablo Piacentini

Editora: Beatriz Bissio

Subeditores: Claudia Guimarães,

Procópio Mineiro

Consultores Especiais: Darcy Ribeiro

(Brasil), Henry Pease García (Peru),

Eduardo Galeano (Uruguai) e Juan

Somavía (Chile)

REDAÇÃO: Aldo Gamboa (Brasil),

Roberto Bardini (México), Carlos Pinto

Santos (Portugal), Cristina

Canoura (Uruguai)

SUCURSAIS: Paulo Cannabrava Filho

(São Paulo), Clóvis Sena e Memélia

Moreira (Brasília), José Carlos Gondim

(Amazônia), Antônio de Pádua Gurgel

(Vitória), Angela Carrato (Belo Horizonte)

REVISÃO: Cléa Márcia Soares, Júlio

Cesar da Rocha. DEPTO. DE ARTE: Tell

Vilhena (editor), Carlos Gomes (capa e

projeto gráfico), Silvia H. Pompeu, Sylvio

Paixão, Felipe Ortiz. FOTOS: France

Press, André Louzeiro, Hélio Santos

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO:

Maria Helena Falcão (diretora), Andrea M.

da Costa Santos, Isabel Falcão, Roberto de

Oliveira, Juliana Iocoty de Paiva Dias

BANCO DE DADOS e EDITORAÇÃO

ELETRÔNICA: Macário Costa (chefia),

Andréa Corrêa

ADMINISTRAÇÃO: Henrique Menezes.

CIRCULAÇÃO E ASSINATURAS:

Mauro Mendes

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO

utiliza os serviços das seguintes agências:

ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA

(Iraque), IPS (Inter Press Service), ALASEI

(México), SALPRESS (El Salvador),



CAPA: CARLOS GOMES (CRISTIANO); FICHAPOO: FLAVIO FOTOMINORI

ANDRÉ LOUZEIRO FOTO: MERCEDES SOSA

SHIHATA (Tanzânia), WAFA (Palestina), e o pool de agências dos Países Não-Alinhados. Mantém também intercâmbio editorial com as revistas: *Africa News* (Estados Unidos), *Nueva* (Equador), *Novembro* (Angola), *Tempo* (Moçambique), *Altercom* (Let-México-Chile), *Third World Network* (Malásia), *Israel and Palestine Political Report* (Paris) e *Against the Current* (EUA). Fotos: Agence France Press (AFP)

**SUCURSAL DE LISBOA:**

Diretor: Artur Baptista  
Tricontinental Editora Ltda.  
Calçada do Combro 10/1º andar  
Lisboa, 1.200 - Tel.: 32-0650  
Telex: 42720 CTM-TE-P

**INTERCÂMBIO**

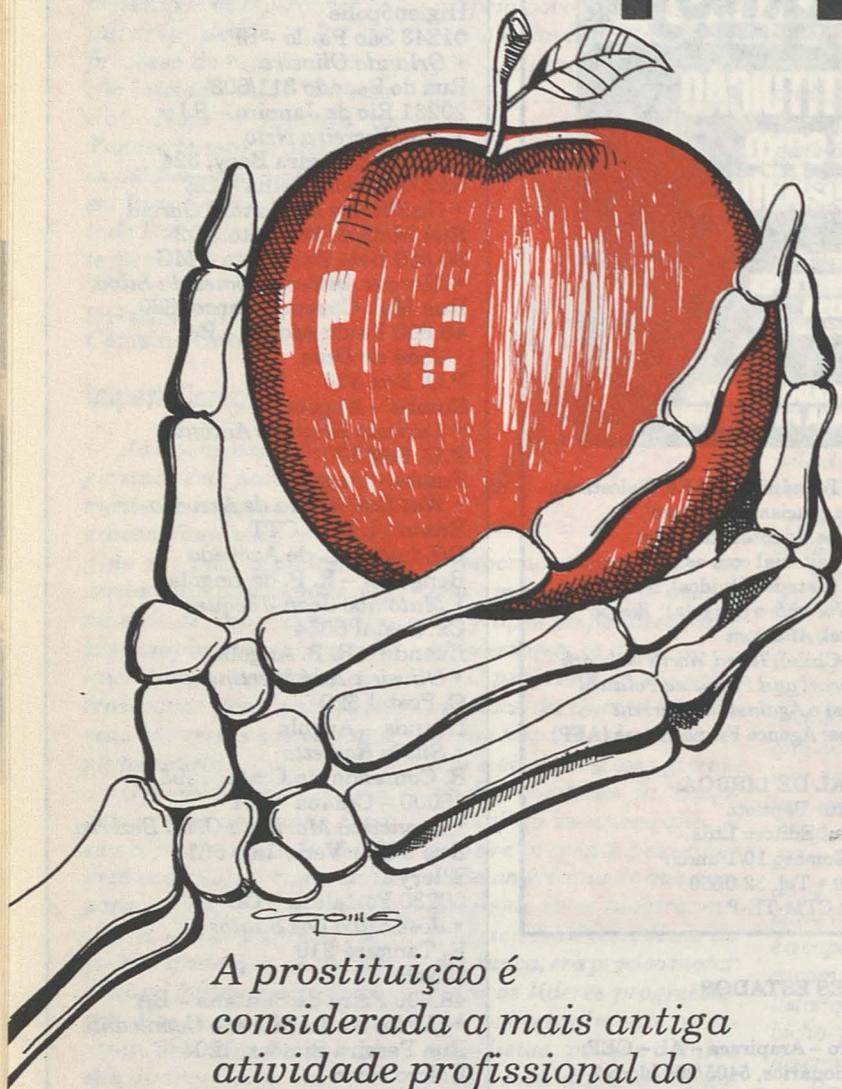
- *Maria das Graças Gomes dos Santos*  
Av. N. S. de Copacabana, 702 - B/5º  
Copacabana  
22.050 Rio de Janeiro - RJ
- *José Antônio Vieira da Cunha*  
Pça do Trabalhador 01 Insp. TCM  
76200 Iporá - GO
- *Walmir Cavalcanti*  
Rua Sergipe, 102 ap. 5  
Higienópolis  
01243 São Paulo - SP
- *Orlando Oliveira*  
Rua do Senado 311/603  
20231 Rio de Janeiro - RJ
- *José Ferreira Neto*  
Av. José Sobreira Bacý, 324  
63200 Missão Velha - CE
- *Guilherme Fernandes Garcia*  
Rua Matipó, 262 apto. 102  
30.350 Belo Horizonte - MG
- *Marcos Antônio Gomes da Silva*  
Rua Mal. Castelo Branco, 680  
48.600 Paulo Afonso - BA
- *João de Deus*  
P.O. Box 370  
Sumbe - Angola
- *Luciano Evaristo Antônio*  
P.O. Box 370  
Sumbe - Angola
- *Waldick Henda de Azevedo*  
Enatel. UEE - CTT  
C/Eduardo L. de Azevedo  
Benguela - R. P. de Angola
- *Mutombo Jean-Jacques*  
Cx. Postal 6654  
Luanda - R. P. Angola
- *Oliveira José Martins*  
C. Postal 520  
Luanda - Angola
- *Silvia Rossetto*  
R. Comandante Costa, 1395  
78000 - Cuiabá - MT
- *Francisca Marilena C. da Bezerra*  
Rua Major Verissimo 561  
Ellery  
60230 Fortaleza - CE
- *José Silva dos Santos*  
R. Tangará 210  
Cazeb  
48.600 Feira de Santana - BA
- *Carlos André Macedo Cavalcanti*  
Rua Pereira Simões, 1204  
Bairro Novo  
53130 Olinda - PE
- *Alexsandro D Brandão Hudson*  
Rua José Pedro dias, 732  
35430 Ponte Nova - MG
- *José Luiz Arenchi*  
Rua 24, nº 20  
Jardim Novo I  
13840 Mogi-Guaçu - SP
- *Francisco Fagundes de Lima Neto*  
Av. Joiville, 2910  
Conj. Santa Catarina  
59045 Natal - RN

**ASSINATURAS: REPRESENTANTES NOS DIFERENTES ESTADOS**

- Alagoas - José Macedo: Rua Santa Terezinha, 158 - Centro - Arapiraca - AL - CEP: 57300
- Ceará - Alexandre Carlos Ferreira: Av. dos Expedicionários, 5405/204 bloco 7 - Aeroporto - Fortaleza - CE - ☎ 245-1679
- Paraná - Joel Antonio Flores: Rua Senador Salgado Filho, 441 - União da Vitória - PR - CEP: 84600
- Bahia - Alfredo José Barreto: Estrada Monsenhor Costa, 340 - Xique-Xique - BA - CEP: 47400
- Santa Catarina - Augusto José de Almeida: Rua Rui Barbosa, 34/ Fundos - Agronômica - Florianópolis - CEP: 88025 - ☎ 281453
- Minas Gerais - Sinval Bamberia: Rua Rio Novo, 315 - Lagoinha - Belo Horizonte - MG - ☎ 442-4553 / 226-2564 - Cassio Avelino Soares: Rua Daniel Costa, 55 - Jardim São Luiz - Montes Claros - CEP: 39400 - MG - ☎ 221-1641
- Vitória - Gody Representações Ltda - Shopping Vitória - Ilha do Príncipe - ES - CEP: 29020 ☎(027) 229-9247
- Pará - Luiz Carlos Costa Ferreira: Passagem Gaspar Dutra, 102 - Souza - Belém - PA
- São Paulo - SARTI Representações Ltda.: Rua São Bento, 500/6º andar - São Bento - Centro - São Paulo - SP - ☎(011)367094
- Sergipe - Assine Representações: Rua Propriá, 48/202 - Centro - Aracaju - SE - CEP: 49010 - ☎211-3749
- Amapá - Raimundo de Oliveira: Rua Leopoldo Machado, 4164 - Beírol - Macapá - AP - CEP 68900

# PROSTITUIÇÃO

## O sexo por profissão



*A prostituição é considerada a mais antiga atividade profissional do mundo, mas não pára de evoluir, incorporando hoje novas modalidades, que mostram um mundo urbano moralmente cada vez mais liberado*

Patrícia Terra

**S**empre analisada com preocupação sob o ângulo da moralidade pública, a prostituição tornou-se uma atividade cada vez mais difundida nos grandes centros urbanos. Conhecido fruto da miséria social, que encaminha mulheres pobres para o meretrício da sobrevivência, a prostituição começa a ganhar contornos novos, com o surgimento de um mercado masculino do prazer, formado por jovens que desempenham papéis ativos ou passivos, segundo o cliente de ocasião, ou mesmo os dois papéis ao mesmo tempo, pois a freguesia desse segmento é constituída também por casais, que assim procuram instantes de fantasia, num triângulo em que uma das partes é de aluguel.

Moças casadouras já realizam suas festas de "despedidas de solteiras" em boates em que se exibem espetáculos de sexo, durante os quais as noivas são estimuladas a subir ao palco para apalpar os artistas. Enche colunas, nas seções de anúncios classificados de jornais, a propaganda dos serviços sexuais, onde homens e mulheres descrevem suas qualidades e põem um telefone de contato, para atendimento "a domicílio, em hotéis, motéis e a casais".

A incrível urbanização, aliada à crise econômica, gerou um padrão de afrouxamento moral e cultural, em meio ao qual prolifera a atitude da venda do prazer, cobrado até em dólar, nos meios mais sofisticados.

A prostituição deixou de ser um negócio de "zona", para tornar-se uma atividade ubíqua. Mesmo a televisão transformou em heroína de novela um personagem que representa uma dona de bordo de luxo, rica, prendada, fina, apresentada, aliás como o melhor caráter de toda a trama, uma espécie de Santo Antônio de saias, pois é dada a promover casamentos afortunados para suas pupilas. Ultimamente, a cafetina, já entrada em idade, anda adolescentemente apaixonada por um sessentá-

rico, que é, porém, um carpinteiro, aliás de muita sorte, pois além de conquistar a cafetina, só arranja trabalhos milionários para seus serrotes e formões. O autor vestiu seu personagem com qualidades que procuram reforçar a idéia da relatividade da vida: o médico safado vai sair santificado, a dona do bordel é uma pessoa admirável e um gênio do bem, pessoas pretensamente dignas, como um esforçado motorista de táxi, acabarão execradas.

Se vale tudo no esporte de garantir a dianteira da

audiência – que corresponde a faturamento comercial e poder político – a novela não deixa de expor um dado, que sempre preocupou os que se dedicam a analisar a questão da prostituição: o fator social que se esconde por trás de uma atividade que transgredir o chamado padrão de normalidade. E que hoje, no mundo que descobriu a Aids, é entendida como uma das atividades que ameaçam a sociedade.

Nesta reportagem, lançaremos um olhar sobre esse mundo diferente, mas tão presente no dia a dia da cidade grande.



## Os alegres rapazes

**E**les são rapazes que vendem potência. Se oferecem nas ruas, em termas e a domicílio, por contatos telefônicos, através de anúncios publicados em jornais. São os chamados michês, que representam o estereótipo do macho e, apesar de atenderem principalmente a homossexuais masculinos, não gostam de ser incluídos no grupo dos gays. Declaram que vendem atividade: a maioria jura que não desempenha nunca papel passivo na relação sexual com os fregueses. Virilidade, afinal, é o produto que oferecem.

São rapazes que vendem potência, mas será que também vendem saúde? Não vendiam, com certeza, até junho de 1989, quando o médico Eduardo Cortes apresentou, na Conferência Internacional em Aids, os resultados de pesquisas realizadas no ano anterior, nas ruas do Rio de Janeiro: havia 43% de incidência do vírus HIV-1 entre os praticantes de prostituição masculina no universo pesquisado.

A altíssima soroprevalência levou à criação do Programa Pegação, que visa à prevenção da Aids e de outras doenças sexualmente transmissíveis através de trabalho direcionado aos michês de rua do Rio. O programa, coordenado pelo psicólogo Paulo Longo, vem sendo desenvolvido por educadores em dez áreas da cidade onde ocorre prostituição masculina. Os educadores sociais estabelecem relações pessoais com os michês, distribuem camisinhas-de-vênus e material informativo e fazem encaminhamentos para serviços de saúde, quando há necessidade. O programa, reconhecido pela OMS e pelo Ministério da Saúde, já atendeu a cerca de 4 mil prostitutas e teve seus resultados apresentados nas duas últimas Conferências Internacionais em Aids. Seus efeitos positivos se notam, por exemplo, no aumento no uso de preservativos pelo grupo. Em 1989, apenas 15% dos prostitutas de rua do Rio usavam camisinha. Hoje, este índice é de 86%.

Para descobrir e compreender outros aspectos deste universo, que pode até passar por invisível de tanto se fazer "vista grossa" sobre o assunto, os educadores já realizaram 200 entrevistas com os rapazes. As entrevistas integrarão uma pesquisa, promovida pelo Instituto de Medicina Social da Uerj, que tem por objetivo definir o atual perfil de risco dos michês e tirar dúvidas quanto a aspectos comportamentais, tais como confirmar se todos são mesmo só ativos, como dizem, e determinar o número de michês que também são procurados por casais e mulheres sozinhas.

**A sedução** – A pesquisa faz parte de um conjunto de estudos sobre a sexualidade brasileira, que o antropólogo norte-americano Richard Parker vem desenvolvendo no Instituto de Medicina Social da



Foto: Denise Reis

Uerj, há três anos. Para ele – autor dos livros "Corpos, prazeres e paixões" (Ed. Best Seller) e "Aids, a terceira epidemia" (Ed. Iglu), escrito em parceria com Herbert Daniel –, transgredir idéias pré-fixadas sobre a sexualidade é uma prática erótica bastante verificada aqui, não só via prostituição. Segundo o antropólogo, o Brasil é o país da sedução – palavra, cujo sentido em latim é "levar para o lado" e, na boca do povo, "levar para o mau caminho".

"Basta ver que shows de *strip-tease* masculina viraram

moda no Rio. As filas nas portas das casas noturnas, antes formadas basicamente por homossexuais masculinos, hoje são compostas por muitos casais de namorados. Há também sessões em que só entram mulheres. Fazer despedida de solteira entre mulheres de classe média, nestes locais, já é uma prática comum, o que, na verdade, configura uma troca autorizada nos papéis sociais pré-estabelecidos. Nestas casas noturnas, não acontece prostituição deliberadamente, mas muitos atores fazem michê nas ruas. O que importa é que a masculinidade exibida por eles é usufruída hoje por gente de todo o tipo", analisa.

No que diz respeito aos encontros entre michês e clientes, Richard Parker afirma que geram um espaço, onde uma série de relações sociais é negociada através do sexo.

"São relações simbólicas, definidas por uma hierarquia sócio-econômica. Os prostitutos são mais

pobres e mais negros do que os clientes e estas características atraem a clientela que detém o poder econômico. Além disto, existe a variação de posturas passivas e ativas, nestes encontros. O protótipo do michê machãozinho e do cliente *bicha velha* nem sempre é verdadeiro. Num estudo etnográfico, percebe-se que estas posições são negociáveis. Aqueles que não assumem posturas passivas, publicamente, podem se desviar desta idéia entre quatro paredes", acredita.

"Aqui no Brasil, classifica-se de homossexual só o que faz papel passivo e cria-se espaço para o bissexual, assim como para o homem casado que tem amantes. Ninguém precisa saber que o homem casado vai para a cama com uma prostituta, um prostituto ou um travesti: escondido, ele age para fugir às consequências sociais e psicológicas de seu comportamento".

Esta variedade de parceiros descrita pelo professor pode caracterizar a vida sexual de um cidadão comum que, se agir com discrição, consegue manter intacta sua privacidade. Este mesmo cidadão, legitimado pela sociedade heterossexual, se diz inocente no que se refere à propagação da Aids e de outras doenças sexualmente transmissíveis (DST). "Existe um preconceito que põe a prostituta como bode expiatório, neste caso. Ela é vista como ponte para a doença, quando, através dela, a transmissão do vírus é razoavelmente pequena: talvez o cliente ofereça mais riscos para ela do que ela para ele. É claro que a prostituição em geral apresenta riscos, mas principalmente a masculina", lembra Richard Parker.

Na opinião dele, para que os programas de prevenção de DSTs tenham eficácia, é preciso que não se tente enquadrar as pessoas em padrões de normalidade sexual, mas sim que se afrouxe o moralismo com que se define a prática da prostituição. "Se o educador não se coloca contra o estigma e a favor do estigmatizado, não consegue nada", alega.

A abordagem dos michês pelos educadores do Programa Pegação realmente já não é fácil, mesmo havendo respeito às diferenças comportamentais que caracterizam o grupo. A cultura da prostituição é marcada pela dispersão: não há praticamente comunidades fixas onde os michês oferecem seus serviços. Tanto os clientes quanto os educadores têm que rastreá-los. "É preciso localizá-los para alcançá-los com as informações e os preservativos. Dos anos 60 aos 80, a prostituição masculina se desenvolveu muito. No entanto, com a chegada da Aids, a repressão moral sobre este grupo ganhou maior legitimidade. A sociedade se sente autorizada a julgar e, assim, a Aids tem servido como desculpa para a repressão sexual. Só que repressão não tem nada a ver com saúde pública. Não se faz ninguém ter saúde através de discriminação", adverte.

A ação educadora do Programa Pegação atinge principalmente o bar Maxim's e a Galeria Alaska em Copacabana, a Cinelândia e a Central do Brasil. Além dos rapazes, o programa assiste a um travesti

de 14 anos de idade, que atende pelo nome de Luciana. É a mascote do programa, segundo os educadores, que, por falta de verbas, não atuam junto a outros travestis, e tampouco junto aos prostitutos que trabalham só marcando encontros por telefone *hot line* ou que prestam serviços em saunas masculinas exclusivamente.

Outro grupo que não tem acesso a informações para a prevenção de DSTs, e que se coloca em posição de risco, é o formado por garotos de menos de 16 anos de idade, que se prostituem em casas localizadas em bairros periféricos do Rio. "Estas casas são supersigilosas. São ilegais, a polícia deve até saber que elas existem, mas elas oferecem perigo àqueles que as procurem por outras razões, que não seja fazer sexo com os garotos. Eu nem tentaria entrar numa destas casas, porque teria que esconder minha condição de pesquisador e não seria ético", lamenta o antropólogo. ■

## A história de Robson

"Se eu chego no quarto com um cliente e o cara fica desmunhecando, não consigo fazer nada. Ele tem que parecer ser homem pelo menos, senão eu não funciona". A afirmação é de Robson, um paulista de 20 anos de idade que, há três anos, se prostitui nas ruas do Rio. Ele divide um apartamento em Copacabana com dois outros prostitutos: os três também oferecem seus serviços através dos jornais. No apartamento, Robson cobra 20 mil cruzeiros para homens e 15 mil cruzeiros para mulheres. Se for a domicílio, o atendimento fica mais caro: os homens pagam 25 mil e as mulheres, 20 mil, fora o táxi. Como a maioria, Robson garante que não faz sexo passivo.

"Trabalho para dar prazer para os outros. Não converso com os clientes. Só quero chegar lá, ganhar meu dinheiro e pouco me importa a vida deles", diz ele, que é procurado principalmente por turistas, no verão, e, fora de temporada, por homens mais velhos e de classe média alta. "Se tivesse que escolher entre um cliente que fosse jovem e bonito e que me pagasse 20 mil e outro, velho, feio e sujo,

que me oferecesse o dobro, ficaria com o velho".

Robson afirma que só consegue se excitar com os homens quando pensa em mulheres. Sendo assim, o trabalho deve ficar mais fácil para ele, quando é abordado por casais ou mulheres sozinhas, como não raro acontece.

"Há muitas mulheres mais velhas que marcam encontros comigo por telefone. Às vezes, elas vêm em grupo, porque cada uma quer assistir a outra transar comigo e vice-versa. Quando sou procurado por casais, também é comum o homem sentir prazer só em ver a mulher na cama comigo, e a mulher pedir depois para eu transar com o marido dela, para ela ficar só assistindo", relata. "Uma vez, fui pago por uma mulher de 25 anos. Acho que ela gostou, porque marcou outros quatro encontros. Agora, não me procura mais. Deve ter se encontrado", especula.

Ser bonito e simpático são características que garantem sucesso na profissão que, segundo Robson, pode render até quatro programas em uma só noite. "Eu

era supervisor de vendas em Campinas. Trabalhava muito e não valia a pena. Aqui, eu posso ir à praia e me divertir. Quero ficar mais uns dois anos nesta vida. Depois, não sei o que vou fazer".

Paralelamente a sua vida profissional, Robson tem uma namorada que, segundo ele, já se conformou com a vida que ele leva. "Se eu souber que ela transa com outra pessoa, acaba o namoro, porque eu vou perder a confiança. Eu gosto dela, mas não sou apaixonado, não penso nela o dia inteiro. Quando isto me aconteceu, tratei de sair rapidinho da relação e consegui esquecer. Não trocaria a vida que levo por mulher nenhuma". Segundo Robson, a namorada é a única pessoa com quem ele não usa camisinha em uma relação sexual. "Tem cliente que oferece o dobro para transar sem preservativo, porque não sente prazer, se não for assim. Eu não aceito. Trocar a minha vida por 40 mil cruzeiros, nem pensar", garante.

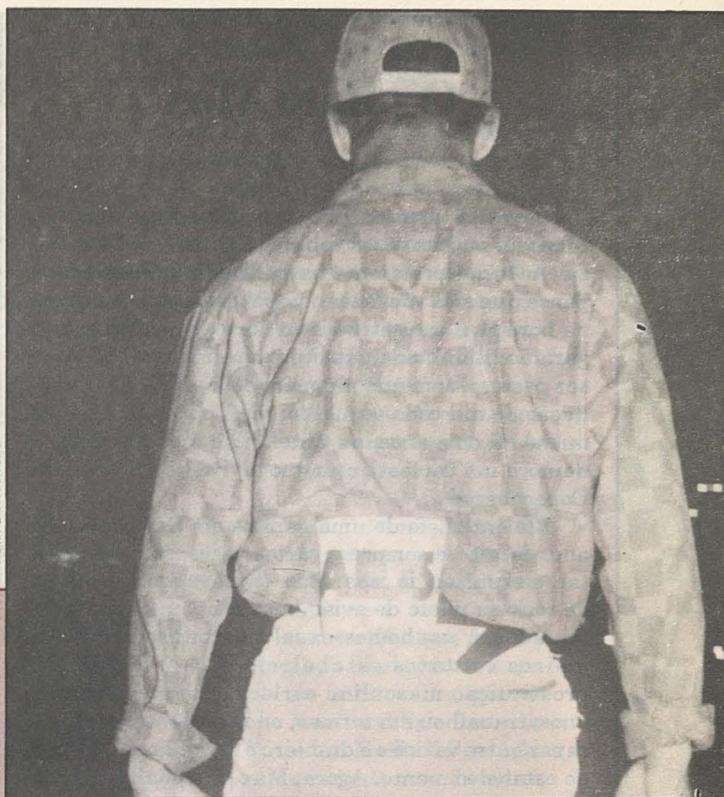


Foto: Denise Reis

## O piloto Max

“Travesti é quem se dá melhor. Prostituta e michê, como eu, muitas vezes voltam para casa de bolso vazio. Acho que preferem o travesti, porque a sociedade pensa que eles vão fazer o papel passivo. É mentira: na hora H, o travesti é quem faz o ativo. Tem muito garotão filhinho-de-papai procurando travesti para ser passivo, sem que ninguém desconfie”. Esta avaliação do mercado sexual foi feita por Max, que faz michê há dois anos, na Cinelândia e no Maxim’s, e namora um travesti, com quem vive há um ano, em Copacabana.

Ele era chefe de uma gangue em São Paulo até que, depois de ser preso várias vezes, seu pai, militar, o expulsou de casa. Max sonhava em ser cantor de rock ou piloto de avião, mas acabou no Rio, sustentado por um homossexual que conheceu nos primeiros contatos estabelecidos com o meio da prostituição masculina carioca. No início, aos 16 anos, trabalhou em termas, onde o cliente escolhe o rapaz entre vários e o dinheiro é dividido com o dono do estabelecimento. Agora, Max só trabalha na rua e escondido de sua atual parceira e mantenedora, o travesti Luciana, de 23 anos. “Se ela descobre, fica zangada. Tem ciúmes de mim e quer me sustentar. Eu gosto dela. Só sinto prazer na cama com ela e fico com vergonha de precisar que ela me dê dinheiro. Tenho saudades, quando a Luciana vai para a Itália trabalhar, mas, como sei que é necessário, eu espero: ela tira mil dólares por dia, trabalhando das 4 da tarde a meia-noite. Da última vez em que ela passou três meses lá, voltou com 40 mil dólares no bolso, fora as jóias. Se depender de mim, fico com a Luciana a vida inteira: ela é meu pai, minha mãe, meu irmão, minha mulher... Além disso, é superfeminina.”

Na rua, Max cobra 10 mil cruzeiros por cliente. “As pessoas querem coisas estranhas. Uma vez, um casal me pagou para eu ser ativo com o homem, ao mesmo tempo em que o homem era ativo com a mulher”, conta ele, que atende quinzenalmente um outro casal que mora na Barra da Tijuca. “Ele é bancário e ela é contabilista. Com eles, levo uns 50 mil a cada saída”, se orgulha.

Max também diz que só aceita ser ativo com os clientes. “Se quiser beijo, paga mais. Se quiser mais de meia-hora, paga o dobro. E tem outra: não transo sem camisinha com ninguém, a não ser com a Luciana, é claro”.

Ele diz que foi rejeitado pela família, mas que não se sente traumatizado. Pretende voltar à casa de seus pais um dia, mas só se for “por cima”. “Agora, estou feliz com a minha vida. Me sinto um herói. Como todo michê deve ser, sou corajoso e muito caradepau”.

## O society nos prazeres da noite

Foi pesquisando sobre *anarquia*, na Biblioteca Nacional do Rio, que Margareth Rago despertou a curiosidade para o tema que, durante seis anos, ocuparia seu tempo e resultaria em tese de doutorado em História, defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, ano passado, sob o título “Os prazeres da noite - prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)”.

Ela procurava conhecer a conceituação do verbo “amor livre” e o dicionário consultado indicou: “vide prostituição”. Mas, por que o senso comum vincula a liberdade amorosa à venda de prazer? A

partir desta pergunta, começa o levantamento da autora sobre as relações existentes entre “a profissão mais antiga do mundo” e a sexualidade feminina, na sociedade paulista do início do século.

**Mundo mutante** – A tese estuda as representações e mitologias que constituem o imaginário do submundo e destaca o interesse que a prostituição passou a suscitar entre médicos, juristas, criminologistas, literatos e jornalistas, a partir

de meados do século XIX. Verifica que a preocupação com a moralidade pública e com a definição dos códigos de conduta da mulher andava paralela a um intenso crescimento urbano e industrial, e parte para “despedaçar o que permitia o jogo consolante dos reconhecimentos e reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser, desfazendo os pontos fixos e explodindo as certezas definitivas”.

Certezas, como as definições e enquadramentos conferidos às mulheres pelas documentações encontradas. Eram citados, em contraponto à “rainha do lar”, dois tipos de “mulher da vida”: a “prostituta-vítima” e a “mulher-aranha” ou *femme fatale*. Mas, a autora pressentiu que era através das meretrizes que se produzia lazer em São Paulo, e se configurava uma geografia do prazer na cidade.

Acabou descobrindo que os fazendeiros do café,

Margareth Rago



### OS PRAZERES DA NOITE

prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 - 1930)



participando do mundo da prostituição, se sentiam modernos: suas esposas copiavam a moda, os hábitos alimentares e as bebidas ostentadas nos cabarés. Os bordéis, ou casas de tolerância, concentravam e distribuíaam lazer pela sociedade. Até os anos 50, era nestes espaços que se davam os grandes encontros e se fechavam os grandes negócios. A prostituição tinha a função de integrar e de introduzir o homem em outros campos da vida: era uma função sagrada.

**Descompressão** – Na tese, Margareth Rago constata que “a prostituição foi vivenciada como linha de fuga da constelação familiar, da disciplina do trabalho, dos códigos normativos convencionais: lugar da desterritorialização intensiva e da constituição de novos territórios do desejo”.

E mais: a autora diz que, além de lugar da transgressão do interdito sexual, como em geral é analisada, a prostituição foi o espaço onde puderam emergir outros modos do funcionamento desejante – anárquicos, microscópicos, diferenciados.

“Nos territórios do prazer, vivem-se possibilidades de perda da identidade na relação sexual, de desterritorialização subjetiva, ao invertirem-se os papéis e dramatizarem-se as situações, abrindo espaço à manifestação de ‘pulsões irreprimíveis’ que não podem se realizar na relação conjugal normalizada”.

A tese, transformada em livro pela editora Paz e Terra, se divide em quatro capítulos. Em “Brilhos”, aborda a prostituição como símbolo da radicalidade máxima e do perigo do relacionamento a dois, e traça os contornos da geografia do prazer constituída por práticas extraconjugais. “Opacidades” revela a apreensão dos setores sociais com a extensão dos “vícios urbanos”. No terceiro capítulo, “Labirintos”, aparecem os códigos deste microcosmo: as relações entre prostitutas, clientes, cáftens e caftinas. “Dramaturgias” encerra o livro, apresen-

tando o funcionamento do tráfico de “escravas brancas” da Europa para os mercados argentino e brasileiro, e mostra uma entrevista com uma ex-prostituta, hoje com 80 anos de idade.

**Versão de luxo** – Depois de realizar este trabalho, Margareth Rago concluiu que, mesmo com a revolução sexual dos anos 60, a sexualidade feminina não se tornou muito transparente com o decorrer dos anos e ainda merece a maior das atenções. Apesar do espaço da prostituição feminina ter possibilitado, e ainda possibilitar, uma nova respiração das coisas e das pessoas, necessária para o equilí-

brio da sociedade, o tema não é tão discutido hoje, segundo a autora, como a sexualidade masculina.

“Acredito que os homens estejam recriando uma época de opulência e poder, quando frequentam casas noturnas paulistas, como o Café Photo, onde impera a prostituição de luxo”, avalia a historiadora. No Café Photo, localizado nos Jardins, homens bem-sucedidos, muitas vezes bem-casados e bonitos, procuram a companhia de mulheres perfumadas e elegantes, que oferecem seus serviços sexuais por preços acessíveis a poucos: eles pagam até 300 dólares por uma noite.

As mulheres não se dizem prostitutas: afirmam que são universitárias, modelos ou atrizes e, assim, garantem bom movimento para as casas noturnas por onde passam. “O bordel de ontem, como o Palais de Cristal, que fi-

cava no centro de São Paulo, foi substituído por estas casas, que representam pontos de encontro e camaradagem masculina”, analisa Margareth Rago, atribuindo o retorno deste comportamento a uma espécie de negação das mudanças de papéis sociais entre os sexos, verificadas nas últimas décadas.

Enfim, os prazeres da noite continuam misteriosos. Como afirma o repórter Albert Londres, entrevistado por Margareth, “a verdade aqui não é dada de imediato. Não é suficiente levantar a cortina e dizer: olhe! É preciso reconstituí-la sem pressa, como se faz com as imagens de um quebra-cabeças”.

*“A prostituição foi vivenciada como linha de fuga da constelação familiar, da disciplina do trabalho, dos códigos normativos convencionais: lugar da desterritorialização intensiva e da constituição de novos territórios do desejo.”*

# As moças, sob um olhar humanizador

*Pesquisador se apaixona pela vida da zona*

**O** psicanalista e fotógrafo Hugo Denizart dedica-se, há dois anos, a acompanhar a vida das prostitutas das 44 casas da Vila Mimosa, o antigo Mangue, no Rio de Janeiro, que já foi a mais famosa zona de prostituição do Brasil. Fez mais de quatro mil fotos e dezenas de entrevistas com as prostitutas. O material vai amparar os argumentos da tese "Zona da paixão: um inventário das fragilidades masculinas", que ele pretende defender no fim de 1992, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ.

Denizart também quer publicar o texto da tese e fotos coloridas que tirou na zona, em um livro cujo custo é avaliado em 200 mil dólares. Ele espera obter financiamento através de organismos culturais estrangeiros. Poemas, que sua vida na Vila Mimosa inspirou, transformaram-se no livro "Como eles dizem...", recentemente saído pela Livraria Taurus-Timbre Editores e que é o segundo livro do autor — o primeiro foi "Inventando corpos".

**Ver o diferente** — O objetivo de Hugo Denizart não foi documentar a Vila Mimosa com suas fotografias, porque, segundo ele, "o documentário transforma o objeto em caricatura, ilustra o lugar comum". Ele não quer informar que a zona é decadente, exibindo a prostituta devassa, suja, depri-

mente. Quer descobrir um novo olhar sobre o espaço. Sua preocupação inicial foi a de não repetir imagens, mas juntar coisas que estão separadas, sem anular as diferenças. Como faz parte de seu estilo fotográfico o registro de fragmentos, ele começou escolhendo peitos, pernas e tecidos como objetos.

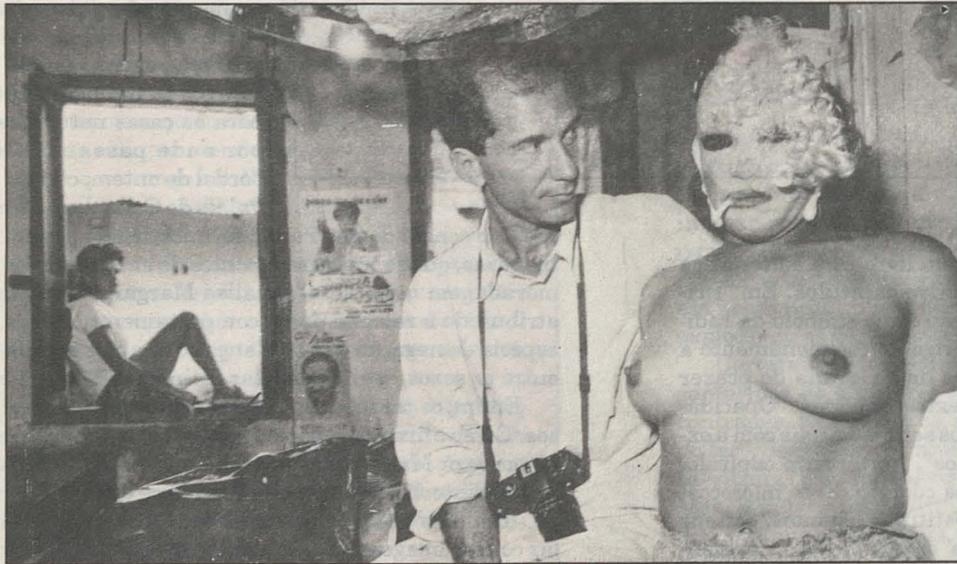
Frequentando a zona duas vezes por semana, Denizart foi descobrindo que as prostitutas poderiam ajudar a revelar o espaço que as mulheres ocupam no imaginário masculino. "Como as mulheres são as senhoras do sonho e os homens os senhores do real, e como as prostitutas da Vila Mimosa são verdadeiras deusas do proletariado, eu quis aguçar o sentido onírico que elas produzem, através das minhas fotografias", diz ele.

Para conseguir este efeito, Denizart passou a fazer fotos cenográficas. Cor, textura, transparência, brilho e detalhe foram construindo o novo olhar. Dados visuais da vila foram transformados em adereços: ele entrou nos banheiros, aproveitou azulejos e gatos transeuntes. Foi fotografando cada vez mais de perto. "Em certas partes do corpo, as intensidades são melhor captadas. Os bustos, em especial, me fascinam quando fotografados tão de perto: o olho passa a tatear, tato e visão se fundem".

Ele só não fotografou rostos. Fez questão de excluí-los, porque é por eles que os corpos são identi-

ficados e, na opinião dele, cada parte do corpo é tão significativa quanto o rosto. Como num jogo de falso/verdadeiro, passou então a utilizar máscaras de borracha na composição das fotos. "As máscaras funcionam como simulacros e anulam a armadura que o sistema impõe como imagem. Elas fazem parte da minha busca por novas possibilidades de leitura da realidade. A imagem pode criar subversões infinitas".

Denizart classifi-



ca esse trabalho fotográfico como o mais difícil de sua carreira. Por causa das precárias condições de luz dentro das casas, 90% do material foram para o lixo. Também não foi fácil conquistar uma boa relação com as modelos, que, a princípio, não admitiam ser fotografadas. Hoje, segundo ele, esse relacionamento é rico. Nas sessões de foto, as mulheres reclamam, mas se divertem. "Elas não entendem como eu posso ficar só no clic-clic-clic... Desconfiam até que eu seja homossexual. Mas, por outro lado, adquiriram confiança em mim", comenta.

Nestes dois anos, Denizart conquistou vários "colos" na zona – e de graça, porque as prostitutas vêm no trabalho dele uma forma de pagamento –, mas, segundo ele, o manguê nunca vai lhe parecer familiar. "Como homem, sempre tive medo das prostitutas. Me perguntava o que elas poderiam fazer comigo. Fico intimidado até hoje. Acho as prostitutas tão experientes que não imagino que possa dar nada a elas".

**Dependência masculina** – "Aqui são os homens que se submetem às regras das mulheres. Eles fazem o que elas mandam, porque elas oferecem o sonho. Na zona não tem super-homem. Tem homens que vêm escapar das leis insuportáveis do cotidiano. Muitos vêm só para ser escutados. Como o michê custa três mil cruzeiros, daria para o homem usar o ouvido da prostituta cinco vezes, ao invés de pagar por uma só sessão de psicanálise. Eu acho que as prostitutas têm mais capacidade de acompanhar o outro do que os psicanalistas. Na Vila Mimosa, elas funcionam também como terapeutas do proletariado."

As fragilidades masculinas aparecem claramente no depoimento de uma prostituta a Denizart. Ela conta que há uma "epidemia" de machões que



procuram seus serviços, para que ela faça sexo anal neles, com a ajuda de um vibrador. O mais curioso é que, na entrevista, ela confessa que estes são os únicos momentos em que ela atinge o orgasmo na zona.

A noite do lançamento do livro de poemas "Como eles dizem..." – escrito ao som de músicas francesas, em especial da canção "Comme ils disent", de Charles Aznavour – projetou a imagem de um mosaico móvel. Bricabraque de emoções. Pedacos de quebra-cabeças diferentes se misturaram e se confundiram no meio da rua da Vila Mimosa. Havia apreensão no ar, mas os convidados do autor, a imprensa e as prostitutas em trajes de trabalho conviveram em clima pacífico. A invasão de território não causou transtornos aparentes.

"As pessoas sentadas nas mesas da vila, como se estivessem na Avenida Atlântica, amigas minhas lendo em voz alta os poemas para os fregueses da zona, amigos meus sem dinheiro para comprar o livro, porque tinham gasto tudo com as prostitutas, foram cenas inéditas e inesquecíveis para mim", lembra Denizart. "Este foi o trabalho mais importante da minha vida: trazer as pessoas em carne e osso para dentro deste mundo. Foi uma sessão de psicanálise coletiva, onde houve reencontros de afetos que estão dentro e fora de cada um. Talvez eu nunca tenha sido tão bom psicanalista".

As prostitutas também gostaram da noite diferente. Os bares venderam muita bebida. O contraste entre mulheres elegantemente vestidas e as prostitutas aumentou a agitação típica do lugar. Afinal, todas as poesias contidas no livro são dedicadas às prostitutas da Vila Mimosa. Aumentou o orgulho daquelas que, pelo menos naquela noite, receberam olhares respeitosos, vindos de gente que, em outro contexto, as desprezariam.

**Seriedade e profissionalismo** – "O Hugo conseguiu mergulhar no mundo das mulheres daqui e aprender a linguagem delas", crê Eunice, a presidenta da Associação de Prostitutas da vila. "Depois

**A prostituição é fato corriqueiro nas ruas das grandes cidades**

*"Teu corpo flutuava entre fumaça  
nesse lugar pobre, quente e miserável  
Fizemos um céu para o encontro de deuses  
tudo ardia paixão  
teus seios ligados ao meu olhar  
minha câmera tremia  
meu corpo tocado pela beleza  
se unia ao teu  
para sempre  
a cortina da máquina abria  
saltava sobre você  
descobria a tua nudez  
me dava todo o prazer de captura  
não havia nem burguês nem puta  
Apenas um homem e uma mulher  
movidos pelo sensível  
Teu encanto de ser encontrada  
Eu  
de te procurar por toda a minha vida"*

que ele apresentar a tese, pretendo lutar para fazer uma exposição itinerante com as fotos que ele tirou. Vai ser uma maneira de mostrar ao mundo o outro lado das mulheres da vida: todas são mulheres normais, sérias e cheias de profissionalismo. O Hugo entendeu isto tão bem, que de vez em quando alguma mulher pergunta para ele: você está treinando para ser prostituto? Ele se diverte...”.

Quando concluir o trabalho da Vila Mimosa, Denizart tentará realizar outro sonho: montar, com profissionais especializados em Ciências Humanas, um inventário de todas as populações marginalizadas do Brasil. Nada impossível para quem dedicou a vida a decifrar as linguagens das minorias sociais.

“Quanto mais as pessoas destroem um lugar, mais eu quero desmontar o conceito negativo que o senso comum confere a este lugar. Meu trabalho sempre objetivou a destruição dos estereótipos, que paralisam o pensamento e são verdadeiros sintomas de doenças sociais”, explica. “O senso comum é uma sobrevida. É uma quantidade e não toda a quantidade que a vida oferece. O campo moral despotencializa as possibilidades do pensamento e

*“Querida estar na zona  
de repente você aparecesse  
viesses me buscar  
dessa solidão que grita como mulher no cio  
penetrada pelo amante.  
Me levar embora  
igual à esperança que as prostitutas têm  
um dia alguém chegará  
a vida vai mudar  
serão cobertas de carinho  
fazendo do passado algo que um dia muito  
longe aconteceu  
me levar para passear  
nos lugares mais prosaicos  
pode ser uma simples toca  
de várias entradas e saídas  
pra gente se divertir  
de se encontrar  
sempre de maneira diferente  
com calor  
da ternura às paixões  
vivendo da melhor maneira possível  
o amor.  
Fotógrafo, entrevisto, rio e brinco  
com as mulheres da vida  
gosto delas  
olho para a porta distante  
vejo quanto sou louco  
por imaginar tanta coisa  
me debruço sobre um violento  
lugar comum  
retiro peça por peça da engenhosa fantasia  
me dedico à morte.”*

quem só se guia por ele fica insensível para o fato de que a vida é intensidade pura”, argumenta ele, para justificar a forma como conduz suas atividades.

No início dos anos 70, a matéria-prima do trabalho fotográfico de Denizart foi o universo dos retirantes e de populações vitimadas por enchentes no interior do Brasil. “Como aquelas pessoas haviam perdido suas casas, ficaram desterritorializadas e a demarcação livre do espaço de cada uma passou a ser feita com cordas e panos, dando um efeito visual muito bonito”, lembra.

Depois, partiu para o registro das imagens itinerantes nas cidades grandes. Na Cidade de Deus, bairro pobre do Rio, se misturou a quadrilhas de traficantes, acabou sendo preso seis vezes e se apaixonou por uma mãe-de-santo local. Por causa dela, sofreu até ameaças de morte. Ele garante que o resultado do trabalho compensou o perigo.

Esgotado o tema, Denizart mudou o campo de atuação. Escolheu a Colônia Psiquiátrica Juliano Moreira. De 82 a 85, trabalhou *in loco* com a loucura, que gerou vários produtos culturais. Na colônia, coordenou uma pesquisa financiada pelo Ministério da Saúde, publicou um livro com fotos e textos – “Região dos desejos” – e fez dois filmes: um só com depoimentos de mulheres internas, que também se chama “Região dos desejos”, e “Prisioneiro da passagem”, sobre a obra de Artur Bispo, um interno que Denizart descobriu ser um grande artista. Com a obra de Bispo, ele montou uma exposição no Museu de Arte Moderna (MAM), no Rio, em 84. A exposição hoje percorre o mundo. Além disso, Denizart ensinou fotografia aos internos e promoveu uma mostra no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, com o resultado do trabalho de seus alunos.

**Mistérios** – O centro da cidade do Rio foi seu foco de atenção seguinte. As pessoas que moravam em carrinhos eram os objetos de registro. Um homem mereceu mais destaque, na época: “O carrinho era a obra-de-arte dele e era a minha fotografia. Cada vez que eu chegava, o carrinho estava diferente”.

Seu trabalho atual, junto às prostitutas da Vila Mimosa, o leva a acreditar que nunca vai desvendar os mistérios que cercam o lugar.

Mas o que vale, afinal, é a aventura pelo desconhecido. “...e sonhou um trabalho que seria a sua linha de fuga, sem unidade, sem general, que se conectasse com o exterior. Fosse uma trama, fazendo metamorfoses, variando, modificando, produzindo múltiplas saídas, sem ter o Estado como uma boa imagem interiorizada da ordem do mundo. Ela precisava respirar entre esses filmes, essa gelatina, essas impressões no papel cor. Criou fragmentos. Primeiro, eram só braços; depois, pedaços cada vez menores, micro-pedaços que, postados sobre um mapa celestial, guardavam com ele identidade e diferença...”

# Trabalho escravo vira rotina em Mato Grosso

*“Gatos” levam trabalhadores rurais do Nordeste para exploração total em grandes projetos do Centro-Oeste*

## Procópio Mineiro

**P**or três meses, uma Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI investigou denúncias de trabalho escravo em Mato Grosso. Os frequentes casos de trabalhadores que apareciam nas cidades, contando episódios escabrosos de maus tratos e falta de pagamentos por serviços realizados em fazendas, por meses a fio, levou à formação da CPI na Assembléia Legislativa matogrossense, cujos trabalhos confirmaram as denúncias, demonstrando ser prática comum de muitos fazendeiros a exploração descarada da mão-de-obra, incluindo assassinatos em casos de reclamação.

Ao divulgar as conclusões da CPI, seu autor e relator, deputado Wilson

Santos (PDT/MT), fez um apelo à sociedade para que apóie “a luta pela extinção dessa mácula social que perdura no limiar do século XXI”.

**Fuga dos 17** – O episódio que comoveu a opinião pública matogrossense, e mobilizou o Legislativo a investigar o assunto da escravidão naquele estado, foi a fuga, em junho, de 17 trabalhadores rurais que tinham sido contratados pela Cooperativa Agrícola dos Produtores de Cana de Rio Branco Ltda – Cooperb, situada no Km 60 da rodovia MT-170, no município de Cáceres. A fuga adquiriu tons de epopéia, pois o grupo caminhou a pé 60 quilômetros, sob o temor de serem alcançados, até Barra do Bugres, de onde se deslocaram a Jangada e, finalmente, Cuiabá, onde

puderam tornar público o drama que viveram. Para trás tinham deixado mais de uma centena de companheiros, que não puderam se arriscar à fuga.

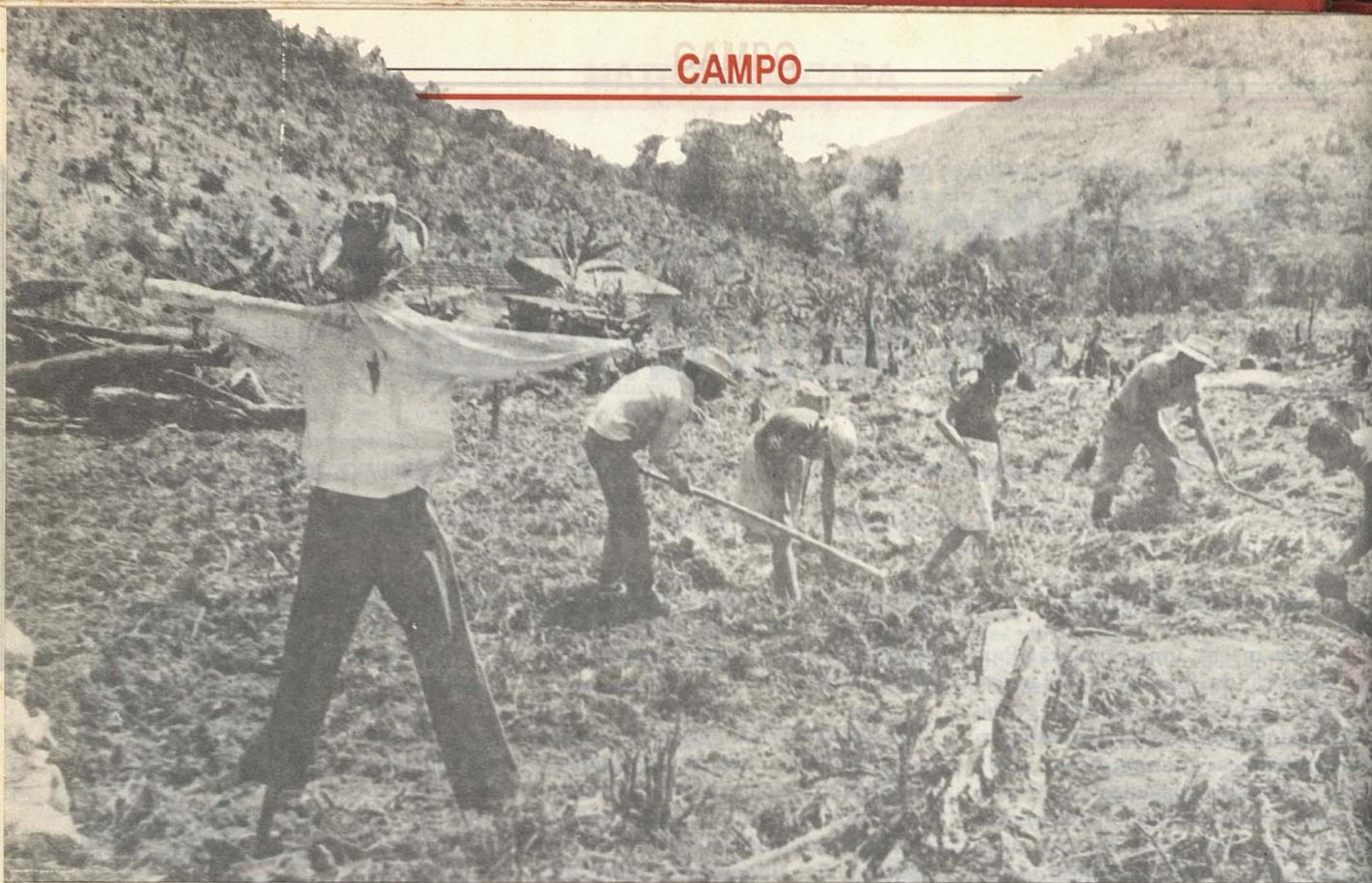


Wilson Santos

“Aqueles trabalhadores faziam parte de um grupo de 132 canavieiros arregimentados pela Cooperb no município de Jequié, na Bahia”, relata Wilson Santos. “A eles fora prometido condições de trabalho compatível com a função e remuneração condigna. Mas, encontraram apenas trabalho duro, alimentação



Apesar da legislação, o trabalhador rural é frequente vítima de constrangimentos e exploração e se multiplicam os casos de assassinatos e escravidão



Confinados em minifúndios os agricultores são obrigados a servir de mão-de-obra em propriedades maiores, sujeitando-se a condições de trabalho irregulares

ruim e insuficiente, além de não receberem o suficiente para pagar os gastos superfaturados com ferramentas, alimentação, e dormirem em péssimas instalações, convivendo, seguidamente, com ameaças de morte.”

Formada a CPI na Assembléia matogrossense, a comissão, acompanhada por representantes do Centro de Defesa dos Direitos Humanos da diocese de Cáceres, realizou uma inspeção na usina da Cooperb, constatando que os trabalhadores eram espalhados por três acampamentos: Lambari, Cabaçal e Draga. Em todos, “precárias condições de alojamentos, carentes de higiene e segurança”, segundo o relato da CPI. Confirmaram-se as denúncias de ameaças de morte aos canavieiros que reclamassem e os descontos extorsivos nos salários, cujos níveis ficavam muito abaixo do que tinha sido combinado, quando da contratação na Bahia, deixando os trabalhadores numa situação de permanente insolvência ante a usina.

Com a intervenção da comissão, já então contando com o apoio da pressão da prefeitura de Jequié e da Assembléia da Bahia, este caso dos canavieiros baianos teve solução: todos os 132 receberam uma indenização da usina e fo-

ram levados de volta a sua terra, em ônibus, um deles fretado pela Cooperb e o outro pela prefeitura de Jequié.

**Os oito de Poconé** – Quase simultaneamente ao caso da fuga dos 17 da Cooperb, ocorria o caso dos oito da Coo-cap, em Poconé. Eram trabalhadores que sofriam situação de escravidão e que conseguiram fugir da Destilaria Coo-cap, na localidade de Chumbo, em Poconé, deixando para trás uma situação desumana, submetida à qual permaneciam centenas – cerca de 800 – de seus companheiros, também baianos.

“Esses canavieiros denunciaram péssimas condições de alojamento, comida pouca e ruim, e pagamento apenas simbólico por 12 horas de trabalho diário. A inexistência de assistência médica agravava o quadro, pois naquelas condições eles adoeciam com frequência. Para conseguir a liberdade, os canavieiros caminharam aproximadamente 50 quilômetros, desde a destilaria até Poconé”, descreve Wilson Santos, em seu relatório.

Na visita à usina, os deputados constataram a presença de “inúmeros menores trabalhando no corte de cana, os trabalhadores não possuíam cópias dos contratos de trabalho e suas cartei-

ras profissionais ficavam retidas. Não existia assistência médica, o que se tornava mais grave devido ao isolamento. Os trabalhadores queixaram-se que todas as promessas foram descumpridas, mas que não tinham como ir embora, pois ficavam devendo sempre mais do que ganhavam, por terem de pagar pelas ferramentas, pelo recipiente de água, pelos colchonetes, alimentação. Ficando doentes, recebiam alimentação. Ao preço dobrado”, constatou, com assombro, a comissão.

Nas negociações que se seguiram, a usina foi levada a indenizar os trabalhadores e a providenciar o retorno de 232 a Feira de Santana, na Bahia, de onde procediam.

**Escravidão branca** – “Tudo isso ocorre, e com espantosa frequência, porque tais trabalhos são executados muito longe da já precária fiscalização do Ministério do Trabalho, em lugares fora dos olhos da população comum e da imprensa, propiciando um lamentável retorno aos tempos pretéritos à Lei Áurea, a chamada escravidão branca dos nossos dias”, considera o documento da CPI. “Como se não bastassem tais condições, os trabalhadores ainda são obrigados a pagar ao seu “senhor” pelas

ferramentas que usam, pela péssima comida que consomem, bem como pelo colchonete onde dormem, isso tudo a preços muito superiores aos do mercado, por ele "convencionado". Assim, além de mal pago, o trabalhador ainda vê descontado de seu salário toda a sorte de fatores instituídos pelo seu "senhor", circunstância que reduz ridiculamente aquilo que já é ridículo."

Hoje, uma legislação abrangente protege o trabalhador rural, envolvendo desde a proibição do trabalho de menor de 14 anos, oferta de alojamento,

transformou em trabalho escravo, cujo crime é previsto no artigo 149 do Código Penal, com penas de reclusão de dois a oito anos", opina a CPI, que foi integrada pelos deputados matogrossenses Serys Slhessarenko (PT), Romualdo Júnior (PFL), Jorge Yanay (PFL) e Lincoln Saggin (PFL), além do relator Wilson Santos (PDT).

**Rotina do desrespeito** - Com o meticuloso trabalho que realizou, a CPI matogrossense conseguiu caracterizar as irregularidades encontradas na Coo-

instaladas em Mato Grosso".

Em seu relatório, Wilson Santos denuncia, ainda, "a singular complacência das autoridades policiais e trabalhistas aqui instaladas". E conclui: "Além de ilegal qualquer locação de mão-de-obra não-especializada fora dos limites da CLT, estes "empresários" submetem os trabalhadores a toda sorte de abusos, tais como excessiva jornada de trabalho (de até 12 horas diárias), salário bem abaixo do mínimo constitucional (porque remunerados por tonelagem de produto agrícola colhido ou



Uma das técnicas empregadas contra os trabalhadores é a de torná-los devedores crônicos impedindo-os de buscar outras oportunidades

refeitório e banheiros gratuitos, até oferecimento de ferramentas, equipamentos de proteção, assistência médica e atendimento social aos filhos menores, além de direito à sindicalização e apoio de Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - Cipa.

"Como todos esses itens custam muito caro, e evidentemente reduzem em muito a produção (consequência direta da redução da hora/trabalho), o que faz com que se diminua o lucro final do produtor, as empresas procuram maquiar a relação de trabalho como sendo de empreitada (via "gatos", os subcontratadores da mão-de-obra), quando, na realidade, se trata de um desrespeito aos mais básicos direitos do trabalhador. Como faltaram as condições descritas pelas Normas Regulamentadoras do Ministério do Trabalho e Previdência Social, todo o trabalho se

perb e na Cooap como situações de trabalho escravo. A exiguidade de prazos impediu, porém, que os levantamentos se estendessem a dezenas de outros estabelecimentos rurais, contra os quais pairam denúncias. Os dois casos exaustivamente apurados, no entanto, transmitiram aos deputados a certeza de que não se trata de exceções, mas de um costume patronal frequente no interior matogrossense aquela gama de irregularidades contra os trabalhadores.

"Pode-se afirmar, genericamente, que as usinas empregam trabalhadores, em sua maioria advindos e recrutados nos estados da região nordeste do Brasil e que as obrigações trabalhistas não são respeitadas, bem como as condições de trabalho e liberdade oferecidas são precárias e restritas. Esses fatos são, portanto, comuns às usinas

cortado), péssimas condições de trabalho (porque normalmente insalubres, no caso da lavoura de cana, que antes é queimada para facilitar o corte), condição de moradia muito inferior ao humanamente razoável (normalmente dorme-se mal, em redes ou camas improvisadas) e alimentação incompatível com os rigores do serviço prestado."

As conclusões da CPI foram encaminhadas a diversas instâncias, como contribuição a investigações em curso e para exame judicial, com vistas a eventual abertura de processos contra os responsáveis pelas irregularidades. Outra decisão foi a de sugerir a aprovação de lei, que impeça benefícios fiscais e administrativos a pessoas jurídicas ou físicas "que atentarem contra a integridade física e moral, ou praticarem escravidão contra trabalhadores".

## O desafio da educação no campo



*Comunidade tem autonomia na coordenação da Escola-Família Agrícola, que produz alimentos e diminui o êxodo rural no Espírito Santo*

### Antônio de Pádua Gurgel

A questão educacional tem ocupado como nunca o noticiário da imprensa, depois que o presidente Fernando Collor encampou a idéia dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), implantados inicialmente na primeira gestão de Leonel Brizola como governador do Rio de Janeiro, e determinou a construção de cinco mil Centros Integrados de Atendimento à Criança (Ciacs), em cidades de todo o Brasil.

Acontece que, embora merecedoras de todos os elogios e homenagens, tais iniciativas surgiram apenas para contornar os difíceis problemas causados pela marginalização de contingentes populacionais, que vegetam nas grandes cidades. São, geralmente, provenientes do meio rural, onde não encontram condições mínimas de viver dignamente. No entanto, uma pergunta de certo modo tem ficado em segundo plano:

como o processo educacional pode contribuir para que as populações rurais cessem de migrar para as cidades, continuando a produzir alimentos e, além disso, deixando de se tornarem problema para toda a sociedade?

A resposta para essa pergunta vem sendo dada pelo Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (Mepes) desde 1968, quando foi implantada a primeira Escola-Família Agrícola, numa ação comunitária proposta pelo jesuíta italiano Humberto Pietrogrande, envolvendo as lideranças formais e informais do município de Anchieta, localizado ao sul de Guarapari.

Com o objetivo de estimular a promoção integral do homem do campo, o resultado concreto do trabalho, desenvolvido pelo Mepes nestes 23 anos, tem sido a formação de quadros para melhorar as condições de vida no meio rural, reforçar os seus valores culturais, incrementar suas entidades representativas e elevar socialmente o

agricultor, dos pontos de vista religioso, intelectual, sanitário e econômico.

**Ação comunitária** - Embora as primeiras unidades escolares, fundadas dentro da filosofia trazida pelo padre Pietrogrande da Europa, tenham nascido de uma iniciativa de autoridades e de outras lideranças locais, desde o início ficou claro que o papel da comunidade na nova experiência seria de fundamental importância. Hoje, 13 escolas, coordenadas pelo Mepes no Espírito Santo, e as dezenas que estão adotando sua metodologia, em vários estados brasileiros, surgem de uma decisão exclusiva das famílias e entidades interessadas, que também escolhem o local onde as escolas serão criadas, doam a área necessária para a obra e constroem as mesmas, com recursos arrecadados pelas próprias comunidades, sempre com assessoria do Mepes, mas com total autonomia quanto à gestão e orientação do processo educacional.

respeitados os parâmetros fixados pelo Conselho Federal e pelos Conselhos Estaduais de Educação.

Dentro desses parâmetros oficiais, o plano de estudo é elaborado a partir da experiência concreta dos educandos, que é o eixo central da aprendizagem. Conforme palavras da irmã Augusta de Castro Cotta, uma entusiasta da Escola-Família, "não é a experiência que vem em socorro da reflexão, mas a experiência torna-se o próprio elemento de reflexão. A realidade é enfocada em sua globalidade, do ponto de vista racional, técnico e reflexivo, sempre a partir da vida para voltar à vida. Procure a vida onde ela reina. Não traga as árvores para a classe. Leve a classe para debaixo das árvores".

Em termos práticos, as coisas acontecem assim: normalmente oriundos da mesma comunidade, os alunos recebem uma espécie de questionário, onde devem descrever sua vivência, as atividades de sua família, seus hábitos culturais e sociais, os produtos cultivados em suas propriedades rurais, as principais carências, alguma característica peculiar de seu núcleo familiar. Ao preparar uma redação com esses dados, o aluno toma consciência de si e de sua realidade, o que o ajuda a tornar-se sujeito de si próprio e a ampliar suas perspectivas, no contato com o conhecimento científico. Depois disso, as experiências individuais são reunidas em cadernos coletivos, que finalmente servirão de base para a elaboração do plano de estudo.

Um dos motivos que levaram padre Humberto Pietrogrande a decidir-se por esse trabalho foi a experiência adquirida, quando trabalhava com pré-adolescentes, provenientes de áreas rurais, em internato. Eis um de seus testemunhos: "Quando perguntei a um rapazinho de 13 anos, já no internato há dois anos, onde morava a sua família, sua reação foi muito estranha. Evasivamente, demonstrou o mal-estar que tal pergunta lhe causava. Aprofundei a questão e consegui localizar seus pais. Compreendi a situação de vergonha e constrangimento do menino. Seus pais eram por demais pobres e desprovidos de qualquer traquejo social. O rapazinho vivo, inteligente, líder de sua turma, distanciara-se de suas raízes, e lhe era penoso apresentar seus familiares e sua casa a seus professores e colegas."

**Como funciona** - As escolas são administradas por um Conselho, formado por representantes dos pais dos alunos, representantes dos alunos e dos ex-alunos, representante da prefeitura, da paróquia, dos órgãos técnicos que atuam na área e do coordenador da escola, sendo este nomeado pelo Mepes. A comunidade influi de maneira determinante na gestão da unidade escolar, não apenas nos aspectos econômico-financeiros, mas também nas questões relacionadas à política educacional.

Um dos princípios básicos da metodologia aplicada pelo Mepes é a alternância. No primeiro grau, o aluno fica, alternadamente, sete dias na escola de tempo integral e sete dias em casa, acompanhando e participando das atividades familiares. No segundo grau,

participaram do plantio de hortas em suas propriedades.

Nos períodos de permanência, a escola passa a ser a sua casa. Isso permite uma completa socialização do aluno, desenvolvendo nele as aptidões de colaboração e solidariedade para com seus colegas e professores, que se relacionam entre si como uma verdadeira família. As tarefas inerentes à convivência familiar são divididas e organizadas por todos, em sistema de rodízio, não havendo serviços. Além de duas cozinheiras em cada escola, apenas os cinco monitores são remunerados. Esses monitores, além de lecionar, coordenam as demais atividades da escola, onde se produzem alimentos - o que serve para reduzir custos e variar a dieta.



*Nas escolas do Meps, procura-se dar aos alunos ampla formação sobre o meio rural*

esses períodos são de 15 dias. Além de manter sempre viva a realidade familiar, comunitária e profissional na escola, o sistema permite que as dúvidas ou questões levantadas pela comunidade possam ser respondidas, durante o período em que o aluno permanece na escola, e tenham sua solução apresentada quando ele volta ao convívio familiar e comunitário. Essas questões podem envolver desde técnicas agrícolas até detalhes burocráticos de uma entidade de produtores rurais, passando por sugestões sobre maneiras de organizar uma festa de confraternização numa comunidade.

A introdução de verduras e legumes na dieta alimentar, em alguns casos, foi levada às famílias pelos alunos, que adquiriram esse hábito nas escolas do Meps, após o que sugeriram e

**Metodologia** - Além de financiar a hospedagem e alimentação de seus filhos (muitas vezes com mercadorias), os pais são chamados a participar em sua formação e educação através de visitas periódicas, quando recebem dos monitores os questionários mencionados anteriormente, que servem para elaboração do plano de estudo. A pesquisa, que serve de base para o plano, é realizada pelos alunos sob orientação dos monitores junto à família, oportunidade em que é provocada a transferência dos valores e conhecimentos dos pais e irmãos sobre todos os aspectos importantes da vida familiar.

Essa prática faz com que o aluno reconstrua, verbalize e descreva a história, os costumes, conhecimentos, aspirações e opções, que formam o pa-

patrimônio moral e intelectual de suas famílias e comunidades. Tal patrimônio é integrado na escola ao patrimônio moral e intelectual da humanidade, através do estudo e transmissão dos conhecimentos sistematizados, de forma que seja mantida e verificada a união entre a vida e a escola.

Também são organizadas excursões, em que os alunos podem ampliar seus horizontes e conhecimentos. Algumas dessas excursões são feitas aos locais onde estão morando antigos agricultores, que migraram para a cidade. Outras têm como destino indústrias, relacionadas ou não com a agricultura, portos, museus e outros locais, escolhidos de acordo com determinado tema.

Outro hábito cultivado pelo Mepes é a troca de famílias, programa em que, pelo menos duas vezes por ano, o aluno tem oportunidade de passar uma semana junto com a família de um colega, de acordo com sua livre vontade, se houver essa vontade.

Quando estão na escola, os alunos normalmente se levantam às seis horas, permanecendo em sala de aula das sete às 11h20. Entre meio-dia e uma da tarde, almoço.

Depois do jantar, a programação varia de acordo com decisão democrática de alunos e monitores. Pode ser discutido algum assunto de interesse direto da Escola-Família ou, suscitado por algum de seus integrantes, pode haver conversa com um especialista sobre determinado tema, representantes da comunidade podem falar sobre o funcionamento da Câmara Municipal, líderes sindicais sobre suas entidades, o prefeito sobre sua prefeitura. Mas, também pode haver a encenação de uma peça pelos próprios alunos, uma sessão de outra atividade artística ou, simplesmente, uma recreação. Beneficiando-se de um convênio entre a Fundação Banco do Brasil e a Fundação Roberto Marinho, as escolas do Mepes têm aparelhos de videocassete.

Monitores, que devem ter pelo menos o segundo grau completo, são treinados por um Centro de Formação do Mepes, em estágios onde adquirem conhecimentos de uma disciplina especí-

fica, além de receber informações sobre técnicas agrícolas, trabalhos práticos, economia, filosofia, ética, metodologia das Escolas-Famílias e pedagogia. Nesses estágios, é empregada a mesma metodologia de alternância utilizada com os alunos, sendo que, nos estágios, a alternância é feita em períodos no Centro de Formação mesclados com passagens pelas escolas, onde testam e aplicam os conhecimentos recebidos, além de se municiarem com perguntas que alimentarão sua programação de preparo. Existem ainda cursos com duração de uma semana, que são ministrados, anualmente, para aprofundamento e atualização. Podem participar das atividades do Centro de Formação pessoas enviadas por entidades que estejam interessadas na metodologia adotada pelo Mepes, desde que essas entidades arquem com as despesas e os candida-



*Os alunos alternam o aprendizado com a prática em casa com os pais*

tos sejam aceitos pela direção do Movimento Promocional do Espírito Santo.

O Centro de Formação, que funciona em Anchieta (ES), é dirigido por Sérgio Jamberlan. Presidido pelo padre Humberto Pietrogrande, o Mepes tem João Martins como vice-presidente, e como secretário-executivo o ex-aluno Idalgizo José Monequi. Humberto Nove e José de Anchieta Pempermeyer funcionam como assessores da diretoria.

**Financiamento** - Uma vez instaladas pelo esforço da comunidade, as escolas do Mepes provocam invariavelmente a sensibilização do poder público e de entidades variadas, que acabam se empenhando no seu financiamento, fornecendo equipamento e materiais permanentes, ou contribuindo nas

despesas correntes.

Embora o equilíbrio financeiro seja sempre um problema particularmente difícil de ser resolvido, normalmente as despesas das Escolas-Famílias são equacionadas em vários níveis. Os pais dos alunos assumem os gastos inerentes ao internato, como alimentação, material de limpeza, etc. As prefeituras locais participam custeando serviços gerais, como cozinheira e operário agrícola, bem como as despesas de transportes e material de expediente.

Através das Secretarias de Educação, os estados pagam o pessoal docente, apesar de até o momento sua contribuição não cobrir completamente essas despesas. O Instituto Espiritossantense do Bem-Estar do Menor colabora, com bolsas de estudo, para a manutenção de menores carentes nas Escolas-Famílias e também com o financiamento de material permanente na implantação da escola: camas, mesas, carteiras, material de cozinha, refeitório, etc.

No plano federal, o Mepes conta com a participação do Ministério da Educação para o financiamento do pessoal de apoio administrativo e do Centro de Formação. A Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor tem apoiado, através do fornecimento de material permanente e de equipamentos. Por sua vez, a Legião Brasileira de Assistência cedeu, em comodato, por tempo indeterminado, o terreno e a instalação da Escola-Família Agrícola localizada em Clivânia, município de Anchieta.

A nível internacional, o Mepes e as Escolas-Famílias têm contado, desde sua formação, com a participação de inúmeras entidades filantrópicas para o financiamento de projetos específicos. Entre essas entidades, podem ser citadas a italiana *Associazione Amici Dello Stato Brasiliano Espírito Santo*, as alemãs *Centrale Voor Bemiddeling Bij Medefinanciering Van Ontwikklings Programmas e Akitin Gegen Hunger Und Krankheit in Der Wet*. Além disso, esporadicamente são recebidas doações de outras entidades e pessoas físicas que desejam contribuir com a proposta do Movimento.



A má distribuição da terra no Brasil gera desequilíbrios sociais e econômicos e torna irracional a produção agrícola nacional

## Tamanho da propriedade exige legislação

*Sem determinar o tamanho máximo que uma fazenda pode ter, fica impossível racionalizar o campo brasileiro*

José J. Moraes Rêgo\*

Antes mesmo do período da Constituinte Nacional, a partir de estudos e referências existentes no Nordeste, já nos preocupávamos com o tamanho da propriedade rural, face a um zoneamento voltado para o setor primário, observada a situação de áreas dentro do Nordeste.

O ponto alto da nossa atenção ao fator propriedade — tipo, características, dimensões, potencial, etc. — está nos levantamentos, dados e relatórios da “Pesquisa para Determinação do Tamanho da Propriedade Rural do Nordeste”, trabalho realizado em conjunto pela Sudene e DAA/Bird. Se não houve aplicação desta pesquisa na escala devida, numa programação regular e duradoura, é certa a piora no Nordeste, quanto a este aspecto. Fraciona-se a propriedade aleatoriamente, a seca expulsa populações, os lati-

fúndios crescem, os grandes expulsam os menores que lhes sejam vizinhos.

**Contra desigualdades** — Por outro lado, apesar do esforço da Subcomissão da Constituinte Nacional ligada ao problema agrário e fundiário brasileiro, seu parecer foi rejeitado. A Constituição precisa ser regulamentada de forma profunda e objetiva, no que tange ao Título VII (Da Ordem Econômica e Financeira), no que diz respeito ao Capítulo III (Da Política Agrícola e Fundiária e da Reforma Agrária), como, também, reportar-se ao Artigo 170, que abre o Capítulo I, que trata dos Princípios Gerais da Atividade Econômica, notadamente referente aos “princípios” citados. São eles: “propriedade privada”, “função social da propriedade” e “redução das desigualdades regionais e sociais”. A reforma agrária pode ser integrante dos esforços para se evitar o agravamento das de-

sigualdades regionais.

Como, praticamente, nada foi dito pela Constituinte sobre o tamanho da propriedade rural, o estudo sobre o Nordeste foi visto como um mal, por alguns, pelo menos na segunda metade da década de setenta, por limitar a dimensão maior, propor aglutinação de minifúndios ou evitar, em muitas regiões, o maior fracionamento da propriedade — o quadro nacional está pior.

Esta afirmativa pode ser comprovada, por exemplo, pela reportagem feita pelo *Jornal do Brasil*, de 21/07/91. Intitulada “Concentração de terras é cada vez maior no Brasil”, de autoria de Ricardo Kotscho, a matéria cita dossiê do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra — MST, remetido ao Ministério da Justiça, com dados originários do Inera, conforme dito no jornal.

Se reconhecermos que pouco foi conquistado das

metas estabelecidas nos planos e projetos de reforma agrária, nos últimos 25 anos, constata-se que esta timidez se reflete na problemática do tamanho da propriedade. Esta carece de uma volta à Constituição, em forma de regulamentação daquilo que for pertinente, constante dos artigos 184 a 191.

Por outro lado, o Projeto Parceria recém-lançado pelo governo federal poderá retardar, ainda mais, uma reforma agrária significativa, pois dificulta o fracionamento da propriedade latifundista. Atingirá, negativamente, a qualidade e a validade dos processos desapropriatórios. Assim sendo, o país ficará em situação anterior ao Estatuto da Terra, prejudicando a este, bem como alguns válidos decretos imediatamente posteriores à Lei nº 4.504, em 1965 e 1966.

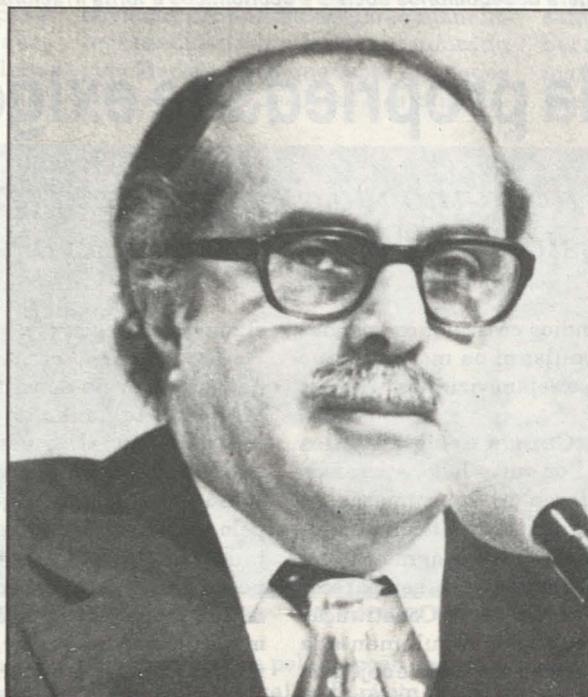
O autor foi chefe de gabinete do Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário — Mirad, em 1985.

# Memorial da América Latina: Um instrumento de integração

*Com a previsão de sediar  
o Parlamento Latino-Americano, a fundação cria um elo físico  
entre os países do continente*

**E**scritor com vários livros publicados, Paulo de Tarso Santos preside desde março a Fundação Memorial da América Latina. Mineiro de Araxá, onde nasceu em 1926, Paulo de Tarso inaugurou sua vida pública como vereador de São Paulo, em 1946. Foi deputado federal por duas legislaturas, prefeito de Brasília, em 62, e ministro da Educação, em 63.

Cassado no golpe militar de 64, asilou-se no Chile, onde viveu até 70. De volta ao Brasil, foi secretário de Educação de São Paulo em 83 e conselheiro do tribunal de Contas do Estado de 85 a 91. A nomeação é tida por ele como um "desafio" a enfrentar no rumo da integração do continente. Nessa entrevista a **cadernos do terceiro mundo**, Paulo de Tarso fala sobre os obstáculos à integração latino-americana e de seu trabalho no Memorial.



Paulo de Tarso: desafio no rumo da integração

*Como é que sua trajetória veio culminar no Memorial da América Latina?*

— Quando eu anunciei a decisão de me aposentar do serviço público, depois de 30 anos, isso chegou ao conhecimento do governador Fleury e ele me convidou para assumir a presidência da Fundação Memorial da América Latina. Creio que pesou na escolha a minha experiência latino-americana e minha declarada dedicação ao ideal de integração.

*Qual o seu conceito de integração e como o Memorial pode ajudar na sua implementação?*

— A integração é mais um valor a promover que um dado a verificar. O trabalho de integração se faz com emoção e com afeto. A presidência do Memorial não é um cargo burocrático, é um desafio, pois ele foi criado para ser não apenas um símbolo, mas um instrumento da integração. Na sua primeira fase, o Memorial cumpriu uma proposta de atividades artísticas latino-americanas. Agora iniciamos uma nova fase, com base em parâmetros diferentes e importantes, que incluem a expectativa de sediar o Parlamento Latino-Americano. Estamos trabalhando para que o Memorial seja a in-

fra-estrutura cultural do Parlamento. A Biblioteca, por exemplo, que já tem hoje 20 mil volumes, deve chegar logo aos 50 mil. Por outro lado, o Centro de Estudos está promovendo vários seminários sobre a integração, como, por exemplo, o Seminário sobre Identidade Artística, realizado paralelamente à Bienal de São Paulo, com a participação de intelectuais e produtores de arte de vários países.

*Que outros temas vinculados à integração serão abordados pelas atividades do Memorial?*

— Antes da Rio-92, o Memorial realizará uma conferência internacional sobre o tema *Amazônia: uma estratégia latino-americana*. O objetivo é dar aos países latino-americanos, que participarão da Rio-92,

uma base de estudo a nível acadêmico para que a América Latina não chegue à Conferência desunida e sem perspectiva que seja fruto de reflexão. É sabido que a Europa e os Estados Unidos trarão documentos sobre a Amazônia. A América Latina deve estar preparada para discutir as idéias que aqueles documentos vão defender. Temos o problema do dióxido de carbono, o efeito estufa — sobre tudo isso há muito exagero — e também as questões que envolvem a defesa dos povos da floresta, a indústria extrativa mineral, o problema botânico e também a questão da sabedoria.

*E na área de integração cultural, o que está programado?*

— Um dos seminários previstos será sobre o problema do currículo universitário do Cone Sul, com o objetivo de aproximação dos currículos, para facilitar o reconhecimento de diplomas entre os nossos países. Paralelamente ao Mercosul, foi firmado um tratado cultural que não teve muita divulgação. Resgatar esse tratado, dando cumprimento ao que foi convenicionado, é o nosso objetivo. Nesse sentido, estamos fazendo estudos preliminares para intercâmbio de jovens, em períodos de férias.

*Esses objetivos mencionados não têm muita divulgação. O que se pode fazer a respeito?*

— Realmente, estamos preocupados com a necessidade que o Memorial e, principalmente, o Parlamento Latino-Americano vão ter do apoio dos meios de comunicação para evitar o isolamento. A intenção é definir uma política que contemple, inclusive, a comunicação por TV, via satélite, a todos os países. Assim, as sessões do Parlamento poderão ser acompanhadas de perto. Além disso, vamos ampliar o espaço d o

Pavilhão da Criatividade Popular para abrigar artesanatos de todos os países membros do Parlamento. O critério é geopolítico, incluindo a soberania política. Assim, todos os países independentes poderão participar.

*Para quando está previsto o início do funcionamento do Parlamento?*

— A inauguração está prevista para julho de 1992, coincidindo com a realização da Rio-92. Esperamos contar com a presença de grande número de chefes de Estado, que virão para a Rio-92.

*Que outros eventos estão programados pelo Memorial?*

— Pretendemos realizar grandes eventos queaju-

dem a comunicar e a promover a idéia da integração entre a população. Temos o Festival de Cine Documentário da América Latina e o Festival da Canção Latino-Americana. Essas atividades já contam com um público numeroso. Vamos também vincular os núcleos de imigrantes latino-americanos que vivem em São Paulo. A Biblioteca já está adquirindo uma antena parabólica, que permita às colônias residentes assistirem os programas de seus países de origem. Hoje, já é possível ver filmes e vídeos, mas devemos possibilitar que assistam às programações ao vivo. E que os brasileiros também possam conhecer as notícias sobre os países da América Latina. Isso será também um serviço prestado em função da integração.

Foi criado também um departamento de Marketing Cultural, com o objetivo de buscar a associação com a iniciativa privada, para a realização de projetos especiais, de forma a baratear os custos operativos.

*Sabemos que há um projeto envolvendo o Memorial e as escolas. Como é isso?*

— É o projeto Escola Pública no Memorial, que começou no dia 10 de setembro, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado, e já conta com 126 mil alunos inscritos. Estamos recebendo 50 escolares por dia, até o mês de dezembro. Eles vêm de ônibus, assistem projeções de slides, visitam o Memorial, ouvem explicações sobre todos os edifícios, sobre as obras de arte e sobre as idéias da integração.

Para esse projeto foram selecionados 10 monitores da Faculdade de Educação da USP, que receberam cursos sobre integração. O mesmo curso foi ministrado a diretores de escola. A filosofia é de que é mais fácil ampliar a consciência da criança que a do adulto. Daí a prioridade para os escolares e a juventude universitária.

*E que outras atividades se desenvolvem no Memorial?*

— Estamos implementando a comemoração das festas nacionais dos países da América Latina. Oferecemos o espaço para que os consulados programem atividades, e assumimos uma parcela dos custos com as atividades artísticas. ■



O Memorial pode sediar o Parlamento Latino-Americano

# Aids, sem hipocrisia

*Ainda se aguarda política preventiva eficiente*

## Prof. Krishamurti Sarmento

**A**través dos tempos, sempre elegemos uma doença como o vilão da medicina. Agora é a síndrome da imunodeficiência adquirida – aids, na sigla em inglês, ou sida, na nossa língua. O que significam estas quatro palavras: *síndrome* – conjunto de sinais e sintomas; *imuno* – relativo à imunidade (defesa); *deficiente* – aquém do desejado; *adquirida* – recebeu-se de alguém.

O vírus HIV foi descoberto recentemente e associado não a um tipo de doença, mas à debilidade do organismo, dificultando sua defesa. A imunidade se torna deficiente e a pessoa passa a apresentar várias doenças. Se o organismo não apresenta defesa, fica difícil tratar o aidético das doenças provocadas por outros vírus e bactérias.

Educar – Aids não tem cura. O que é necessário é a profilaxia, a prevenção, a medicina preventiva, a saúde pública. Estas devem partir para a educação sexual – tardia, pois escuto, há cinco décadas, se discutir a responsabilidade da educação sexual, sem nenhuma conclusão.

Há anos fez-se o trocadilho *a sífilização vem da civilização*. A aids também vem do “progresso” do relacionamento sexual. Em nome do prazer maior – sem entrar no mérito dos conceitos e preconceitos –, as técnicas do coito, todos significando entrada do pênis na vagina, com ou sem ejaculação, foram alteradas, até mesmo tornando-se táticas – passou, então, a haver coito oral e anal.

Sabe-se que a mucosa retal é a preferida do HIV, sendo quase certo que tudo começou aí. É uma doença cuja prevalência iniciou-se entre homossexuais e depois entre os dependentes de transfusões de sangue – hemofílicos e hemodializados. Os dois grandes causadores: espermatozóides (esperma) e sangue.

Se a saúde pública fizesse a fiscalização rotineira do sangue contra diversas outras doenças – hepatite, doença de chagas, sífilis, malária, toxoplasmose (ler teoria Spoladore L.G.), brucelose, leptopirose etc. –, teria evitado, indiretamente, milhares de contaminações por aids. E o pior é que a mercantilagem do sangue campeia por este Brasil sem condições laboratoriais para analisá-lo. A convivência e a má fé convivem num clima de total irresponsabilidade.

**Encarar a realidade** – O que não é mais possível é que se continue aprofundando neste sistema inconsciente e hipócrita de saúde. Fica-se a discutir, em reuniões constantes, o preconceito contra o aidético, o tipo de propaganda e por quem deve ser feita, quem é culpado de estar doente – termina por ser o próprio – ou que aids tem cura, basta acabar com o preconceito.

O que deveria, porém, estar sendo feito no lugar dessas “reuniões” (reunião que nada resolve, segundo J. Sanderson) é a fiscalização e punição dos responsáveis pelo sangue neste país, através de uma decisão política firme e definitiva. E não estar se criando cargos e comissões para combater a aids, quando já temos pessoal suficiente trabalhando no setor de saúde pública. Fazer novos projetos, para quê? De planos e papéis estamos cheios.

Temos o exemplo vivo da lepra no Brasil, sobre a qual as autoridades chegaram à conclusão de que a doença é “fenômeno psicossocial-somático” e que “a primeira medida era instituir terminologia positiva”. A lepra passou, então, a ser chamada de hanseníase. Vinte anos depois, agora, somos o primeiro da América Latina e o segundo do mundo em lepra – veja **cadernos do terceiro mundo** nº 127.

Por favor, não vamos cometer o mesmo “engano” com a aids. O que a pessoal saudável e o aidético desejam são condutas com seriedade.

As propagandas de cigarros, principalmente na TV, são as mais vigorosas possíveis. Em contrapartida, aparecem, rapidamente, algumas palavrinhas, dizendo que faz mal. Por que não mostrar à população o câncer orgânico que pode causar o fumo?

Por que não mostrar a verdade nua e crua sobre a aids, sem preocupação com as promessas de carinho àqueles que poderão se contaminar? Tudo termina caindo no mesmo espaço: falta de decisão política.



Falta decisão política para mostrar a verdade sobre a aids

# Epidemia passa a marca do milhão

*Até o fim do século, doentes serão 40 milhões*

**Ana Angélica**

**A** Organização Mundial de Saúde adverte: um milhão de pessoas estão com Aids no mundo, e 1,5 milhão são portadoras do vírus HIV. Até o final do século, 40 milhões estarão contaminados em todo o planeta. No Brasil, dados oficiais registram 20 mil casos, excluído o número de pessoas infectadas pelo vírus.

Mesmo com este quadro alarmante, o brasileiro continua mal informado sobre a Aids. A população não quer alterar seu comportamento, ou por não participar de nenhum grupo de risco, ou por acreditar fielmente na sua capacidade de escolher o parceiro sexual.

Para os países do Terceiro Mundo, o método mais inteligente (e mais barato) contra a Aids é a prevenção. No Brasil, o Instituto de Estudos da Religião - Iser criou, em 87, o Apoio Religioso Contra a Aids - Arca, que combate a epidemia através de entidades religiosas, profissionais de saúde e organizações não-governamentais.

O mais recente lançamento deste projeto é a revista *Odô Yá* (odô-rio; yá-mãe), que trata da Aids sob a visão dos cultos afro-brasileiros (candomblé e umbanda). "Esta revista é dirigida às comunidades afro-religiosas, que se reúnem toda semana pela fé, aumentando o luta contra a Aids", garante a antropóloga Jane Galvão, do Iser.

A publicação (tiragem inicial de 50 mil exemplares) traz questões enfrentadas no dia-a-dia dos adeptos da religião afro, como o perigo de usar a mesma navalha (utilizada no corte no corpo) durante o culto. Numa linguagem de revista em quadrinhos, ela ensina como a Aids é transmitida e o valor da solidariedade para os aidséticos.

A distribuição gratuita entre os integrantes do movimento negro e entre os três mil terreiros de umbanda e candomblé, espalhados nas comunidades carentes do Rio, "abre a possibilidade de trabalhar com a população da periferia da cidade, onde há poucos grupos atuando", garante Jane. Apesar da distribuição estar centralizada no Rio, a



**A contaminação de crianças pelo vírus da Aids é a face mais cruel da epidemia**

revista já chegou a Salvador e São Paulo. "Estamos surpresos com a imediata aceitação."

Para um país onde o governo federal dá pouca atenção à saúde pública (veja caso da cólera), falar diretamente a públicos específicos sobre a doença mais grave do século contribui para sua prevenção. Enquanto buscamos o melhor método para informar a população, os países do Primeiro Mundo já discutem formas de tratamento. "Ainda estamos

na pré-história da Aids", lamenta Jane. Ela informa que o Ministério da Saúde pretende pôr em prática o projeto de municipalização da Aids, com a meta de atingir três mil municípios. "Ninguém sabe como isso vai ser feito, porque estamos entrando num período de eleição para prefeito", alerta. "Há a possibilidade de desvio de verbas."

A revista *Odô Yá* teve o apoio da Organização Mundial de Saúde e de entidades não-governamentais da Suécia e Suíça.

## Agentes estimulam prevenção sanitária

*Atuação comunitária mostra resultados no Vale do Paraíba*

O programa Agentes Comunitários de Saúde, já adotado com êxito no Ceará, segundo dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), está em fase de implantação na cidade de Santo Antônio do Pinhal, no Vale do Paraíba.

O objetivo do programa, aplicado em países cujas populações sofrem a carência de informações sobre saúde e higiene, é aumentar a capacidade da comunidade de cuidar de sua própria saúde.

A iniciativa de concretização do projeto partiu do Instituto de Estudos Monteiro Lobato, de Taubaté. Com uma verba de 60 mil dólares (aproximadamente 50 milhões de cruzeiros, no câmbio paralelo), obtida junto à Public Welfare Foundation, de Nova Iorque, o instituto pretende, até janeiro de 1992, colocar em funcionamento os seis postos de saúde previstos para a cidade, com dois agentes em cada, devidamente treinados.

A atuação dos agentes comunitários foi uma das alternativas encontradas pela conferência de Alma Ata, promovida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) na União Soviética, para levar as informações básicas sobre saúde e prevenção de doenças, sobretudo às populações que vivem afastadas dos grandes centros.

Na conferência, chegou-se à conclusão de que "a preocupação com a saúde deve começar em casa e se estender à comunidade".

Com experiências esparsas em vários países, os agentes comunitários tiveram sua primeira experiência sistemática na antiga China. Os "médicos de pés descalços", que atualmente somam cerca de três milhões naquele país, foram os primeiros agentes desse sistema, que procura levar a todos as noções primárias de uma medicina preventiva, de higiene e de saneamento.

Além da verba de Nova Iorque, o Instituto de Estudos Monteiro Lobato firmou convênio de cooperação com o Consórcio para o Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba e Litoral Norte de São Paulo (Codivap), no sentido de dar assessoria aos municípios da região que se interessarem pelo projeto.

Armando Barreto

## Interrogações do trabalho infanto-juvenil

*Complementação da renda ou consolidação da miséria?*

Há, hoje, no Brasil, 7,5 milhões de crianças e adolescentes que pertencem à população economicamente ativa. São engraxates, office-boys, feirantes e vendedores, operários mirins que engrossam, principalmente, o mercado de trabalho informal. Invisíveis perante a lei, crianças e adolescentes contribuem para que o país gere dinheiro, mas não recebem, em contrapartida, aquilo que seria a única obrigação do Estado para com elas: educação.



Vítimas fáceis da voracidade do capitalismo, essas crianças anunciam o brasileiro adulto que viverá, em um futuro próximo, na eterna reconstrução da sociedade. Sua vida será regida por uma confusa escala de valores, na qual direitos e deveres são determinados pela falta de lógica.

Preocupado em resgatar a cidadania das crianças e adolescentes, o Centro de Articulação das Populações Marginalizadas - Ceap organizou, recentemente, um seminário nacional para debater o trabalho infanto-juvenil no país.

O seminário reuniu duzentos profissionais de quinze estados e abordou o tema sob três aspectos: "A criança e o adolescente no mercado de trabalho", "Condições de trabalho da criança e do adolescente" e "Participação da criança e do adolescente na composição da renda familiar".

"Chegamos à conclusão de que o trabalho infanto-juvenil não serve, na verdade, como complementação da renda familiar, um raciocínio simplista. O que se verifica é que a renda familiar diminui, proporcionalmente, ante a necessidade de as crianças penetrarem no mercado de trabalho, geralmente recebendo vencimentos menores. É a consolidação da miséria no Brasil", conclui Ivanir dos Santos, secretário-executivo do Ceap.

Durante o debate, ficou claro que inverter o pensamento do governo, com relação ao trabalho infanto-juvenil, não é tarefa fácil. É que o Brasil não assinou a Convenção 138 da Organização Mundial do Trabalho, que proíbe o trabalho a menores de 18 anos. Além disso, existe um projeto em tramitação no Congresso Nacional, que pede a regulamentação do estágio infantil no mercado de trabalho. O projeto é do Juiz de Menores da comarca do Rio, Liborni Siqueira.

Sem se intimidar com as dificuldades, o Ceap promove uma campanha nacional para que se troque o trabalho infanto-juvenil por educação. Também elabora um projeto para regulamentar o aprendizado dos ofícios exercidos por crianças. "No Rio Grande do Sul, existe uma região em que a principal indústria é a de calçados. Cerca de 25% das crianças de lá trabalham nas fábricas, lidando com cola de sapateiro, a droga mais difundida entre crianças e adolescentes pobres no Brasil", denuncia Ivanir dos Santos. O Ceap pretende promover seminários regionais sobre o tema e organizar encontros estaduais de jovens trabalhadores, para que eles próprios aprendam a lutar por seus direitos.

Patrícia Terra

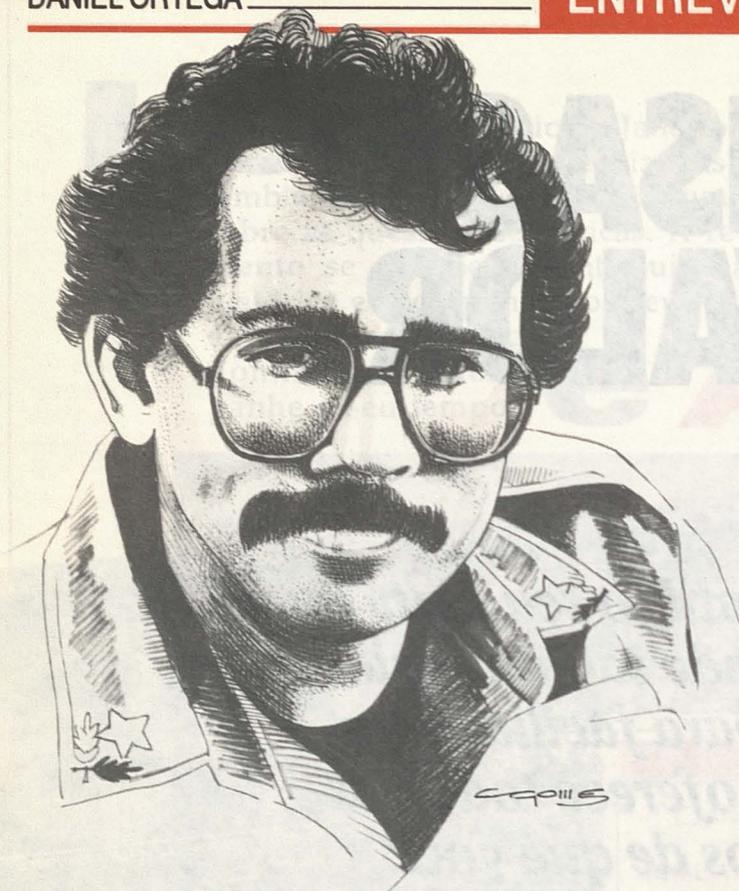
# COISAS DE VALOR

*Para o Mercantil, o seu bem-estar e a sua tranqüilidade são da maior importância. E, para facilitar sua vida, o Mercantil oferece todos os produtos e serviços de que você precisa. As melhores opções de aplicação, facilidades no crédito e assessoria financeira para pessoas físicas e jurídicas.*

*O Mercantil quer cuidar de tudo para você. E, por isso, oferece um atendimento especial. Personalizado. Porque tudo que tem valor para você também tem valor para o Mercantil.*

**MERCANTIL** 

O Banco que dá valor a você.



Luiz Carlos Bernardes

**D**aniel Ortega propôs aos representantes dos 55 partidos latino-americanos, europeus e nórdicos de vários matizes esquerdistas e progressistas, presentes ao 1º Congresso da Frente Sandinista, a formação de um bloco. Esse bloco teria a característica de ser, basicamente, do Terceiro Mundo, mas contaria também com a participação de setores avançados e organizações não-governamentais do Primeiro Mundo. Objetivo: conviver com a nova realidade redesenhada pelos três blocos mundiais – EUA, Canadá e México; Japão e “tigres asiáticos” e Europa unificada.

Ao fazer essa proposta, Ortega mantinha a face-ta ousada que marcou o revolucionário sandinista, mas mostrou também um perfil maduro. Um perfil adaptado inclusive a desafios como o de coabitar no poder com a presidenta Violeta Chamorro, com quem a Frente Sandinista vem tendo uma convivência positiva, a ponto de Daniel Ortega denunciar uma tentativa de golpe branco de setores da extrema-direita, com a finalidade de levar ao poder o vice Virgílio Godoy, “com apoio de representantes do governo norte-americano”.

O líder sandinista conversou com **cadernos do terceiro mundo** por duas horas, durante a visita que fez ao estado de Matagalpa, a 100km de Manágua, semanas após o 1º congresso da FSLN, realizado em julho, que o confirmou como a principal figura da Frente. Ortega foi eleito secretário geral da organização, transformada oficialmente em partido, o que

*Depois das mudanças no campo socialista, o nosso continente deve traçar sua própria estratégia de desenvolvimento*

## “A integração Sul-Sul é o caminho”

aponta a via eleitoral como alternativa e cujos estatutos consagram o pluriclassismo, abrindo-se aos pequenos e médios empresários.

Indicado como ponto de equilíbrio entre os chamados revolucionários e social-democratas que convivem na FSLN, Ortega mostrou no seu informe os avanços do governo que liderou, como o saldo na educação, a reforma agrária, o incentivo à organização popular e à atividade sindical independentes. Mas não deixou de fazer uma autocrítica, apontando um certo autoritarismo e alguns erros na gestão econômica, onde certos projetos não se encaixaram na realidade.

A visita a Matagalpa tinha por objetivo comemorar o 12º aniversário de uma cooperativa de trabalhadores rurais, cumprindo a rotina de visitas semanais ao campo, onde Daniel Ortega busca o apoio que considera fundamental para a Frente Sandinista voltar ao poder.

### • Quais as perspectivas da Nicarágua no novo contexto internacional?

– O futuro da Nicarágua está ligado ao dos países centro e latino-americanos. Temos que continuar avançando, apesar das tentativas norte-americanas de nos negar o direito a existirmos como nação.

O Leste já não existe como bloco. Temos que nos fixar em nossas próprias realidades, buscando a integração Sul-Sul, reconhecendo as especificidades de cada país, mas sem esquecer as necessidades sociais. Por isso, só a integração das forças populares no Sul e das forças progressistas no Norte fará com que chegue a uma nova ordem mundial.

No momento, há um vazio e temos que construir um bloco do Sul, com a participação dos movimentos pacifistas, ecologistas, ONGs, organismos religiosos alcançando as forças progressistas dos Estados Uni-

dos, Japão, Canadá, Europa, países nórdicos e árabes. Possíveis vínculos com a Internacional Socialista não devem evitar nossa autonomia.

● **Como vê o fim da Guerra Fria?**

– A bipolaridade possuía vantagens e desvantagens para o Terceiro Mundo. Trazia perspectivas de apoio a mudanças, não durante a luta, mas depois dela, com respaldo econômico e militar.

Mas, por outro lado, a presença do bloco do Leste era pretexto para os Estados Unidos tentarem negar nossos avanços e fazerem pressões militares e econômicas. Qualquer luta popular no Terceiro Mundo era apontada como de interesse dos países do Leste, esquecendo-se a história. Agora, esse pretexto não existe mais.

● **O que significou para os sandinistas a queda do bloco do Leste?**

– O marxismo, por princípio, é antidogmático e antimecanicista. O desafio que temos na América Latina é o de descobirmos nossos caminhos. Para isso, é fundamental nos inserirmos na nova economia mundial em um marco de interdependência, buscando acesso à ciência e à tecnologia.

Nós, sandinistas, lutamos na Nicarágua pelo socialismo. Qual? Temos que construir um projeto com economia mista, pluripartidária, o que inclusive está na Constituição de 1987. Nosso objetivo é a paz, a solidariedade humana. Queremos transformar o conjunto da sociedade e não apenas um setor dela.

● **Como o sr. vê o futuro da FSLN?**

– Ele será determinado pela nossa capacidade de luta e pela solidariedade internacional. Nesse sentido, a construção de um bloco progressista é também importante.

Entregamos o poder em 25 de abril de 1990. A Nicarágua vivia desde 1893 sob uma Constituição retrógrada, que definia privilégio para alguns setores. Já a Carta Magna aprovada em 1987 trouxe grandes avanços sociais e políticos.

Mas alguns setores, com apoio de segmentos conservadores dos Estados Unidos, querem destruir estes avanços. Inicialmente foi através do bloqueio econômico. Agora, pretendem se aproveitar da nossa derrota eleitoral para continuar buscando seus objetivos.

Querem, por exemplo, alterar a legislação de propriedade da terra. Mas, se insistirem em derrubar avanços sociais importantes, há o direito à rebelião, pacífico, cívico e, em último caso, armado. Temos mostrado que o direito de rebelião não pode ser anulado por decreto. Só poderá ser eliminado depois que os setores conservadores mostrarem capacidade de renunciar aos princípios revanchistas.

● **Há possibilidade de nova rebelião armada?**

– Queremos uma saída pacífica, constitucional. Nós, sandinistas, fizemos as primeiras eleições livres da história do país, sem fraudes, e entregamos o poder

pacificamente. Não vejo no momento perspectivas de um conflito armado.

Há setores conservadores que tentam uma espécie de golpe branco, buscando com a crise desestabilizar a senhora Violeta Chamorro, para que assuma o seu vice, Virgílio Godoy, um ultraconservador.

● **Com quem ficaria a presidenta na hipótese de uma rebelião armada?**

– Temos dialogado com a senhora Chamorro e com os trabalhadores rurais, inclusive os que estiveram ao lado dos *contras*. É um momento de unificação dos trabalhadores rurais. Há vastos setores com mentalidade conservadora, que não perceberam no primeiro momento os benefícios da revolução.

Nossa política agrária voltou-se muito mais a organizar as propriedades estatais, desestruturadas por Somoza, e à construção de centros de saúde e educacionais. Não se pode dizer que os sandinistas perderam o campesinato, nós nunca o tivemos.

Agora estamos avançando muito. Tenho me reunido constantemente com os trabalhadores rurais e seus líderes. Neste momento, é impossível falar em desarmamento dos trabalhadores rurais, porque as armas são os únicos títulos de propriedade de terra que possuem.

Queremos seguir dialogando e resolver pacificamente os problemas. A segurança para os homens do campo não é a arma e sim a terra. Garantam-lhes terras e não haverá problemas. Estamos propondo ao governo a criação de fundos de terras em cada cidade e cada estado. Estas terras têm que sair dos que têm mais, não há outra solução. Defendemos o respeito aos pequenos, médios e mesmo grandes proprietários que produzem muito. Não queremos tampouco tomar todas as terras dos latifúndios improdutivos.

● **Mas, objetivamente, há possibilidade de rebelião armada?**

– Só em caso de profundos retrocessos. Há mudanças econômicas, realizadas pelo governo, em função da política neoliberal, mas que não ameaçam as grandes conquistas obtidas pela Frente. Mas não se pode violentar a Constituição para defender interesses particulares. O custo social e econômico que resultaria de uma ameaça à estabilidade seria imenso. Por isso, não creio que isso aconteça.

Vencemos várias provas de fogo. Não pensamos apenas num partido e sim no país. Existe uma rejeição à hipótese de nova guerra, tanto da parte do governo, como dos sandinistas. Nesse sentido o Congresso da Frente foi importante, porque saímos unidos. Se sássemos dividi-

*Violeta Chamorro: uma convivência positiva com a FSLN*



dos, talvez a estabilidade fosse ameaçada, porque a tentação do golpe seria grande.

● **A Frente se arrepende de ter realizado as eleições?**

– Elas eram inadiáveis. Estavam na Constituição e deveriam ser respeitadas. Eram também instrumento importante para desmontar a política de guerra dos Estados Unidos. E foi isso que aconteceu: chegamos à paz sem abrir mão das conquistas revolucionárias.

● **Que tipo de diálogo acredita ser possível com os Estados Unidos?**

– É possível dialogar com setores políticos norte-americanos. Isso ficou claro já em 1989, com a reunião que tive com o então vice-presidente George Bush.

● **O que acha das relações entre o governo nicaraguense e Washington?**

– O governo da Nicarágua resiste em alguns pontos às pressões norte-americanas e cede em outros. De qualquer forma, não vem tendo a posição de subserviência que os Estados Unidos esperavam. Por isso, inclusive, não tem o apoio financeiro esperado.

● **Que balanço faz do período em que os sandinistas estiveram no poder?**

– Houve redução do analfabetismo de 52 para 11%, erradicamos epidemias, como poliomielite, que causavam centenas de mortes anuais. Mas, o mais importante é que a liberdade, o direito de falar e ser ouvido, a cidadania, a consciência de que o cidadão pode e deve lutar por suas reivindicações, assumiram força muito grande, que estava sufocada pelas décadas de somozismo. Este foi um avanço importante.

No campo econômico, mesmo com alguns equívocos, a transformação foi grande, conseguindo-se com a reforma agrária beneficiar cerca de 120 mil famílias de trabalhadores rurais.

O caos deixado por Somoza, o embargo econômico e a guerra provocada pelos *contras* prejudicaram muito o país. Foram mais de 60 mil vítimas da guerra, com 30 mil mortos. Houve incorporação maciça da população à defesa, com a participação de trabalhadores urbanos e rurais, o que consumiu anualmente cerca de

*Educação e saúde: duas prioridades durante o governo sandinista*



50% do PIB. Mesmo assim, o balanço é amplamente favorável. Fomos o governo mais honesto da história da Nicarágua.

● **Como o sr. vê a questão da democratização do poder?**

– É fundamental para qualquer sistema, socialista, capitalista ou social-democrata. O fenômeno do Leste europeu serve de lição para se entender que as mudanças não podem terminar com a tomada do poder.

Após a Segunda Guerra, a União Soviética teve condições de fazer mudanças internas, inclusive com relação aos direitos individuais dos cidadãos. O socialismo que existia nos demais países do Leste era imposto pelas tropas soviéticas.

Acho que o governo é um servidor da sociedade, não mandatário. É um desafio obter-se a incorporação da sociedade ao processo cotidiano de tomada de decisões. É preciso evitar a burocracia que normalmente atinge os sistemas do poder.

● **Fala-se na existência de princípios revolucionários – defensores dos chamados princípios revolucionários – e social-democratas. Há divisão na Frente?**

– Há um debate rico na Frente, com diferenças táticas. Há pequenos setores com posições ortodoxas, do período inicial da revolução, mas sem maior influência na FSLN.

O indiscutível é que a Frente é uma organização de esquerda. Teremos que continuar discutindo a democracia interna, mas sem esquecer as nossas perspectivas, sabendo somar forças para, sem sectarismos, desenvolver nosso projeto nacional.

Não podemos ignorar a política neoliberal, mas também não podemos nos curvar a ela. Temos que possuir a capacidade de ter em nosso projeto setores médios e até setores das elites que

estejam dispostos a trabalhar seriamente.

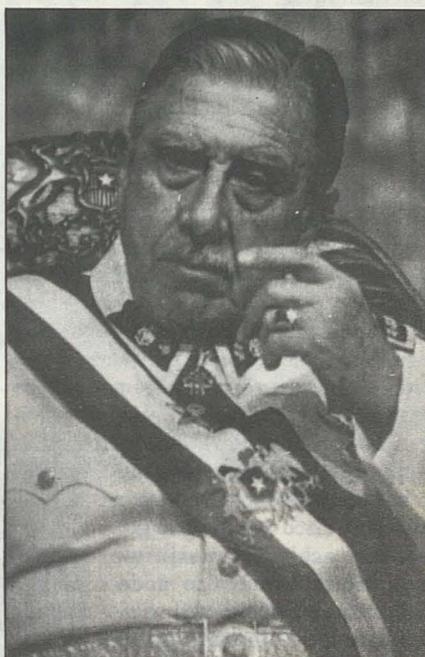
Não podemos sufocar idéias, ao contrário, queremos que elas floresçam. Devemos ter a capacidade de ouvir a sociedade.

Não devemos, por exemplo, buscar o aniquilamento automático do sindicalismo e dos movimentos sociais, que devem ter sua própria dinâmica, o que só é possível com autonomia.

# O poder popular retrocede

*Ao cumprir um terço do seu mandato de quatro anos, o presidente Patricio Aylwin já não conta com o entusiasmo das organizações sociais*

Luis Maira\*



Patricio Aylwin (esq.) manteve o modelo econômico neoliberal estabelecido por Pinochet

Existem poucos exemplos mais claros do impacto das novas modalidades do processo político da América Latina, que os ajustes vividos pelo sistema político chileno, no início da transição dirigida pelo presidente Patricio Aylwin.

Nesse terreno, um tema crucial é o papel desempenhado pelas organizações sociais que tiveram uma participação decisiva na luta contra a ditadura do general Augusto Pinochet. O regime autoritário foi o mais forte entre os do Cone Sul. Provavelmente porque Pinochet tentou uma reestruturação mais profunda do sistema político, da economia e da sociedade.

Mais que nenhuma outra ditadura baseada na doutrina de segurança nacional, a chilena teve um caráter especial. Ela levou adiante um trabalho cuidadoso em todas as esferas: desde a elaboração da nova Constituição até um ativo trabalho junto a certos núcleos populares menos organizados, nos quais o governo foi se aproximando a partir da atividade dos prefeitos. Foi nesses grupos que Pinochet selecionou os jovens mais destacados do sindicalismo e da nova direita.

Talvez por essa razão a batalha para recuperar a democracia tenha sido mais longa e difícil no Chile do que em outros países da região. Em nenhum outro lugar os militares tiveram tanto êxito na aplicação de uma estratégia econômica que lhes permitisse sair rapidamente da crise de 1982, nem tanta dureza e resolução para reprimir os dissidentes que reivindicavam a abertura política.

**Canalizar a rebeldia** – A partir do início dos protestos nacionais, magistralmente elaborados em maio de 1983

como um método para fazer uma efetiva oposição a Pinochet, enfrentando riscos pessoais, a sociedade chilena começou a reconstituir o tecido social que a havia caracterizado.

A idéia de escolher um dia de cada mês (o 11, em que se comemorava a data do golpe de estado de 1973) permitiu canalizar de várias maneiras a rebeldia social existente em amplos grupos populares e setores de classe média. O barulho das panelas em uma determinada hora e as pequenas concentrações de grupos de vizinhos nas esquinas eram acompanhados de uma série de boicotes que demonstravam a insatisfação com o governo: não mandar os filhos à escola, não comprar nos mercados, nem fazer trâmites burocráticos nas secretarias do governo.

A partir daí se deu o impulso para a reorganização das entidades sociais

mais representativas. Resgatou-se uma direção nacional do movimento sindical. Foram democratizados os tradicionais diretórios estudantis nas universidades. Forças democráticas conquistaram a direção dos conselhos regionais de vários setores profissionais e se construiu toda uma rede organizativa nas populações de zonas periféricas.

Durante três anos, até 1986 – quando o projeto de uma saída democrática radical foi afastado –, estes grupos foram a coluna vertebral da resistência e assumiram uma orgulhosa atitude de liderança, que seus dirigentes mantêm até hoje. E embora desconcertados por não terem conseguido derrotar o ditador e pelo fato de que este ao final tenha retomado a iniciativa política, o certo é que esses setores também desempenharam um papel decisivo na vitória do

"não" durante o plebiscito de outubro de 1988 e na vitória eleitoral do "Acordo Democrático", em dezembro de 1989.

**Uma nova fase** – A partir de 1990, em compensação, logo no começo do governo de Patricio Aylwin, esses setores começaram a perder o papel central que tinham. A equipe política da nova administração tem-se rendido à evidência das restrições colocadas pela "política de mãos atadas", habilmente implementada por Pinochet no último ano de seu mandato.

Com minoria no Congresso apesar de ter recebido o apoio de 56% da população – em virtude da existência de nove "senadores biônicos" indicados ao final da ditadura –, o governo teve que iniciar negociações com os partidos de direita – Renovação Nacional e a União Democrática Independente – para conseguir a aprovação de seus projetos. É o que hoje se chama "a democracia dos acordos".

Ao mesmo tempo, o governo de Aylwin tratou de todas as maneiras de dividir o bloco conservador formado pelos empresários e militares, além dos dirigentes políticos. Para obter a confiança dos primeiros, o que constitui um ponto chave para afastar o risco de um novo golpe, tem aceitado continuar com os fundamentos do modelo econômico neoliberal estabelecido por Pinochet e com seu instrumental de políticas econômicas.

Naturalmente, a contrapartida tem sido a busca consciente de um menor papel

para as organizações populares. Estas, que esperavam ter cotas importantes de participação na tomada de decisões do governo democrático, em áreas como saúde, educação, moradia e política de trabalho, têm sido marginalizadas e mantidas distantes do trabalho dos administradores da transição.

Como em outros países do continente, a política no Chile tem sido exercida cada vez mais "de cima para baixo". O governo, onde a direção das equipes políticas e econômicas concentram as decisões, tem reduzido o espaço das iniciativas do Parlamento.

Os novos parlamentares, por sua vez, não têm recursos nem capacidade para satisfazer as expectativas de seus eleitores. A antiga pressão do mundo social organizado perdeu seus espaços e o processo político em geral está cada vez mais condicionado pelo acesso à televisão – onde se constroem todas as lideranças – e pelos resultados das pesquisas.

**Crescimento insuficiente** – Ao restabelecer-se a democracia, as organizações sociais têm mostrado, além do

mais, algumas debilidades que antes não tinham sido percebidas. A principal delas é a diminuição de seu poder dentro da sociedade. Um bom exemplo é o movimento sindical: em 1973, no início da ditadura, a Central Única de Trabalhadores reunia 37% da força de trabalho. Em 1989, logo depois de restabelecida a Central Unitária de Trabalhadores, os assalariados filiados a sindicatos representavam cerca de 10,3% (483.411 em relação a uma população economicamente ativa de 4.674.600 pessoas).

No primeiro ano da transição, se notou um maior dinamismo, mas ao fim o aumento estava longe de ser espetacular: o número de trabalhadores sindicalizados aumentou para 12,4% (agora são 588.458 de um total de 4.728.600).

Nessas condições, o movimento sindical tem conseguido pouca coisa. A nova legislação trabalhista acabou mutilada por acordos com a direita e as primeiras grandes greves organizadas pelos setores mais poderosos, os trabalhadores do cobre, acabaram sem maiores êxitos.

Este panorama que representa o movimento sindical pode se aplicar com matizes mais sombrios ainda, a organizações de jovens, mulheres ou a associações de moradores. Muitos dirigentes destes grupos começam a distanciar e mostrar certo ressentimento com os partidos democráticos e com o governo. Vêm se reduzindo inexoravelmente o seu espaço de atuação política e suas cotas de poder e, portanto, não conseguem que se imprima um passo mais rápido e audaz à transição.

Por outro lado, eles não conseguem apresentar uma alternativa e o descontentamento tende a enfraquecer no Chile – como em outros países da região – o dinamismo das correntes sociais organizadas.

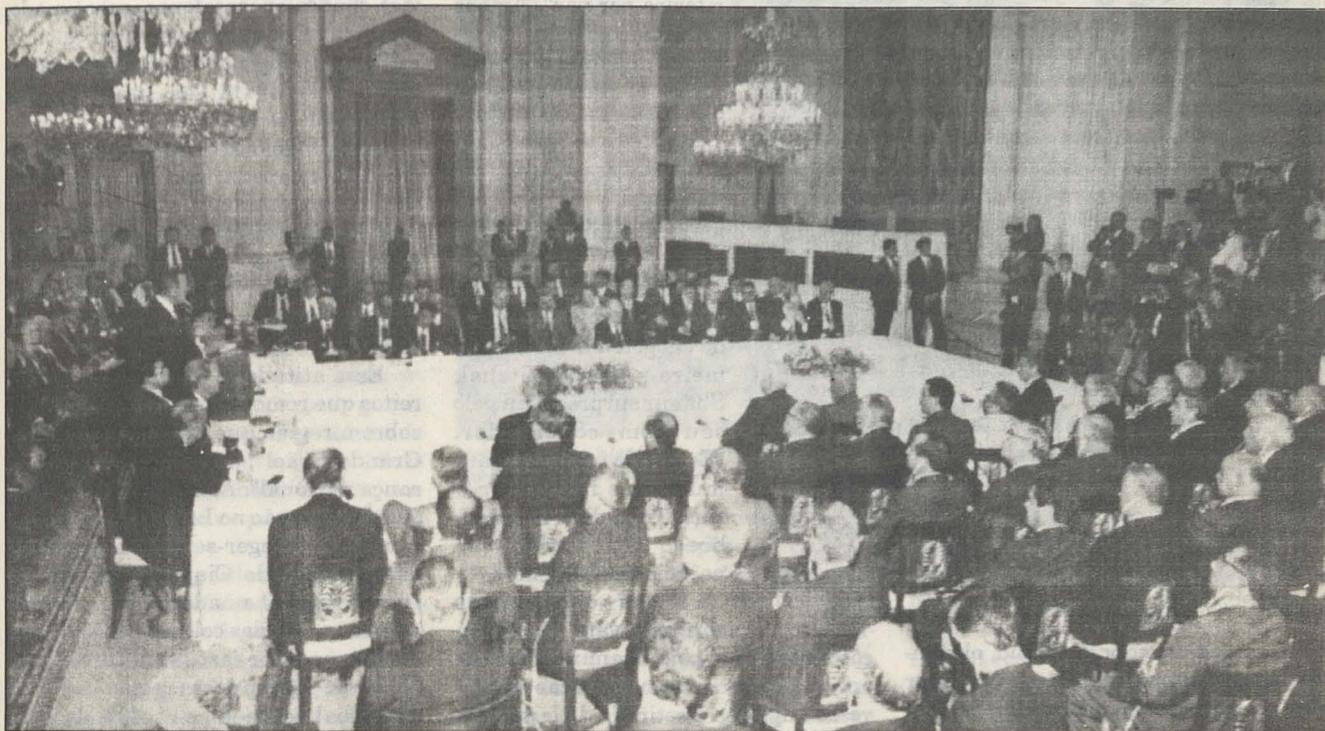
Ao concluir a terça parte do seu mandato de quatro anos, o presidente Aylwin não tem motivos para temer uma ação radical das organizações sociais que exigem o pagamento da dívida social ou a punição dos culpados pelas violações dos direitos humanos. Não tampouco conta – definitivamente – com o apoio cálido e articulado das organizações sociais, que tinha ao início sua gestão.

Luis Maira é advogado e professor de política internacional. Ocupa a secretaria geral do Partido de Esquerda Cristã que representa no "Acordo Democrático", coalizão que levou ao poder o atual presidente, Patricio Aylwin.



**As organizações sociais estão perdendo o espaço político que tinham conquistado ao protagonizar a luta contra a ditadura**

# Renasce a esperança



A conferência de Madri representou o primeiro passo concreto rumo à paz no Oriente Médio, depois de cinco décadas de guerra

## Mohamed Salem

Quando os seis mil jornalistas que cobriram a conferência de paz para o Oriente Médio em Madri consideraram concluído seu trabalho e voltaram a seus países de origem, a maior parte deles partiu com a convicção de ter assistido a um evento histórico, destinado a ser analisado no futuro como um marco no longo e sangrento conflito regional.

O centro de imprensa montado especialmente pelo governo espanhol havia se transformado durante quase uma semana no estúdio das principais redes de televisão do mundo, mostrando um desfile incessante de dirigentes árabes e israelenses, soviéticos, norte-americanos e europeus. Suas declarações iam servindo de termômetro para avaliar os altos e baixos da negociação.

Como não houve nenhuma resolução espetacular, os mais radicais ou os que conheciam menos os complexos meandros da política do Oriente Médio, se apressaram em afirmar que, apesar de toda a expectativa, a conferência ha-

## *A decisão de Israel de aceitar pela primeira vez as resoluções da ONU sobre os territórios ocupados abre um novo capítulo na vida da região*

via sido um "fiasco". Mas esse não era o sentimento dominante nem entre os jornalistas, nem entre os delegados. Mudanças muito importantes tinham ocorrido em Madri.

Essa guinada nas relações árabe-israelenses estava insinuada em vários detalhes. Na verdade, a primeira demonstração de que se estava assistindo ao nascimento de uma nova etapa na

vida dessa região – uma das mais problemáticas do mundo nesta metade de século – foi a realização da conferência em si. Com uma paciência e um jogo de cintura que lhe valeram muitos elogios, o secretário de estado norte-americano James Baker havia costurado arduamente essa reunião, na qual conseguiu colocar frente a frente, pela primeira vez desde a criação do Estado de Israel, árabes e judeus. O profundo simbolismo desse encontro foi ressaltado, entre outros, pelo próprio primeiro-ministro de Israel Yitzhak Shamir, ao assinalar que isso implicava a "aceitação mútua".

Os discursos de Bush, do próprio Baker, de Gorbachev e de Hans Van der Broek, o chanceler holandês que falou em nome dos 12 membros da Comunidade Económica Européia (CEE), mostraram que a pretensão de todos não era simplesmente protagonizar um evento retórico. Todos eles, inclusive o próprio presidente norte-americano para surpresa de muitos, referiram-se à necessidade de negociar sobre bases concretas. Em vez da ambígua tese de "paz por paz", defendida até então pelo



Colônias judias na Cisjordânia: uma questão chave

governo conservador do Likud, eles insistiram na proposta de "territórios por paz", a principal bandeira das delegações árabes.

"Uma solução de compromisso territorial é essencial para a paz", assinalou o representante norte-americano, ao mesmo tempo em que lançava um inédito apelo à necessidade de fazer "justiça" ao povo palestino, tendo como base a sua autodeterminação. A proposta lançada por Bush prevê o surgimento, em um prazo aproximado de um ano, de um autogoverno palestino nos territórios da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Essa administração interina duraria cinco anos, ao final dos quais se deveria chegar a uma solução permanente, "aceitável" por todos.

Quando o secretário de estado norte-americano foi interpelado pela imprensa internacional, que pediu explicações sobre o objetivo da proposta de Bush, Baker disse que os Estados Unidos apóiam, como ponto de partida para a solução do problema do Oriente Mé-

dio, o cumprimento das Resoluções 242 e 338 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, "que contêm o princípio de territórios por paz". Ambas as resoluções exigem a retirada de Israel dos territórios árabes ocupados depois da Guerra dos Seis Dias, em 1967, e reconhecem o direito do povo palestino à autodeterminação.

**Shamir: entre a cruz e a espada** - Quando chegou a Madri, o primeiro-ministro Yitzhak Shamir surpreendeu pelo seu tom conciliador. "Este é um momento para mudanças revolucionárias. Tudo deve estar sobre a mesa de negociações", afirmou.

Essas declarações contrariavam suas posições históricas, pois Shamir sempre se opôs a aceitar uma negociação que tivesse implícita a retirada de Israel dos territórios ocupados. Nem sequer o Sinai teria sido devolvido ao Egito, se tivesse dependido de Shamir, que foi contra aos Acordos de Camp David firmados por seu colega de partido Menahem Begin e Anwar Sadat.

De fato suas palavras foram mais surpreendentes depois de sua decisão

de excluir da delegação oficial israelense o chanceler David Levy por considerá-lo muito aberto ao diálogo. A mesma flexibilidade foi demonstrada desde o começo por Benjamin Netanyahu, o vice-chanceler israelense, preocupado, segundo afirmou, em derrubar "as muralhas psicológicas" que durante décadas impediram as negociações árabe-israelenses.

A verdade é que Shamir está entre a cruz e a espada: por um lado, estão suas convicções mais íntimas e as pressões dos setores mais intransigentes da sociedade israelense, que formam sua base eleitoral. Nenhum deles aceita a retirada dos territórios ocupados em 1967.

Essa atitude se fundamenta em direitos que remontariam à época bíblica sobre a região que alguns chamam "o Grande Israel", e em razões de "segurança nacional". Aí está a justificativa da zona tampão no Líbano, para supostamente proteger-se da ameaça síria; da ocupação da Cisjordânia e Gaza, para evitar o chamado *perigo palestino*, e da ocupação das colinas de Golá (esta última mais por razões militares e geopolíticas, porque dessa região Israel extrai atualmente mais de 40% da água que consome).

Mas, do outro lado, exercem-se sobre Shamir pressões não menos fortes. Antes de embarcar para Madri ele foi testemunha de uma grande manifestação de centenas de milhares de israelenses que exigiam o fim das hostilidades com os vizinhos árabes e uma negociação com a população palestina. Esse movimento pacifista está ganhando terreno dia a dia e pode ser decisivo nas eleições do próximo ano.

Não menos importante é a pressão que Shamir recebeu dos Estados Unidos. Apesar de atitudes desafiadoras como a que levou à criação de uma nova colônia judaica nos territórios ocupados no dia seguinte à reunião de Madri - assumida pela Casa Branca como uma provocação do ministro da Habitação de Israel, o general de linha dura Ariel Sharon -, a verdade é que o governo do Likud é vulnerável às pressões dos Estados Unidos porque encontra-se em



Mesmo sem estar oficialmente representada em Madri, a OLP de Arafat (foto) foi a grande vencedora da conferência

uma situação financeira extremamente precária, agravada pela maciça imigração de judeus vindos da União Soviética. Neste contexto, a ajuda proveniente de Washington é vital para o governo, e mais ainda em um ano pré-eleitoral.

**Os grandes vitoriosos** – Apesar de terem chegado a Madri nas condições mais precárias, sem um Estado por trás que lhes oferecesse um esquema de segurança, sem infra-estrutura e sem experiência neste tipo de conferências oficiais, a opinião unânime dos analistas é que os palestinos foram os grandes vencedores em Madri, ao terem arrancado de Israel concessões “espetaculares”, como as qualificaram alguns meios de comunicação. A mais importante foi a aceitação por parte do governo de Shamir de negociar tomando como base as Resoluções 242 e 338 da ONU. Essa atitude constituiu uma mudança de 180 graus na posição histórica de Israel.

Não menos significativo foi o compromisso de Israel de dialogar diretamente com os palestinos, abandonando sua reivindicação de que eles integrassem uma delegação única junto com os jordanianos. Isso, apesar de desde o primeiro dia o médico de 71 anos Haidel Abdul-Shafi, que liderava a delegação, ter reafirmado sua lealdade à Organização para a Libertação da Palestina (OLP). “A filiação e a lealdade não podem ser censuradas nem cerceadas”, disse Shafi. “Nossos dirigentes reconhecidos são mais que os dirigentes democraticamente eleitos por todo povo palestino. São o símbolo de nossa identidade e de nossa unidade nacional, os guardiães do nosso passado, os protetores de nosso presente e a esperança de nosso futuro”.

O representante dos territórios ocupados lembrou, além do mais, que esses dirigentes contam com o reconhecimento “claro e inequívoco” da comunidade de nações, “com raras exceções”, e que a OLP tem a condição de observadora nas Nações Unidas e tem sido aceita como interlocutora pelos Estados Unidos e outros países.

Depois de precisar esses fatos, o representante palestino aceitou a autonomia parcial como transição para um Estado próprio. “A criação de um Estado palestino plenamente soberano continua sendo o objetivo



Um momento histórico: o aperto de mãos entre o representante palestino (esq.), o médico Haidel Abdul-Shafi, e o chefe da delegação israelense, Eliyakim Rubenstein

final das negociações”, acrescentou.

Shafi também propôs que Estados Unidos e União Soviética assumissem a tutela dos territórios árabes ocupados por Israel, com a ajuda das Nações Unidas. “O povo palestino está disposto a colocar suas vidas e suas terras à disposição de tal tutela até que se consiga uma paz justa”, assinalou.

**O que ficou** – Quando terminou a maratona das sessões, mais que o próprio conteúdo das negociações importa-

vam os símbolos. O aperto de mão entre Shafi e Netanyahu, que antes poderia ter significado uma sentença de morte para ambos, marcava o início do degelo entre israelenses e palestinos. E o sorriso no rosto antes tenso da porta-voz dos palestinos, Hanan Ashrawi – considerada um dos grandes artífices da mudança observada na diplomacia norte-americana, ao ter conseguido que James Baker se solidarizasse com a tragédia de seu povo – indicava que a primeira batalha estava ganha.

Depois das angústias vividas após a Guerra do Golfo, quando parte da opinião pública mundial lhes deu as costas porque a OLP havia apoiado Saddam Hussein, os palestinos conseguiram recuperar seu espaço. Em Madri, a causa palestina obteve a vitória mais importante de sua história: teve reconhecida sua legitimidade. E mais ainda, no que foi chamado por alguns jornalistas de “a guerra das imagens”, os palestinos apareceram como os mais prudentes e os mais abertos ao diálogo.

Muita água ainda vai rolar debaixo dessa ponte. As próximas rodadas de negociação devem acontecer em breve, embora não tenham ainda local determinado. O importante é que depois de quase cinco décadas de guerra, que provocaram uma das tragédias humanas mais graves dos tempos modernos, o Oriente Médio deu um primeiro passo, firme, para a paz.



Shamir (esq.): vulnerável às pressões de Bush



Soldados montam guarda em frente a um hotel após uma onda de protestos em todo o país

## Um reinado de terror

*O lançamento de um romance na França sobre os 30 anos da ditadura do rei Hassan II promete abalar as estreitas relações franco-marroquinas*

**Artur Poerner**

**E**m julho passado, por determinação do Ministério do Interior da França, o escritor e político marroquino Abdelmoumen Diouri, 53 anos, refugiado há 20 anos em Paris, foi preso e colocado num avião para o Gabão. Motivo: a publicação do seu terceiro livro, *Qui possède le Maroc* – em que ele demonstra que o rei Hassan II é o dono da maioria das riquezas do país –, seria incompatível com o seu *status* de refugiado político.

Como os dois livros anteriores de Diouri – *Réquisitoire contre un despote* e *Réalités marocaines* –, igualmente libelos bem fundamentados contra o regime de Hassan II, não lhe acarretaram problemas semelhantes com o governo francês, tudo indica que a reação do Ministério do Interior visou a impedir a repetição do abalo produzido ano passado nas relações franco-marroquinas pela publicação do *best-seller* “Nosso amigo,

o rei”, do jornalista francês Gilles Perreault. Este afirmou estar no Marrocos os mais antigos presos políticos do mundo, como a viúva e os filhos do general Mohamed Oufkir, que liderou em 1972 uma tentativa de golpe.

**A frustração da independência** – Embora Diouri diga que não pretendeu escrever história nem autobiografia, os seus livros constituem um amplo painel dos acontecimentos que marcam a vida política do Marrocos neste século, a partir do estabelecimento do protetorado francês, em 1912, bem como do seu envolvimento pessoal em alguns desses eventos. O envolvimento, no caso, começa antes mesmo do seu nascimento, através do pai, preso e condenado a dois anos de prisão em 1937, por participar do movimento nacional que desembocaria, seis anos depois, na fundação do Istiqlal, o Partido da Independência.

Em 1952, ano em que se iniciou a

luta armada contra o colonialismo francês, o pai de Diouri voltou a ser preso e acabou morrendo em consequência de um mês de torturas. Diouri perdeu ainda a mãe, o irmão e uma irmã num atentado que contou com a conivência de policiais franceses.

Com o retorno triunfal ao país de Mohamed V, em novembro de 1955, e os Acordos de Saint-Germain-en-Laye, que conduziram, no mês seguinte, à formação do primeiro governo independente, ele e outros nacionalistas chegaram a ter a impressão de que haviam alcançado o limiar da democracia: Mohamed V – cujo regresso fora obra do Exército de Libertação do Istiqlal – seria um monarca constitucional e a luta pela independência se transformaria no esforço de construção de um país livre.

Mas a desordem e a confusão do partido – então com 1,5 milhão de militantes, graças ao prestígio da clandestinidade –, bem como a sua falta de estruturas sólidas e de quadros revolucionários, permitiram que o palácio real retomasse, aos poucos, as rédeas da situação.

Em menos de um ano, o Istiqlal, embora ainda majoritário, havia sofrido uma hemorrhagia em seus quadros, a unidade da independência desaparecera e o rei pôde colocar os seus homens nos postos-chaves da administração, ante a estupefação dos combatentes da resistência e do Exército de Libertação, que até 1956 ainda representava uma força considerável.

O impasse político e o marasmo econômico em que mergulhou o Marrocos tornaram inevitável a cisão entre a tendência burguesa e a corrente socialista revolucionária do Istiqlal, liderada por Mehdi Ben Barka, o principal inimigo dos franceses no país desde 1951. Em janeiro de 1959, Ben Barka deixou o partido para criar a União Nacional das Forças Populares, quase ao mesmo tempo em que o Partido Comunista era dissolvido, Diouri se engajava na Frente Nacional da Argélia e Mohamed V passava o poder, gradativamente, a Hassan.

Em fevereiro de 1961, com a morte de Mohamed V – segundo Diouri, traído pelo filho, após um reinado de 34 anos em que

conhecera a tutela francesa, o exílio e o regresso apoteótico —, Hassan assumiu a chefia de Estado. Concluído o aprendizado de ditador, ele era, agora, o dono absoluto do Marrocos.

**O palácio da tortura** — A hora de Diouri se aproximava. E chegou com o conflito fronteiriço com a Argélia, que propiciou ao regime colocar sob suspeição os marroquinos que haviam combatido na FLN. No fundo, tudo não passava de um complô simulado pelo rei para se livrar dos opositoristas.

Diouri foi preso em 13 de junho de 1963 pelo chefe-adjunto da Segurança Nacional, Dlimi, e levado à base norte-americana de Kenitra para ser interrogado sobre o seu relacionamento com a Argélia e com Ben Barka, que, do exílio, havia protestado contra a guerra marroco-argelina e concitado o seu povo a se revoltar.

A estação seguinte foi o palácio de Dar-el-Mokri, onde conheceria sete graus de tortura sob o comando do sinistro coronel Oukfir, ex-oficial do exército francês e futuro ministro do Interior, cujos familiares estão presos há quase 20 anos.

Enquanto Diouri era submetido a torturas, o Marrocos vivia sob virtual estado de sítio: dirigentes da UNFP de Ben Barka estavam detidos e o general Kettani — um dos primeiros comandantes do exército real a questionar, em 1961, a atuação de Hassan — fora envenenado no palácio, com um copo de uísque oferecido pelo próprio rei.

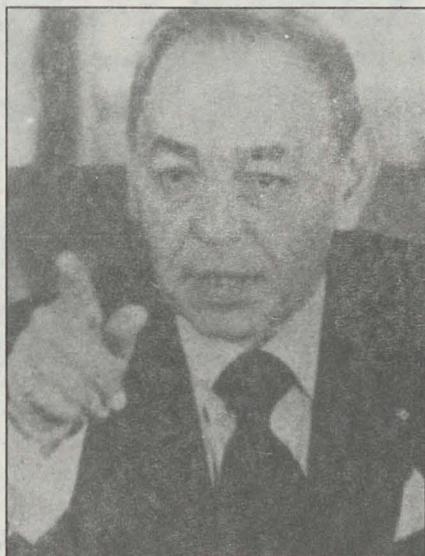
Em 14 de março de 1964, enfim, o veredicto do chamado “processo de Rabat”: dos 102 acusados de complô contra a vida do rei — o “complô de julho”, como ficou conhecido —, 11, entre os quais Diouri, foram condenados à morte.

Mas uma revolta popular espontânea que eclodiu um ano depois, a partir de manifestações estudantis, em Casablanca, centro progressista do Marrocos, levou Hassan II a decretar, em abril de 1965, uma anistia para todos os acusados de conspirarem contra a família real desde 1952. A anistia abrangeu Ben Barka, que, tal qual Diouri, lutava por uma república democrática e popular, e que o rei fizera condenar à morte por “crime de alta traição”.

Ben Barka forneceria uma trágica prova do caráter ilusório e enganoso da anistia de Hassan II, que chegou a merecer elogios no prestigiado *Le Monde*,

pela “nova era” que anunciava para o Marrocos. O que o rei queria, na verdade, era desembaraçar-se, definitivamente, do líder opositorista, a quem propôs que voltasse ao país.

Ben Barka — que tendia, cada vez mais, para uma posição pró-China — se dividia entre Genebra e o Cairo (onde vivia a sua família), e se preparava para presidir, em janeiro de 1966, a Conferência Tricontinental. Exilado semiclandestinamente na Suíça, inclusive porque a CIA e outros serviços secretos o tinham como alvo de suas tramas, já escapara de um atentado no início de 64, dois dias depois que um sócia argelino fora baleado na nuca. Tomava suas precauções e até carregava consigo uma



Hassan: 30 anos como ditador

pistola, mas era de natureza sociável e confiante, estabelecendo com facilidade em novas relações.

Diouri não encontrou receptividade ao advertir o amigo quanto a algumas das pessoas que o cercavam, como o francês Philippe Bernier.

Foi Bernier quem propôs a Ben Barka, em junho de 1965, a supervisão de um filme sobre a descolonização, intitulado “Basta”. Como foi ele também quem acertou com o dirigente da UNFP uma ida a Paris, para tratar do projeto. Ben Barka partiu de Genebra em 29 de outubro. E desapareceu, sem deixar vestígios.

O processo instaurado em Paris para investigar o caso trouxe à luz as relações entre a *Suret* (a polícia secreta francesa) e Oukfir, que foi condenado à

prisão perpétua na França e promovido a general-de-divisão no Marrocos.

**A vez de Oukfir** — A história política contemporânea do Marrocos não faz senão corroborar os relatos de Diouri, como demonstram os episódios das tentativas de deposição de Hassan II.

A primeira foi desencadeada em 10 de julho de 1971 no palácio real de Skhirat por 400 cadetes comandados pelo coronel Ababou, que contava com o apoio de oficiais entre os quais o general Medbouh.

Após uma sequência de escândalos de corrupção no poder e ante o reiterado fracasso da oposição oficial, esses militares desistiram de aguardar a democratização que o rei prometia de tempos em tempos. Mas as divergências entre Ababou, que exigia a eliminação do monarca, e Medbouh, que cobrava apenas a sua abdicação, provocaram o fracasso da tentativa.

Medbouh — que omitiu ao parceiro o fato de ter encontrado Hassan II escondido na rouparia do palácio — foi abatido por Ababou, que por sua vez tombaria morto horas depois, num assalto de brigadas especiais ao estado-maior. Os militares também não haviam se preocupado em articular suporte político para o golpe.

Diouri voltou a ser preso — por acaso, na véspera da tentativa — mas, dessa vez, somente por uma semana, durante a qual não passou do primeiro grau de tortura. Libertado, pegou o primeiro avião para França, a fim de se tratar da tuberculose que o acometia.

A segunda investida militar contra o regime de Hassan II foi tramada pelo próprio Oukfir, convencido, de acordo com a interpretação de Diouri, de que o ódio do povo acabaria desequilibrando a correlação de forças no país, se não se pusesse fim à “podridão oficial”: em 16 de agosto de 1972, o *Boeing* em que viajava o rei foi alvejado por um dos quatro *F-5* que o escoltavam. Não se sabe bem por que somente um desses quatro aviões estava armado.

O fato é que Hassan II sobreviveu e teria se encarregado, pessoalmente, de aniquilar Oukfir. Ao coronel Dlimi, que efetuou a primeira prisão de Diouri, coube o tiro de misericórdia, na nuca. Que contribuiu para que o rei pudesse comemorar, em fevereiro passado, o trigesimo aniversário de sua ascensão ao trono.



## Democracia para alguns

*Depois de 12 anos de neoliberalismo econômico, o aumento da pobreza e da violência urbana ameaça as bases de uma sociedade que condenou milhões de pessoas a viver na marginalidade*

### Marcelo Montenegro

**U**m país onde ocorre um crime violento a cada 19 segundos; um assalto contra pessoas ou propriedades a cada 55 segundos; um rapto com violência a cada 6 minutos e um assassinato a cada 24 minutos pode se considerar – com todo o direito do mundo – em estado de guerra social interna.

Isso ocorre nos Estados Unidos depois de 12 anos de ultraliberalismo econômico, aplicado com mão-de-ferro pelos presidentes Ronald Reagan e George Bush.

As cifras foram publicadas recentemente pelo Departamento de Justiça norte-americano, em um relatório sobre o avanço da criminalidade em todo o país, e foram consideradas pelos responsáveis por organizações de direitos humanos como provas da gravidade do conflito social e racial nos Estados Unidos.

O diretor regional da Anistia Internacional dos Estados Unidos, para a região centro-atlântica do país, Keith Jennings, durante uma visita à redação de cadernos do terceiro mundo analisou essa situação e antecipou as conclusões do relatório de 1991 da Anistia Internacional sobre a pena de morte em todo o mundo, divulgado pouco depois em Washington.

**Uma espiral de violência** – O governo republicano e



Com o inverno, piora a situação das milhares de pessoas que não têm casa

uma grande parte da elite norte-americana anglo-saxônica, majoritária na sociedade dos Estados Unidos, apostaram até agora, segundo Jennings, quase que exclusivamente nas soluções repressivas e se negam a reconhecer que o aumento da criminalidade tem, na maioria das vezes, causas sociais.

Essa atitude tem contribuído para aumentar de tal forma a legislação repressiva, que algumas instituições tradicionais, como o *habeas corpus*, ou a proibição de deter pessoas sem motivo nas repartições policiais, poderão ser

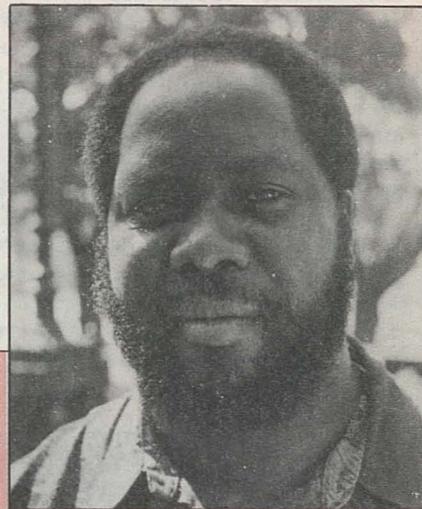
varridas dos códigos penais ou desvirtuadas totalmente na prática.

Segundo o relatório da Anistia, divulgado em outubro passado, o Estado norte-americano tem sido um dos protagonistas mais ativos da espiral de violência que cresce em todo o país. Só em 1990, foram executados nas prisões norte-americanas 23 réus que tinham sido condenados à pena capital. "Desde 1976, quando a pena de morte voltou a ser autorizada nos Estados Unidos, 33 estados da União a reintroduziram em suas legislações, principalmente no sul

do país, onde a tradição da escravidão, discriminação social e do racismo é mais forte", afirma Jennings.

As leis norte-americanas permitem atualmente executar menores de idade e deficientes mentais. Desde 1976, de 150 execuções, quatro foram de menores de idade e várias de retardados mentais. Entre os condenados à morte que atualmente esperam o cumprimento da sentença, 31 são menores.

Segundo Jennings, "nos Estados Unidos a pena de morte se transformou numa ferramenta de repressão contra os negros, os pobres em geral, contra as minorias de origem latina e outros segmentos marginalizados". Ele enfatiza que, além disso, não existem condenações contra brancos por matar negros, em um país onde milhares de negros são assassinados a cada ano. Isso, na sua opinião, prova a discriminação racial e social na hora de aplicar a pena de morte.



Keith Jennings, diretor regional da Anistia Internacional nos EUA

## Exemplo de dignidade

Como representante de vários grupos negros norte-americanos, Keith Jennings veio ao Brasil como parte de um programa de aproximação das comunidades de origem africana que vivem em diferentes países da América. Essa aproximação tem servido para fortalecer as comunidades afro-americanas, a partir do reconhecimento de suas origens comuns no processo escravista que trouxe à força seus antepassados da África

nos séculos XVII e XVIII.

Os negros que vivem nos Estados Unidos, porém, estão proibidos de visitar Cuba, um país a pouco mais de 100 quilômetros e onde a comunidade de origem africana tem um grande peso numérico e cultural. Jennings acredita que essa proibição existe porque Cuba é um exemplo de dignidade intolerável para o governo dos Estados Unidos:

"Sempre nos negam o visto para visitar Cuba, salvo em eventos desportivos ou para cobrir algum fato

como jornalistas.

Cuba tem defendido sua autodeterminação durante 30 anos diante dos Estados Unidos e seu povo afirma estar preparado para viver num sistema diferente do capitalismo. Por isso, é um exemplo perigoso para todos nós. Por esse mesmo motivo, houve uma invasão devastadora em Granada e a Nicarágua foi agredida pelos Estados Unidos. Tudo para evitar a repetição do exemplo cubano."

"A mera existência de

Cuba é inaceitável para o *establishment* norte-americano, em um momento no qual o presidente Bush trata de consolidar a hegemonia dos Estados Unidos no hemisfério ocidental", enfatiza.

"Em um quadro como este, depois das incontáveis tentativas da CIA para assassinar o presidente Fidel Castro, o que pode ocorrer agora que a URSS não existe mais enquanto superpotência?"

Os negros e os pobres não ocupam cargos no sistema judiciário como advogados, promotores, juízes, etc. Ao contrário, nos estados onde foi adotada a pena capital, o promotor geralmente se encarrega de excluir os negros do júri que vai julgar os réus que poderiam, a princípio, serem condenados à pena de morte.

Por outro lado, ninguém que seja contra a pena capital pode assumir cargos no Judiciário desses estados. "O acusado sempre enfrenta juízes e jurados que sentem orgulho de aplicar a pena de morte. Por isso, é tão difícil que

um negro seja absolvido. Os condenados à morte sempre são os negros e os pobres", diz Jennings.

Pior que na África do Sul - O diretor regional da Anistia Internacional considera uma afronta que um governo que se diz "líder do mundo livre e protetor dos direitos humanos" prenda diariamente mais negros que o regime de apartheid sul-africano. Atualmente, os Estados Unidos são o país que mais manda para as prisões seus próprios cidadãos. Mais de 90 pessoas são detidas por dia, uma média que o coloca à frente de Pretória.

"Mas, se consideramos especificamente a população negra masculina, vemos que um negro de cada 84 está nas penitenciárias ou em outros institutos de detenção nos Estados Unidos", afirma.

Para Jennings, esses são indicadores claros de como a sociedade norte-americana trata atualmente suas minorias. Este é o verdadeiro recorde dos Estados Unidos em matéria de direitos humanos. "O governo Bush quer estender a aplicação da pena capital a mais 51 delitos. Acaba de apresentar um projeto para incluir no *corredor da morte* uma

Sete milhões de norte-americanos,

uma população quase equivalente à da Suécia, não têm casa para morar. Quarenta milhões de cidadãos dos Estados Unidos não têm plano privado de saúde, em um país onde os serviços médicos, hospitalares e dos remédios estão entre os mais altos do mundo. O desemprego cresce todos os anos.

Esse empobrecimento da sociedade em geral é o resultado de 12 anos de administração republicana. O corte de fundos para programas de assistência social, que começou em fins dos anos 60, aumentou drasticamente durante o governo de Ronald Reagan e de seu sucessor, George Bush.

Segundo Jennings, "80 bilhões de dólares foram retirados dos programas de ajuda aos pobres para ser investidos em outras áreas da economia, servindo para atividades ilegais e negociadas com cadernetas de poupança, como as que

## Mulheres e crianças na rua

envolvem Neil Bush, filho do presidente. O mais grave é que uma grande parte dos que perderam suas casas depois desses cortes são mulheres jovens com filhos. E essas crianças estão crescendo na rua, dormindo sob as marquises, se transformando nos futuros delinquentes".

Em resposta, disse Jennings, "houve uma reação dos setores sociais afetados, que passaram a respaldar grupos como a 'Coalizão Arco-íris', que reúne os movimentos de apoio à candi-

datura de Jesse Jackson, pelo Partido Democrata".

O movimento negro, a "Coalizão Arco-íris" e outros grupos progressistas nos Estados Unidos trabalham dentro do Partido Democrata, para aproveitar todo o espaço que o sistema político permite.

"Mas não nos enganamos em relação ao Partido Democrata. Não é um instrumento alternativo. Nos Estados Unidos há uma direita evidente das instituições e o Partido Democrata participa desse

processo. E, quanto à aplicação da pena de morte, pode chegar a ser mais conservador inclusive que o Partido Republicano."

Na opinião do diretor regional da Anistia, existe uma reivindicação popular para mudar a sociedade, por uma redistribuição da riqueza. "Mas essa redistribuição não é concebida no sentido dos pobres para os ricos, como ocorreu nos últimos 12 anos, mas no sentido inverso, dos ricos para os pobres. E a ferramenta política dessa mudança não está no Partido Democrata".

"Podem surgir outros partidos, embora só isso não garantirá uma autêntica representação política. Que tipo de democracia é essa, cujo sistema eleitoral nunca permitiu eleger um só senador progressista? Temos direito a votar, a participar no governo, mas com 25 milhões de negros nos EUA, o Senado norte-americano é totalmente conservador", concluiu.





A violência atinge principalmente as comunidades negra e latina

falta de garantias processuais. Esse projeto inclui desde a destruição intencional de um avião, com vítimas fatais, até o envio de material injurioso por correio ou o assassinato de inspetores dos hipódromos ou inspetores sanitários. Isso é uma loucura! É coisa de uma sociedade doente!", diz Jennings.

Para a comunidade afro-norte-americana a ampliação da legislação repressiva vem se somar à desesperadora situação que existe nas prisões, uma espada de Dâmocles sobre a cabeça de todas as minorias marginalizadas. Jennings considera que há claros indícios de uma crescente *fascistização* da sociedade e do sistema jurídico-penal norte-americanos. Os Estados Unidos estariam vivendo um processo parecido ao de alguns países latino-americanos que foram governados por ditaduras militares nos anos 70, e também semelhante ao de certas nações africanas.

Jennings acha que, embora a maioria dos norte-americanos não veja as coisas assim, o país avança para uma perigosa direitização de suas instituições, com a perda das liberdades individuais e a deterioração dos direitos civis e políticos.

Existem planos milionários em execução – denúncia – para construir as prisões nas quais estão sendo encerrados os presos produtos da política econômica iniciada por Ronald Reagan e continuada por George Bush. Paradoxalmente, cada preso custa ao Estado 20 mil dólares por ano, sem contar o preço da construção de uma cela. Isso se paga com fundos que têm sido retirados dos programas sociais de assistência aos pobres, dos subsídios à educação e dos planos de apoio à saúde pública.

A escalada repressiva se completa com um projeto apresentado por Bush ao Congresso para limitar a uma vez o direito de usar o recurso do *habeas corpus*. Nos Estados Unidos, o *habeas corpus* tem sido utilizado para se recorrer – quantas vezes quiser – na Corte Suprema contra as sentenças de morte, quando é possível alegar irregularidades formais cometidas durante o transcurso do julgamento. Esse recurso permite adiar por muito tempo as execuções, porque sempre existe algum ponto no processo passível de ser questionado.

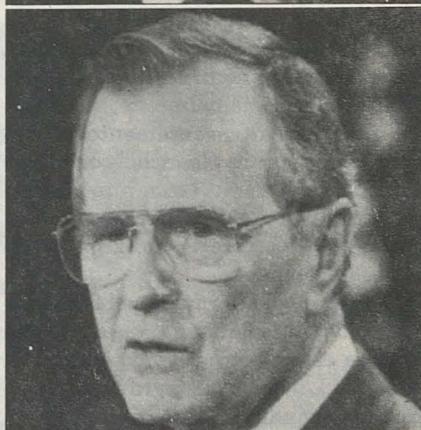
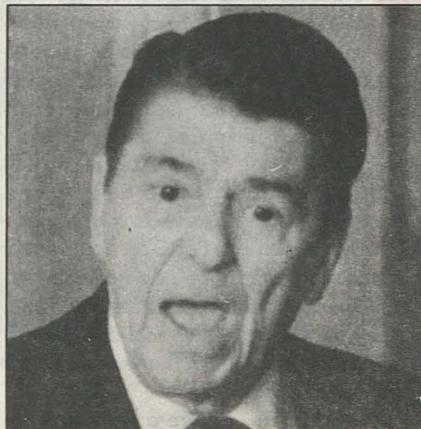
Por outro lado, o Congresso norte-americano acaba de votar uma lei que permite utilizar em juízo provas obtidas ilegalmente, como a gravação de conversas telefônicas ou a confissão obtida pela polícia sob coerção, métodos até agora proibidos. Jennings está convencido de que essas medidas prejudicarão muitos processados inocentes.

**O desaparecimento de menores** – É comum nos Estados Unidos o desaparecimento de muitas crianças e adolescentes. Em uma grande porcentagem, trata-se de jovens que abandonam suas casas e deixam de dar notícia. Mas outras vezes, dentro da comunidade negra, têm ocorrido desaparecimentos que a polícia não investiga e pode ser obra de criminosos. Há pouco, em Winsconsin, um jovem branco se confessou culpado pelo assassinato e antropofagia de 17 adolescentes negros que a polícia considerava simplesmente como "desaparecidos". Isso levou os grupos de direitos humanos a supor que possa haver outros casos de atividade criminosa organizada por trás do desaparecimento de jovens negros.

"Não existe, como no Brasil, uma investigação realizada pelo Estado que permita chegar a conclusões mais ou menos exatas sobre a existência de grupos de extermínio organizados", afirmou Jennings. Ele citou outro exemplo, ocorrido no estado de Geórgia há três anos: 28 jovens negros desapareceram nas montanhas sem que nunca mais se soubesse do seu paradeiro. Possivelmente todos tenham sido assassinados.

Para Jennings, esse grave panorama social revela o descrédito em que caiu a elite que governa os Estados Unidos.

A sociedade está à beira da desintegração depois que milhares de pessoas foram obrigadas a encarar a prostituição, o tráfico de drogas e o delito como forma de sobrevivência "em um dos países mais ricos do mundo".



Os governos de Reagan e Bush cortaram os recursos dos programas sociais

# Um barril de pólvora

*A falta de uma verdadeira reforma agrária na América Latina está provocando um inchamento dos grandes centros urbanos, de consequências imprevisíveis a médio prazo*

**José Pedro Martins**

**O** chileno Jacques Chonchol tem sido um ator/espectador privilegiado do debate sobre os problemas do desenvolvimento no Terceiro Mundo, em particular na América Latina. Como ministro da Agricultura do governo de Salvador Allende, foi um dos condutores do processo de reforma agrária no Chile, abortado com o golpe militar de setembro de 1973. Exilado na França, continuou a se dedicar aos estudos do desenvolvimento, escrevendo, entre outras obras, *Lés sociétés rurales du Tiers Monde* e *Le défi alimentaire, la faim dans le monde*.

Atualmente, dirige o Instituto de Altos Estudos da América Latina da Universidade de Paris. Recentemente, passou um mês no Brasil, fazendo conferências e, principalmente, visitando acampamentos e assentamentos de trabalhadores rurais. Chonchol confessa o seu desapontamento com o retrocesso na implantação da reforma agrária ocorrido após o governo do ex-presidente José Sarney.

O agrônomo, formado pela Universidade do Chile, lamenta que a reforma agrária esteja retrocedendo em toda a América Latina, o que agrava o processo de marginalização do continente na chamada nova ordem mundial.

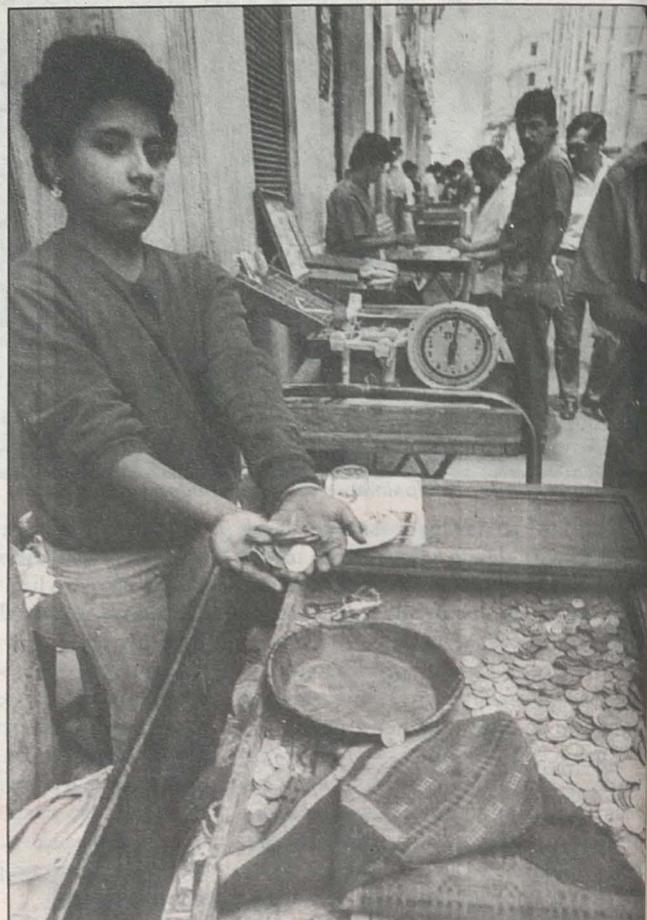
Para ele, o continente desempenha um papel cada vez mais secundário nes-

sa nova ordem, entre outras razões, devido ao endividamento externo. "Este é um problema sem perspectivas de solução, a menos que os países devedores comecem a negociar em conjunto com os credores. Por que os países ricos tomam decisões conjuntas, no Grupo dos Sete, e o Terceiro Mundo continua a agir de forma isolada?"

Na avaliação de Chonchol, hoje os blocos econômicos poderosos, liderados por Estados Unidos, Japão e Europa, estão ampliando a sua associação com grupos minoritários dos países pobres, o que leva a uma exclusão cada vez maior das parcelas majoritárias da população.

Por isso, considera que uma das alternativas para a América Latina é a integração política e econômica. "Do contrário, o continente ficará ainda mais excluído do novo jogo de poder mundial."

**Reforma agrária** - Outra alternativa, segundo ele, é a implantação de uma efetiva política de reforma agrária e de apoio à agricultura. O agrônomo assinala que entre 1934 e 1938, a América Latina era responsável por 24%



Lima: 80 a 85% da população vivem do setor informal

das exportações mundiais de produtos agrícolas. Atualmente, depois dos anos 80, a "década perdida", essa percentagem é de 11 a 12%. Apesar disso, as exportações cresceram, de quase 7 bilhões de dólares em 1950 para 34 bilhões de dólares em 1980-82.

"O que houve foi um crescente impacto da modernização na agricultura da América Latina, a evolução da concentração da terra e o empobrecimento crescente das massas rurais. A reforma agrária é um dos passos para o continente sair da crise em que se encontra ao lado de uma integração que não seja tutelada pelos Estados Unidos."

A redistribuição da terra tem sido um dos temas mais estudados por Chonchol. "Infelizmente, o momento de pessimismo, depois que os processos de reforma agrária na Nicarágua sandinista e no Brasil foram interrompidos."

Na Nicarágua, lembra, depois que os sandinistas chegaram ao poder, em 1979, grandes extensões de terra que pertenciam à família Somoza e a lat

## REFORMA AGRÁRIA

funditários foram passadas aos trabalhadores rurais, principalmente através das cooperativas. Mas esse processo foi interrompido com a derrota dos sandinistas nas eleições presidenciais de fevereiro de 1990. O país vive agora, inclusive, a possibilidade de que os antigos latifundiários retomem as suas terras.

No Brasil, o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), de 1985, também foi interrompido. "Nem no governo Sarney se conseguiu atingir 10% das metas. A situação perdura no momento. E o panorama é o mesmo no resto do continente."

Um dos fatores responsáveis por esse processo, na opinião do especialista, é a chamada modernização, agora acentuada com o neoliberalismo. A presença cada vez maior de máquinas e equipamentos agrícolas, a crescente aplicação de adubos químicos e pesticidas e a modificação das relações de trabalho no campo são algumas das características da chamada modernização, que foi e continua sendo estimulada pelos Estados Unidos, agora mais fortalecido depois da Guerra do Golfo.

**Luta antiga** - "É preciso lembrar que a contra-reforma agrária começou já com a Aliança para o Progresso, proposta pelo presidente Kennedy, como forma de contrapor a influência da Revolução Cubana de 1959. A América Latina vinha acumulando experiências de reforma agrária, como durante a Revolução Mexicana, iniciada em 1910, a Revolução boliviana de 1952 e a frustrada reforma agrária de Jacob Arbens, na Guatemala, em 1953. Na Guatemala, a reforma agrária chegou a beneficiar 100 mil famílias camponesas, mas o processo foi interrompido pela contra-revolução apoiada pela multinacional United Fruit, a administração dos Estados Unidos e o governo de Castilla Armas."

Chonchol recorda que o pacto da Aliança para o Progresso, assinado em Punta del Este, Uruguai, em 1961, previa algum tipo de reforma agrária, que acabou não acontecendo em função do poder das elites regionais e dos regimes militares. "Aliás, um dos impasses vividos pelo atual processo de redemocratização na América Latina é justa-

mente a falta de reforma agrária. Sem a democratização da terra não há uma verdadeira democracia."

Apesar da histórica precariedade das democracias no continente latino-americano, Jacques Chonchol não vê condições políticas internas e externas para novos golpes militares no continente. O que o preocupa é o crescente aumento das tensões sociais. "A ausência de reforma agrária leva a população a migrar para as grandes cidades, que se transformam em barris de pólvora. A estratégia de sobrevivência é o mercado informal. Uma cidade como Lima tem hoje de 80 a 85% da população vivendo do setor informal. A reforma agrária é essencial para evitar o agravamento do caos urbano."

### Repensar a modernização -

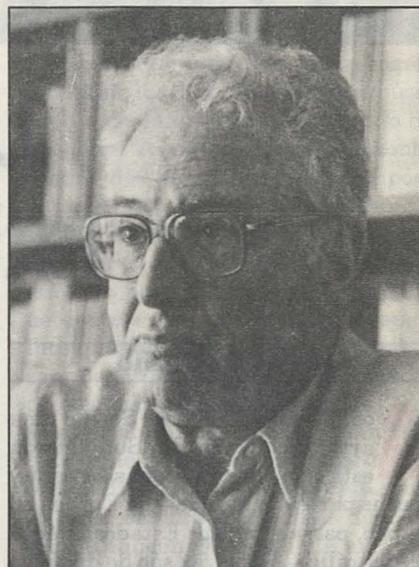
Para ele, também é preciso repensar algumas das características da chamada modernização na agricultura, como a modificação das relações trabalhistas no campo: "O regime de parcelas e colonato foi progressivamente substituído pelo trabalho assalariado temporário. Grandes parcelas dos camponeses têm trabalho agora em poucos meses do ano."

Depois de visitar diversos assentamentos de colonos no Brasil, Chonchol

*Para Jacques Chonchol (direita), a reforma agrária é uma das condições indispensáveis para a América Latina sair da crise em que se encontra*

constatou que a situação é muito precária em quase todos eles. A situação jurídica da posse da terra ainda não está totalmente definida, e faltam assistência técnica e acesso a créditos por parte do Estado. Sem apoio, os trabalhadores rurais assentados ficam em situação muito difícil.

"Outro ponto negativo que notei foi quanto à infra-estrutura. Em algumas áreas a rede elétrica passa a cerca de 30 metros, mas não é estendida até os assentamentos. No geral, acho que os conflitos de terra não aumentam porque os lavradores têm medo da polícia e das milícias privadas. A presença policial tem sido uma constante em momentos de ocupação de terras", observa. ■





## Um símbolo latino-americano

### Beatriz Bissio

**A**os 56 anos, Mercedes Sosa é uma artista consagrada. Sua agenda está cheia de compromissos em todas as partes do mundo – da Europa ao Japão, passando pelos Estados Unidos e Austrália – e seus fãs são de diversas nacionalidades. Mas as barreiras culturais ou linguísticas se desmoronam diante da força telúrica de seu canto e isso faz com que a emoção seja a marca registrada de suas apresentações, seja no Carnegie Hall, em Nova Iorque, ou na mais distante e desconhecida cidade neozelandesa.

Suas canções e suas idéias também lhe custaram a repressão, a perseguição e o exílio. Não só em sua Argentina natal, como também na República Dominicana de Balaguer e na Bolívia dos militares aliados ao narcotráfico. Mas, em compensação, seu canto lhe abre as portas do contato com públicos muito diferentes entre si, mas que têm em comum, segundo a própria Mercedes, o respeito por sua arte e pelo que ela representa. “Todo público, por mais alheio que seja à realidade do nosso

*Resgatar a nossa cultura e levar ao conhecimento do público os dramas do nosso continente é a meta de Mercedes Sosa*

continente, entende que minhas músicas representam sofrimento e dor e transmitem os profundos problemas sociais da América Latina”, afirma.

Esse reconhecimento a enche de orgulho e alegria, e compensa os sacrifícios aos quais se submete para preservar a sua voz. Leva uma vida disciplinada ao máximo (não pode beber nada gelado, nem tomar sorvete e só lhe deixam nadar – seu esporte preferido – em piscinas térmicas, etc, etc.).

Conversamos com ela no Rio de Janeiro, onde fez uma emocionante apre-

sentação para milhares de professores de todo continente, reunidos em um seminário para avaliar os rumos da educação pública. Mercedes fez uma homenagem especial a eles, lembrando o papel do professor na formação da identidade cultural dos povos.

A conversa fluiu serena e em um clima de certa intimidade, e fomos abordando temas tão variados como o momento político atual, a cultura transnacional, as ditaduras que a América Latina sofreu, sua vida pessoal. Emotiva, seus olhos se encheram de lágrimas em várias ocasiões, especialmente quando se lembrava dos momentos vividos com seu marido, falecido há quase dez anos. Em várias ocasiões parou o seu relato para ilustrar seus comentários com trechos de músicas que cantava com a mesma competência como se estivesse no palco.

Sem dúvida sua vida foi muito marcada pela infância, vivida numa família humilde, mas muito unida, na província de Tucumán.

Mercedes reconhece que a mãe e o pai foram muito importantes em sua vida. “Papai vivia de ‘bicos’, de trab-

lhos muito mal-remunerados, até que conseguiu emprego em uma serraria. Tivemos que tirá-lo de lá porque quase morreu, de tão mal alimentado. Depois entrou no Ministério da Previdência Social, onde trabalhou até o final dos seus dias. Minha mãe o ajudava lavando e passando roupa. Não quis que meus irmãos nem eu trabalhássemos nesse tipo de tarefas. Não sei por que razão, mas minha mãe sempre me protegeu como se estivesse me preparando para ser algo especial. Não me deixou cozinhar. Tive que aprender a cozinhar quando nasceu meu filho Fabián”.

Mercedes tinha uma irmã mais velha, filha somente de sua mãe, que morreu aos 29 anos. “Era como uma mãe para mim. No mesmo ano em que minha irmã Chocha morreu, me casei. No ano seguinte nasceu meu filho. Para todos, para minha mãe em particular, o nascimento do meu filho foi o consolo”.

Também é muito unida com seus irmãos. “Um deles está em Tucumán, o outro, felizmente, está em Buenos Aires, com minha cunhada. São os que estão permanentemente comigo”.

**A crise argentina** – Tanto a mãe quanto os irmãos de Mercedes contam com sua ajuda. “A verdade é que sem a minha ajuda, com a crise que estamos atravessando, não poderiam sobreviver. Mas a crise econômica não me impede de dar valor à democracia que reconquistamos. Não vamos cair de novo no erro de bater na porta dos quartéis. Nunca caí nessa. Quando derrubaram Illia<sup>1</sup>, meu marido e eu tínhamos plena consciência do drama que isso representava para nossa pátria, sem ser radicais<sup>2</sup>. Mas o povo inocente comemorava a volta dos militares”.

Muitas das atitudes políticas de Mercedes se fundamentam no medo da volta de uma ditadura. “Na Argentina tem que se ter muito cuidado. É preciso viver permanentemente falando sobre a democracia, porque podem renascer as atitudes fascistas. Em qualquer momento acreditamos que o povo vai voltar a apoiar os militares e começaremos tudo de novo”.

**Um símbolo do continente** – “Não sou política, mas tenho a alegria de ser reconhecida como um símbolo do nosso continente. Na Austrália, durante a minha última excursão, me apresentavam como ‘a voz da América

Latina’. E me diziam ‘você é a mãe da América Latina’. ‘Oh, não, por favor, tirem essa responsabilidade de cima de mim’, lhes disse, porque ser mãe de um continente de torturadores e torturados, de ladrões e drogados e de beleza e solidões é muito difícil.”

Na Austrália, Mercedes Sosa fez muitos shows, em teatros sempre cheios. “Os latino-americanos quando vão choram, gritam e o público entra

### Ser mãe de um continente de torturadores e torturados, de ladrões e viciados em drogas, de beleza e solidões, é muito difícil

como em estado de êxtase. Apesar de sempre se repetirem esse tipo de manifestações, não deixa de me espantar que meu canto provoque este tipo de reação”, assinala Mercedes.

Ocorreu o mesmo recentemente nas cidades italianas de Verona e Milão, onde o crítico Giacomo Pellicciotti do jornal *La Repubblica* a descreveu assim: “Com seu imponente corpo de índia vestida de negro, Mercedes parece uma figura bíblica”.

“O público era, em sua grande maioria, de italianos, mas os latino-americanos faziam tanto barulho que ao final os italianos também se levantaram com *Maria, Maria* e dançaram e cantaram... Isto é o que têm os latino-americanos, o que comove o povo. Nós não esquecemos nossa música. Já não há exílio, mas eles continuam apoiando seus artistas”, assinala.

**A penetração cultural norte-americana** – Mercedes Sosa teme que nossa riqueza cultural seja compromete-

tida pela presença cada vez maior da música estrangeira nos meios de comunicação. “A presença da música dos Estados Unidos e Grã-Bretanha nas rádios FM do mundo é sinistra. Os jovens ouvem música em inglês permanentemente. Não sabem falar inglês, mas escutam essa música. Brasil e Argentina se salvam, em parte. Entre nós, o *chamamé* e a *chacarera* ainda continuam sendo sagrados”.

Mercedes conta que no norte da Argentina, na província de Tucumán, o movimento folclórico perdeu um pouco de apoio popular, mas está se reciclando outra vez. “Os compositores foram os mais comprometidos politicamente. E a ditadura, de alguma forma, interrompeu esse processo”.

A expectativa de Mercedes é a consolidação de uma nova geração de compositores, que considera muito boa. De um deles, Icanovo, estreou uma música no Rio de Janeiro, que teve muito boa acolhida. “A nossa esperança é a contribuição dos jovens. Icanovo compõe e canta muito bem. Outra esperança é Peteco Carabajal, o autor de *Como pájaros en el aire*, que fala das mãos da mãe, da pobreza, da magia cotidiana necessária para dar de comer a seus filhos quando não há dinheiro. Também está Lagardos, o autor de *Maria va*, um canto à mãe solteira. Iñangatarí (‘A lua se adere ao céu’), outra canção muito bonita, é de Antonio ‘Tarragosito’ Ros. Víctor Heredia é outro compositor muito forte, embora esteja mais ligado ao rock. Taqueongói também é uma jóia. Estou cantando dele a música *Un pedazo de mi sangre*, outra obra muito forte. Está León Gieco, que compôs *Sólo le pido a Dios*. E há um movimento de rock, muito importante, de Charly García. Dou-me muito bem com todos eles”.

Mercedes entende que uma das razões de sua excelente relação com os compositores jovens é o respeito que sente e demonstra por seus trabalhos. “Eu canto todas as suas canções. Justamente uma das dificuldades que tenho é escolher meu repertório. A seleção é difícil; tenho muito para ouvir, avaliar. Além do mais viajo pelo mundo todo, e estréio músicas de um momento para o outro. Quando eu gosto de uma canção nova, é como o amor: não posso ficar sem cantá-la. Essa música de Icanovo (que estreou no Rio) estava em minhas mãos há apenas 15 dias. O guitarrista fez os arranjos para todos, ensaiamos

e, a partir daí, a canção já está com o público”.

Se há uma coisa de que Mercedes Sosa sente orgulho é de ser cem por cento responsável pela seleção de seu repertório. “Para essa pré-seleção não confio em ninguém. Não me intrometo com a iluminação, porque não conheço disso. Mas o repertório é um critério absolutamente meu. Às vezes erro, pois há músicas que não são para mim, apesar de me apaixonar por elas. Tenho que deixá-las de cantar”.

**A necessidade de gravar** – Mercedes não lança nenhum disco desde 1987, porque está em litígio com sua gravadora. “Assinei um contrato, não



“A América Latina está mergulhada na miséria”

vendi tantos discos, e agora exigem que lhes pague milhares de dólares para recuperar minha liberdade”.

O litígio já está em fase final e o público de Mercedes poderá em breve contar com discos novos. “Não gravar é fatal para um artista. É um milagre que continue tendo tanto êxito. Não há artista no mundo que esteja viajando como eu depois de tanto tempo sem gravar um disco”.

Por outro lado, Mercedes Sosa sente que não tem “tanto tempo pela frente”, pois aos 56 anos deve se cuidar muito e, sobretudo, cuidar de sua voz. “Quando era muito jovem fumava, bebia. Agora não. Tenho que cuidar-me para poder cantar. Há muita gente que depende do

meu trabalho. Não só os que trabalham comigo mas os que me contratam. E tem também o público...”

Mercedes Sosa define sua agenda com um ano de antecedência, salvo algumas apresentações especiais. Atualmente está iniciando uma excursão pela Alemanha e depois irá à América do Norte (uma viagem organizada por argentinos). Para este ano tinha compromissos também no Metropolitan, mas rescindiu o contrato quando soube que os organizadores pretendiam lançar um disco com todo o show em 1992 como homenagem aos festejos dos 500 anos do descobrimento da América.

“Ofereceram-me pagar o que eu quisesse, até 4% por cada disco, mas recusei a oferta porque queriam apresentar o disco em 1992. Se o nosso show se chamava ‘Sonho de um novo mundo’, me pareceu que não poderia ser uma homenagem aos que nos conquistaram. Disseram para mim que quando eu me apresentasse no Metropolitan o disco estaria pronto. Depois mudaram de idéia e queriam lançar o disco na época das comemorações de 92.”

Na verdade, esse é mais um exemplo do apego de Mercedes Sosa a suas raízes.

“Este é um continente indígena. Se eu canto Tanqueongói, eu não estou homenageando a conquista da Espanha. Não tenho nada contra a Espanha. Nunca me esqueço de que a Espanha tem dado gente como Miguel Hernández, como Alberti. Todos os nossos poetas leram os poetas espanhóis. Nada é gerado espontaneamente. Mas a América é indígena. Isso é inegável. A população negra foi trazida para cá e deu uma grande contribuição. E eu respeito muito as contribuições culturais dos povos. Mas é preciso ter muito cuidado e levar em conta quem construiu os caminhos, para não equivocar-se nas homenagens, na hora de fazer estas festas”.

Apesar de seus fortes vínculos culturais e emocionais com seus ancestrais indígenas, Mercedes não canta nem em aimará, nem em quéchua, nem em nenhuma outra língua autóctone do nosso continente. “Sempre cantei em espanhol, e agora canto uma música de ninar em japonês. Mas isso não impede que meu trabalho seja

um resgate de nossas raízes”.

Para Mercedes há muitas formas de conseguir esse resgate. “Neste momento há uma mulher, Silvia Barrios, fazendo concertos no Salão Dourado do Teatro Colón com uma tribo dos *mataco*. Ninguém sabia que os *mataco* tinham música. Silvia foi viver com eles e conseguiu fazer com que os índios comessem a desenterrar as melodias que cantavam quando crianças e que tinham caído no esquecimento. Quando gravei há muitos anos a *Cantata Sudamericana*, me disseram que os *mataco* não tinham música. Até que esta mulher conviveu com eles, com todos os problemas que isso implica, e conseguiu resgatar essa música, que teria permanecido esquecida e perdida para sempre. Sua luta é maravilhosa. É muito difícil mergulhar em outra cultura. É um trabalho de antropóloga”.

Mercedes admirava muito também o trabalho de outra cantora, uma jovem indígena, da tribo dos *mapuche*, falecida há quatro anos. “Infelizmente Anuc Paine morreu de um aneurisma. Anuc não só era belíssima, como simbolizava o que restava da cultura dos *mapuche*”.

Quando fala do progressivo desaparecimento das culturas autóctones, Mercedes Sosa deixa transparecer uma emoção especial, que enche seus olhos de lágrimas. “Infelizmente poucos em meu país se importam com essas irreparáveis perdas culturais. A maioria sonha com um país diferente. Eu sei muito bem o que isso significa. A Argentina é um país absolutamente racista. Embora muitos amem a minha música, prefeririam que meu rosto fosse outro. Gostariam de ter diante de si uma artista com um rosto bonito, puro, branco. O meu já é mais branco porque meu avô materno era francês. Já meus avós por parte de pai eram quéchuas”.

E prossegue, emocionada: “Queriam outra coisa, mas saiu uma artista gorda, baixinha, cara de índia, que representa em todos os palcos do mundo o continente latino-americano. E isso é muito bom para mim, porque meu rosto tem a ver com meu povo. E meu povo não tem nada para comemorar”.

Para Mercedes, o importante é que através do seu canto, europeus, norte-americanos ou australianos comecem a entender os dramas do nosso continente. “Eles sabem que o que nós cantamos é importante. Os alemães traduzem todas as letras das músicas, à medida que

eu canto. Eles sabem que quando canto *Como pájaros en el aire* não só estou cantando apenas em homenagem às mães, mas estou falando de outros problemas muito graves. Quando canto *Encuentros y despedidas* sabem que é sobre o exílio que passamos. Com *Toda vía cantamos*, eles sabem que estou me referindo ao drama dos desaparecidos durante a ditadura. Não aplaudem apenas a melodia, entendem as letras que têm muito a ver com nosso continente. Compreendem toda a mensagem: a música, a letra, o recado político. É estranho... Esse mesmo público vai ver Pink Floyd, mas enche teatros para me ouvir também", acrescenta.

#### Experiências com o público –

Esse fenômeno da comunicação com públicos diferentes é habitual em Mercedes. "Os jovens especialmente têm muito carinho por mim. Eu vejo isso porque muitas vezes levanto o público. E isso sem falar nenhum idioma. De fato, não falo em meus shows. Só canto. No máximo digo 'Merci' e continuo depois em espanhol: 'Buenas noches Paris - hasta la vista'. É a única coisa que digo. Mas existe uma comunicação. Quando alguém vai a um teatro, vai ver uma artista que gosta. Não é a mesma coisa que ir a um bar tomar um uísque. Vai ver uma artista que representa alguma coisa. Então vai preparado para amar. Tem que ser um artista muito frio para que você não o ame".

Mercedes conta que mesmo os que pareçam frios ao começo, acabam se contagiando com a emoção. "Na Inglaterra, uma vez saí com um poncho argentino para cantar. As pessoas me olhavam assustadas: uma mulher do meu tamanho, com aquele poncho enorme. O show era na prefeitura de Londres, que depois de estar em poder dos socialistas, havia passado para as mãos dos conservadores. Era a última festa dos socialistas e eu era uma das convidadas de honra. Cantei *Gracias a la vida*, depois mais outras músicas, que eles começaram a cantarolar, e depois *Maria, Maria*. A essa altura já tiravam os suéteres e os casacos, dançavam, cantavam... Eram ingleses. Não havia mais do que 10 latino-americanos, dos quais três argentinas casadas com ingleses. O segredo é

não pensar que estamos cantando para um público estrangeiro. Tem que se viver a canção. O público se emociona porque sabe que o artista representa algo".

Mercedes Sosa, como todo o artista, possui uma sensibilidade toda especial. Ela atribui sua fácil relação com o público à grande conexão mental que existe com o povo. "Os artistas não nascem somente com boa voz. Nascem com um poder de comunicação muito forte".

**A** Argentina é um país racista. Embora muitos amem a minha música, prefeririam que eu tivesse outro rosto. Gostariam de ver uma artista com um rosto belo e puro, branco

Ela tem várias experiências também neste campo. Conta que em uma de suas apresentações no Memorial da América Latina, na cidade de São Paulo, sentia algo estranho, e errou três vezes a música, apesar de ter a letra na sua frente. "Aqui há o problema de uma



"Inegavelmente, este é um continente indígena e minha música resgata essas raízes"

energia muito forte", pensou. Pouco depois, estourou um holofote. "Não caiu em mim porque estou muito protegida por meu povo. Tenho uma proteção indígena e isso há muitos anos".

Mercedes atribui a essa proteção o fato de não ter sido atingida por uma bomba de gás lacrimogêneo que lhe atiraram em Porto Alegre. "Estávamos no Gigantinho – disse – a bomba vinha na minha direção mas um vento forte a desviou para o público".

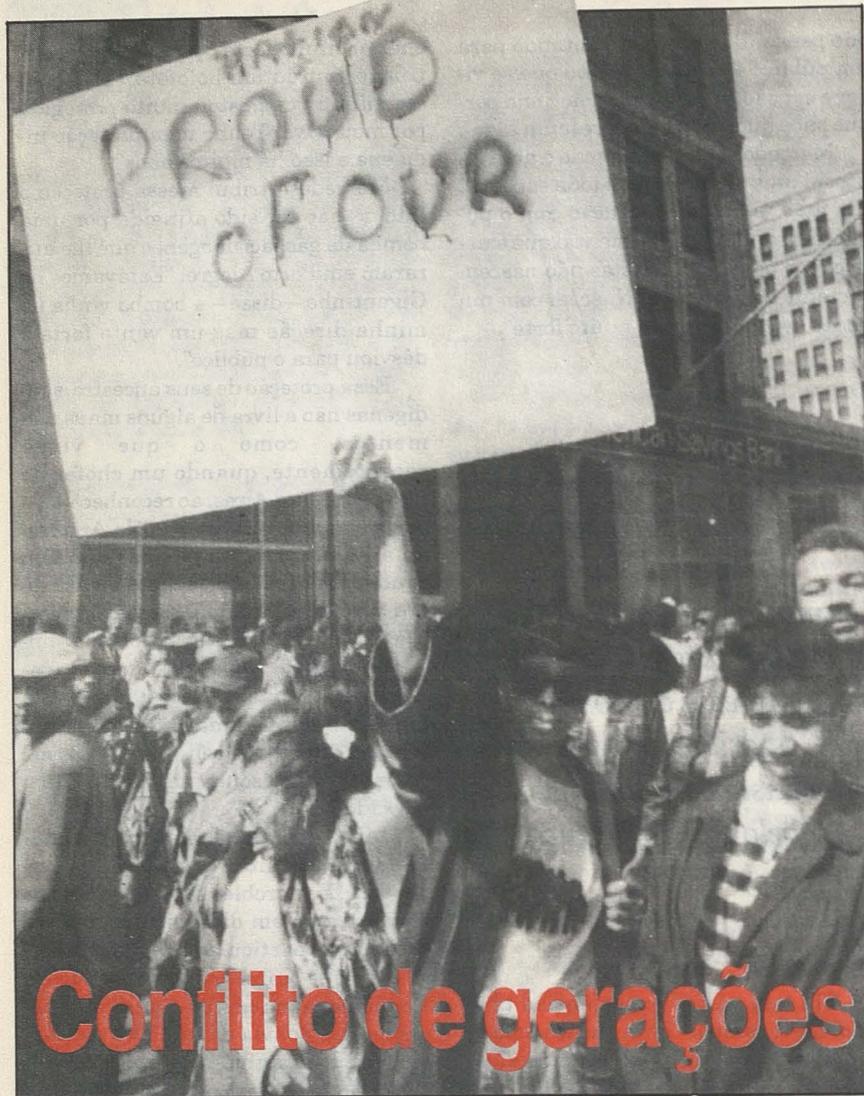
Essa proteção de seus ancestrais indígenas não a livra de alguns maus momentos, como o que viveu recentemente, quando um chofer de táxi de Buenos Aires, ao reconhecê-la, a obrigou a descer do carro. "Na Argentina ainda há muitas pessoas que têm saudades dos militares. Esse motorista era um deles. Quando me viu, gritou: 'Desce zurda'<sup>3</sup>. Eu estava com uma amiga, íamos ao cinema. Descemos e apanhamos outro táxi. Entrei no cinema me sentindo muito mal, mas as pessoas me abraçavam, me beijavam. E isso me reconfortou. Se soubessem o que tinha passado neste dia!".

A conversa girou em torno de muitos outros assuntos. Contou-me das vezes que teve problemas com os órgãos de repressão em diferentes países (se referiu em particular aos difíceis momentos que tinha vivido na República Dominicana, na gestão anterior de Balaguer, na Bolívia da ditadura de Bánzer, em companhia de seu marido, já doente, quando teve que cantar cercada por baionetas). Falou de sua linda relação com o filho Fabián e os netos, da dor de ver a grande maioria dos povos da América Latina submersa na miséria e desesperança. "O problema do nosso continente é a terra. O dia que todos tiverem seu pedaço, estaremos muito melhor. E terra é o que não nos falta". Ao final, uma pergunta quase inevitável: tudo isso valeu a pena? "Claro que valeu a pena. A dor, o sofrimento nos fortalecem, e o amor do público, da minha gente, é a razão de meus esforços".

<sup>1</sup> Arturo Illia: presidente argentino derrubado em 1966 por um golpe militar liderado pelo general Juan Carlos Onganía.

<sup>2</sup> Radical: integrante do partido União Cívica Radical, que levou ao poder Arturo Illia e, mais recentemente, Raúl Alfonsín.

<sup>3</sup> Zurdo: na gíria criada pelos militares argentinos serve para denominar – de forma pejorativa – qualquer militante de esquerda, mero simpatizante ou até os intelectuais não alinhados com o regime.



## Conflito de gerações

EUA: protesto de haitianos contra a proibição de doarem sangue, devido à Aids

*Ao contrário do que esperavam os especialistas em prevenção da Aids, a experiência acumulada pela geração mais velha não vem beneficiando a nova geração de homossexuais*

### Frank Browning\*

**A**s notícias acerca de uma nova onda de infecções de Aids entre os homossexuais jovens de São Francisco estão levando os funcionários e autoridades da área de saúde dos Estados Unidos a reexaminarem suas campanhas contra a epidemia. Entrevistas e amostras sanguíneas obtidas recentemente em vários bares e clubes noturnos da Califórnia indicam que os adolescentes tendem duas vezes mais a manter relações sexuais arriscadas do que os homossexuais de 25 a 30 anos de idade — o oposto do que esperavam os especialistas em saúde pública.

O novo relatório elaborado pelo Aids Surveillance Office, da Secretaria de Saúde Pública de São Francisco, revelou ainda que a incidência de infecções

com o HIV entre os homossexuais mais jovens — especialmente os adolescentes — era 40% mais alta do que entre os mais velhos. Dos 258 homossexuais masculinos entrevistados, somente 24% daqueles pertencentes à faixa etária de 22 a 25 anos admitiram praticar o sexo anal sem usar preservativos. Entre os adolescentes, esse percentual era de 43%. Entre os mais jovens, 14% tinham sido infectados pelo HIV, em comparação com 10% dos homossexuais masculinos de 22 a 25 anos de idade.

Trata-se de dados capazes de pôr em dúvida a eficácia dos atuais esforços de combate à epidemia. "Sempre se presumiu que os homossexuais mais velhos contraíam Aids porque, na época, ainda não estavam conscientizados quanto à necessidade do uso de preservativos. Mas, quando se começa a encontrar infecções entre os jovens de 20 anos de idade, essa teoria cai por terra", diz Gail Bolan que, na Secretaria de Saúde Pública, dirige o programa contra doenças sexualmente transmissíveis. "Os dados sugerem que as pessoas continuam a contrair a doença apesar do intenso programa de prevenção levado a cabo nos últimos cinco ou seis anos".

Para George Lemp, epidemiologista que dirigiu o estudo dos bares para homossexuais de São Francisco, "foi ingenuidade pensar que os mais jovens dariam ouvidos ao que lhes dissessem os homossexuais ou bissexuais mais velhos, e que haveria um verdadeiro intercâmbio entre as gerações. O que descobrimos é que há uma lacuna entre as gerações de homossexuais e bissexuais, da mesma forma como há um conflito entre gerações em qualquer segmento da população".

**Nova estratégia** — Os especialistas em prevenção de Aids acreditam que haverá necessidade de uma estratégia muito mais sofisticada e de longo prazo a fim de evitar que a epidemia se alastre por toda a comunidade homossexual, que vem se tornando cada vez mais variada.

Kevin Gardner, que coordena círculos de debate de jovens homossexuais para um grupo de combate à doença chamado "Stop Aids", participou do recente levantamento promovido pela Secretaria de Saúde nos bares de São Francisco. Diz ele que, quando os homossexuais mais velhos tomaram conhecimento da ameaça da Aids em

meados dos anos 80, já haviam enfrentado e resolvido os problemas básicos de sua identidade homossexual.

Mas, para os adolescentes – homossexuais ou não – até mesmo as questões sexuais mais básicas parecem confusas. Assumir sem problemas a sexualidade homossexual na adolescência é duplamente difícil.

Gardner diz que sua experiência pessoal não é muito diferente daquilo que ele ouve repetidamente de jovens homossexuais nas sessões promovidas pelo "Stop Aids". "Eu estava para terminar o meu curso colegial, e não tinha idéia do que fosse uma comunidade homossexual. Não tinha contato com ela.

Eu achava que, enquanto mantivesse relações sexuais somente com homens reconhecidamente heterossexuais – todos eles da minha idade, bastante jovens e simpáticos – não teria problemas com a Aids".

Outros estudos sobre a conduta de homossexuais masculinos demonstraram também como o "conflito de gerações" nessas comunidades afeta as noções a respeito da Aids e do comportamento sexual.

**"Sexo sem risco"** – Dados apresentados durante a VII Conferência Mundial sobre a Aids, em Florença, Itália, em fins de junho último, demonstraram que os homossexuais masculinos com menos de 30 anos de idade tendem mais a praticar o sexo anal sem usar preservativos do que os de mais de 40 anos. Esse estudo, realizado por telefone com uma amostragem aleatória em 1989 para a Secretaria de Saúde de São Francisco, constatou ainda que os homossexuais jovens, sem conexões ou sem o apoio de alguma comunidade homossexual, tendem mais a ter relações sexuais arriscadas do que os que são mais integrados a comunidades dessa natureza.

Além disso, segundo o epidemiologista Ron Stall, da Universidade da Califórnia (São Francisco), os jovens que recentemente se tornaram homossexuais costumam trazer consigo



O out-door acima, que mostra um casal, dois homens e duas mulheres se beijando ("Beijo não mata; a indiferença, sim") provocou fortes protestos da Igreja

todo um conjunto de mitos a respeito de "sexo sem risco".

"Muitos deles – diz Stall – acreditam, por exemplo, que o parceiro que assume o papel ativo não corre perigo, o que é inteiramente falso. Sempre que há inserção anal, é absolutamente necessário que os dois estejam separados por uma camada de látex."

Às vezes, as próprias campanhas de "sexo sem risco" levam a resultados contraproducentes. Uma das advertências comumente feitas tem a ver com as vantagens das relações monogâmicas de longo prazo, com base na teoria de que, quanto menor for o número de contatos sexuais com parceiros diferentes, menor o perigo de infecção pelo HIV. Mas é quase sempre nas relações monogâmicas que os homens – homo ou heterossexuais – esquecem as precauções

de proteção à medida que desenvolvem maior intimidade emocional.

"Os homens envolvidos em relações duradouras tendem muito mais que os 'solteiros' a praticar o sexo anal sem qualquer tipo de proteção", diz Stall, com base nos dados do levantamento de 1989.

Afirma Kevin Gardner que, durante as reuniões do grupo "Stop Aids", os participantes se queixam de que a preocupação com o risco tende a prejudicar a intimidade em relacionamentos sérios. "Dizem eles que 'quando se ama alguém, há o desejo de demonstrar afeto e confiança, e parte da confiança é não insistir no uso de preservativos'".

Às vezes, diz Gardner, eles falam em abandonar as precauções como uma espécie de "prêmio" por terem se portado bem durante algum tempo. "Talvez tenham bebido um pouco e pensem: 'há meses venho seguindo os regulamentos, é tempo de relaxar um pouco'".

O que todos estes relatos indicam, observa Stall, é que as agências de combate à Aids e as campanhas de saúde pública não têm conseguido convencer os homossexuais jovens. "Temos de reconhecer que esses moços estão explorando sua identidade sexual em comunidades nas quais 50% são portadores do HIV. Se não trabalharmos melhor, correremos o risco de entregar à Aids toda uma nova geração".



A Aids está pondo em xeque a política de saúde nos EUA

## CHILE Protesto de presos políticos

**O**s 79 presos políticos detidos nos cárceres chilenos por delitos cometidos durante a ditadura do general Pinochet (1973- 1990) continuam em uma situação de impasse, esperando uma decisão do governo que lhes permita enfrentar seus processos em liberdade.



Após 37 dias de greve de fome, presos políticos são transferidos para um hospital em Santiago

Por outro lado, organizações de defesa dos direitos humanos e grupos de parentes de desaparecidos continuam responsabilizando o governo de Patricio Aylwin pela "impunidade" em que permanecem as violações aos direitos humanos cometidas no regime militar.

A meados de novembro, um conjunto de organizações sociais e alguns partidos de esquerda que não integram a coalizão governamental convocaram uma "jornada de mobilização", em Santiago, em apoio a quatro presos políticos que passaram 44 dias em greve de fome. A manifestação foi reprimida pela polícia (conhecidos como *carabineros*), que deteve 252 pessoas para averiguar seus antecedentes.

Os presos políticos questionam a legitimidade dos processos a que foram submetidos durante o regime de Pinochet, alguns dos

quais se prolongam há 11 anos sem que tenha saído uma sentença".

"Essa situação é um escândalo e uma crueldade", afirmou o deputado Andrés Aylwin, irmão do presidente. O parlamentar revelou que existem vários projetos de lei "que permitiriam uma solução global do problema dos presos políticos, mas a direita não os deixa passar".

Apesar disso, as organizações de apoio aos presos e alguns partidos políticos de esquerda responsabilizam o presidente Aylwin e os poderes Judiciário e Legislativo pela situação dos presos políticos no Chile.

O presidente Aylwin, por sua vez, disse compartilhar "a dor das famílias dos que fizeram greve de fome e manifestou que o governo busca uma solução "digna e equitativa". Lembrou, inclusive, que, para ele poder exercer a prerrogativa do indulto, "é necessário que os julgamentos tenham terminado".



Alfredo Cristiani

### EL SALVADOR

A esperança de se chegar a um acordo de paz antes do Natal cresceu a

meados de novembro, quando a Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN) anunciou um cessar-fogo unilateral, que seria mantido indefinidamente até a assinatura de um acordo pondo fim às hostilidades.

Porém, apesar das declarações do presidente Alfredo Cristiani, que considerou o anúncio da FMLN "um gesto de boa-vontade que terá nossa reciprocidade", novos choques armados ocorreram nas principais zonas sob controle dos guerrilheiros.

"Esses ataques do exército demonstram que o seu desejo é continuar a guerra e não a paz com que tanto sonha nosso povo", disseram os rebeldes em um comunicado, no qual reafirmaram a decisão da FMLN de manter a defesa de seus territórios.

### CUBA/MÉXICO

O comércio bilateral entre o México e Cuba deverá passar por um forte crescimento em 1992, segundo foi anunciado no México pelo presidente da Câmara Nacional da Indústria da Transformação, Roberto Sánchez de la Vara. O empresário mexicano declarou, ao retornar de uma viagem de negócios a Havana a meados de novembro passado, que os bancos de seu país abriram linhas de crédito para o intercâmbio com Cuba nos setores de moradia, serviços de engenharia, fábricas de alimentos e bens de capital, especialmente na área metal-mecânica. Segundo Sánchez de la Vara, os industriais mexicanos consideram que o aumento do comércio entre ambos os países pode chegar no próximo ano a 300 milhões de dólares, cerca de 15% a mais que em 1991.

Canadá, Itália, Espanha e México estão entre os países ocidentais que maiores investimentos de capital têm realizado em Cuba desde que entrou em vigor o embargo comercial dos Estados Unidos, decretado há 30 anos.

## HAITI

Continua crescendo o enfrentamento interno no Haiti, entre a maioria da população, que exige a volta do presidente Aristide ao poder, e o grupo de militares que o derrubou, apoiado por uma pequena elite de milionários para quem as coisas têm ficado cada vez mais difíceis.

Segundo o testemunho do arcebispo Kelvin Felix, presidente da Conferência Episcopal Antilhana, que esteve no Haiti em novembro passado, durante três dias "não houve eletricidade, centenas de pessoas faziam fila nos poucos postos que ainda vendiam gasolina em Porto Príncipe e muitas empresas fecharam definitivamente. O embargo é muito rígido e a situação não poderá se manter por muito tempo".

As negociações para o imediato retorno de Aristide ao poder, iniciadas em Cartagena, Colômbia, em fins de novembro, entre representantes do regime militar e delegados do presidente deposto, estão no momento suspensas.

Segundo a opinião de alguns analistas, o impasse permanecerá por algum tempo porque a privilegiada minoria de haitianos ricos que apóia os militares subestimou a reação popular e internacional em favor do presidente Aristide e agora está aterrorizada diante da possibilidade de um retorno triunfal deste ao governo.

Por outro lado, centenas de moradores de Porto Príncipe começaram a deixar a cidade com medo dos confrontos armados. Muitos estão se refugiando nas montanhas, enquanto outros abandonam o país em embarcações improvisadas, rumo aos Estados Unidos e outros países vizinhos.



Na sessão de abertura da reunião da Internacional Socialista (da esquerda para direita): Luís Ayala, Enrique Silva Cima, presidente Aylwin, Leonel Brizola e Carlos González Márquez

INTERNACIONAL SOCIALISTA

## Prioridade para América Latina

A Internacional Socialista (IS) celebrou em Santiago do Chile, nos dias 26 e 27 de novembro, uma reunião de seu Conselho, a convite do Partido Radical daquele país. A situação da América Latina e o Caribe foi um dos principais temas de debate, junto à difícil transição na Europa oriental e às negociações de paz no Oriente Médio. O tema do meio ambiente também foi tratado, ficando definida a posição que a IS defenderá na conferência de 1992 no Rio de Janeiro.

Ao encontro assistiram, entre outras personalidades, o dirigente italiano Bettino Craxi, o governador do Rio de Janeiro Leonel Brizola, o ex-vice-premier da Espanha Alfonso Guerra, a deputada e ex-ministra do Meio Ambiente da Suécia Birgitta Dahl, o dirigente dominicano Francisco Peña Gómez, o ex-presidente argentino Raul Alfonsín e o senador uruguaio Hugo Batalla.

A sessão de abertura do encontro foi celebrada na antiga sede do Congresso chileno e contou com a presença do presidente do Chile, Patricio Aylwin, da viúva do presidente Salvador Allende, Hortensia Busi, e de sua filha Isabel Allende.

Aylwin fez um discurso de boas-vindas aos dirigentes visitantes, ressaltando a importância da IS no mundo atual e o papel que junto à sua própria corrente ideológica, a democracia cristã, desempenhou na reconstrução da Europa do pós-guerra. "Ambas têm por base o humanismo", afirmou o chefe de estado chileno.

Por sua vez Leonel Brizola, que foi o outro orador da solenidade em sua condição de vice-presidente da IS, fez uma emocionada homenagem a Salvador Allende, ressaltando seu grande idealismo e relatando algumas das mostras de solidariedade que dele tinham recebido os exilados brasilei-

ros e ele pessoalmente.

Entre as resoluções tomadas sobre a América Latina, o Conselho da IS se pronunciou sobre as negociações de paz de El Salvador, expressando seu apoio à Comissão para a Consolidação da Paz (Copaz), afirmando que "ainda ficam graves problemas por resolver para pacificar, democratizar, humanizar e desmilitarizar a sociedade salvadorenha" e rendeu homenagem aos líderes históricos do Movimento Nacional Revolucionário (MNR), Héctor Ouelí e Guillermo Ungo.

Em sua resolução sobre o meio ambiente, "Uma responsabilidade para todos", a IS adotou por unanimidade o relatório que havia sido aprovado na reunião do Rio de Janeiro. Nele, a IS reconhece que "é impossível para os países em desenvolvimento o pagamento de sua dívida externa. De outra forma, esses países continuariam exportando suas próprias divisas, processo que lhes impede de retomar o desenvolvimento".

Também reconhece que um desenvolvimento ambientalmente são "exige tecnologia limpa - que deveria ser proporcionada aos países em desenvolvimento sobre base não-comercial - e novas regras do jogo no comércio internacional, que deveriam levar em consideração o valor real das matérias-primas".

Finalmente a IS reconhece que "é necessário para os países em desenvolvimento não serem forçados a abrir mão de patentes ou royalties de produtos que foram obtidos a partir de suas próprias riquezas naturais".

Desta forma, a social-democracia, que controla vários governos da Europa, assumiu muitos dos postulados de países do Sul no debate prévio à Conferência do Meio Ambiente e Desenvolvimento que se realizará no Rio em junho de 1992.

## QUÊNIA Moi não cede a pressões

**A**tensão política aumenta a cada dia neste país da costa oriental africana, desde que as autoridades responderam com repressão às reivindicações da oposição de abertura política.

Centenas de quenianos se reuniram em 16 de novembro passado no parque Kamukunji de Nairóbi, a capital, num ato político sem precedentes no país, em favor do multipartidarismo. A manifestação foi convocada pelo recém-criado Foro para o Retorno da Democracia (Forede), que teve vários dos seus dirigentes detidos — entre eles Martin Shikuku, Masinde Muliro e Philip Gachoka — quando a polícia avançou sobre os manifestantes lançando gases lacrimogêneos e atirando para o ar.

Vários jornalistas também foram detidos e se confirmou a morte de pelo menos um dos manifestantes. O presidente da Sociedade das Leis do Quênia (equivalente à Ordem dos Advogados, no Brasil), Paul Muitte, também foi detido, junto aos advogados James Orenge e Japhat Shamalla.

O Forede reivindica a instalação de um regime democrático multipartidário, a devolução imediata do capital que foi transferido para contas no exterior por dirigentes do atual governo e dos setores econômicos que controlam o país, e a convocação de uma Assembleia Constituinte. Também são reivindicações do foro a independência do Poder Judiciário, o respeito aos direitos humanos, a libertação de todos os presos políticos e a formação de uma comissão eleitoral independente.

Entre os dirigentes do foro que estão detidos, antes mesmo da realização do comício, está o ex-vice-presidente da República Oginga Odinga, de 80 anos, uma figura carismática e quase lendária no Quênia, que acompanhou a luta do herói da independência, Jomo Kenyatta.

O governo de Daniel Arap Moi, no poder desde 1978, se recusa a dialogar com a oposição e muito menos a atender suas reivindicações. E após os resultados da eleição na Zâmbia, onde o presidente Kenneth Kaunda, com 30 anos no poder, foi derrotado pelo quase desconhecido Frederick Chiluba, dirigente do Movimento por uma Democracia Multipartidária (MDM), Moi se fechou ainda mais a qualquer mudança no seu regime.

A Comunidade Econômica Européia (CEE) condenou a repressão do governo do Quênia contra a oposição, manifestando a sua preocupação pela falta de oportunidade dos críticos do regime para exprimirem as suas idéias. A CEE é o maior parceiro comercial desse país africano, e entre os seus membros estão alguns dos principais credores da sua dívida externa.



*O ex-presidente Oginga Odinga está entre os líderes da oposição presos por exigir eleições livres*

## SUDÃO Repatriação em massa

**O** governo do Sudão e o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) estão preparando a repatriação maciça de refugiados de vários países do leste e centro da África. O acordo estabelecido entre o governo de Cartum e as autoridades da ONU permitirá começar em janeiro de 1992 uma grande operação abrangendo pelo menos 700 mil pessoas, que voluntariamente optaram pela repatriação.

Esses refugiados chegaram ao Sudão vindos da Etiópia, Uganda e Zaire, principalmente, fugindo dos conflitos nos seus respectivos países.

Mais 170 mil etíopes, principalmente soldados e suas famílias, que fugiram após a queda do regime de Hailé Mariam em maio, esperam agora pela ajuda da ONU para voltar ao seu país.

O acordo prevê não somente a transferência dos refugiados como toda a logística e apoio necessários para a sua reintegração à vida econômica ativa nos seus países.

Com esse objetivo foram contactados pelas Nações Unidas os governos do Chade, Uganda e Zaire, além da própria Etiópia, que também vão dar a sua contribuição à reintegração dessas pessoas. Segundo o Acnur, o Sudão abriga mais de meio milhão de refugiados da Eritreia, 160 mil da Etiópia, 70 mil do Chade, e cerca de cinco mil ugandenses e zaienses. A maior parte dos eritreus, que são os refugiados mais antigos, já está há mais de três décadas no Sudão.



*Segundo a ONU, há quase 800 mil refugiados no Sudão, muitos à espera da repatriação*

## TOGO Golpe sangrento

Um golpe militar derrubou em 28 de novembro passado o governo de transição nesse país da África ocidental, interrompendo o processo de democratização iniciado pelo primeiro-ministro Joseph Kokou Koffigoh.

As versões sobre o número de mortos eram confusas nos primeiros dias posteriores ao golpe, variando entre 17 reconhecidos oficialmente e mais de 50 denunciados pelos opositores. Todas as comunicações com o país foram interrompidas e as fronteiras, fechadas.

Os golpistas decretaram toque de recolher e as atividades comerciais e bancárias foram suspensas. Intensos combates se travaram em Lomé, a capital, e na periferia da cidade entre os seguidores do primeiro-ministro e as forças militares golpistas.

No início de novembro Joseph Koffigoh tinha realizado uma histórica visita à vizinha Gana, onde foi tratar de importantes temas de interesse comum com o tenente-aviador Jerry Raw-

lings, chefe de estado daquele país. O agora derrubado primeiro-ministro togolês havia declarado ter tirado "importantes lições" do programa de recuperação econômica de Gana, que iria utilizar para superar a crise no seu próprio país.

Durante o regime de Eyadema, o ditador antecessor de Koffigoh, a fronteira entre o Togo e Gana foi frequentemente fechada, enquanto cada governo acusava o outro

de ter intenções golpistas em relação ao vizinho. Mas Rawlings e Koffigoh tinham assinado um acordo para reabrir a fronteira, reatar as relações diplomáticas e assegurar aos moradores das áreas fronteiriças "todas as garantias sobre os seus bens e a sua segurança pessoal".

Dias antes do golpe, o primeiro-ministro Koffigoh tinha denunciado tentativas desestabilizadoras por parte

de "elementos sem escrúpulos, que se opõem a qualquer forma de mudança". E pelo menos duas tinham sido frustradas pelas forças que lhe eram leais. Os conspiradores, como os vitoriosos de agora, eram simpatizantes de Gnassingbe Eyadema, o homem forte do anterior governo, que não se conformaram com a eleição de Koffigoh, em agosto.

Após tomar posse, o primeiro-ministro tinha destituído Eyadema do seu posto de chefe das forças armadas e tinha lhe tirado o direito a disputar a eleição presidencial do próximo ano. Mas a tribo dos *kabye*, de Eyadema, domina as forças armadas de Togo, de 12 mil homens, e nunca aceitou o que considerava uma extrapolação dos poderes do novo primeiro-ministro.

A principal base de sustentação de Koffigoh, os desempregados e subempregados, que saíram às ruas para defendê-lo com violência nas outras tentativas de golpe, não tiveram a força necessária, desta vez, para enfrentar os golpistas.



## UGANDA

Os jornalistas de Uganda deverão obter atestados do governo para poder exercer a sua profissão. É o que prevê o Estatuto dos Meios Informativos que está sendo estudado atualmente pelo regime.

O projeto foi duramente criticado pela Associação dos Jornalistas de Uganda (AJU), pelas sérias limitações que iria impor à atuação dos meios de comunicação.

Caso aprovado, o chefe de estado teria amplos poderes tanto para impedir a entrada no país de publicações consideradas "lesivas ao interesse nacional", quanto para controlar a atividade dos profissionais locais, uma vez que seria o governo quem outorgaria certidões anuais para garantir o exercício da profissão.

Os atestados poderiam não ser renovados, caso a linha adotada por um veículo de comunicação ou um jornalista não agradasse as autoridades.

## CAMARÕES

Um grupo de líderes da oposição exortou o governo da República dos Camarões a voltar ao sistema federativo, abolido em 1972. A reivindicação foi feita publicamente durante um encontro entre o governo e a oposição, realizado a meados de novembro, para discutir o futuro político do país.

Para o ex-vice-presidente John Ngu Foncha, "o federalismo era o melhor sistema de governo para um país multicultural como Camarões, onde deve estar garantido o respeito às minorias". Tanto ele quanto outros diri-

gentes que levantaram a questão acham que muitos dos problemas dessa república da costa ocidental africana poderiam se solucionar através de uma maior descentralização administrativa, tirando poderes do governo central de Yaoundé.

O secretário do Partido Ideológico dos Camarões, por sua vez, assinalou que o acordo entre todas as forças políticas do país assinado em 1961 estabelecia o federalismo como forma de organização política do Estado, mas ele foi desconhecido anos mais tarde.

CAMBOJA  
**Repúdio ao Khmer**

**A**tentativa de linchamento do líder do Khmer Vermelho, Khieu Sampham, que retornou ao país como parte dos acordos de paz auspiciados pelo Conselho de Segurança da ONU, deixou claro as dificuldades para pôr fim aos 13 anos de guerra civil nesta nação do sudeste asiático.

Os acordos determinaram a formação de um Conselho Nacional Supremo, com representantes do governo cambojano e dos três grupos que o combatem, liderados pelo príncipe Norodom Sihanouk (Frente Nacional Unida), Khieu Sampham (Khmer Vermelho) e Son San (Frente Nacional pela Libertação do Povo Khmer). Ainda segundo os acordos, firmados em setembro, em Paris, o Conselho será presidido por Sihanouk e representará o país até a realização de eleições livres, em 1993.

A reação popular ao regresso do atual líder do Khmer Vermelho indica que a população não está disposta a aceitar tranquilamente um governo compartilhado também pelos responsáveis

pelo genocídio de mais de um milhão de cambojanos, através da fome, torturas e execuções sumárias. Em Phnom Penh, a capital, é muito difícil encontrar alguém que não tenha tido várias pessoas da família mortas durante o governo do Khmer (1975 a 1978).

Dias antes da tentativa de linchamento, 20 mil pessoas fizeram um protesto contra o regresso do ministro do Interior do Khmer, Son San, responsável direto pelos campos de extermínio e centros de tortura. Sem se abalar, ele afirmou estar muito feliz por voltar ao país e pediu ao povo que "esquecesse o passado, porque já faz parte da história".

A inclusão do Khmer Vermelho no Conselho foi resultado das pressões da China, que tem financiado a organização na sua luta para derrubar o governo de Hun Sen, apoiado pelo Vietnã. Apesar de não aparecer em público há anos, tem-se como certo que Pol Pot, ex-líder da organização, continua dando as cartas nos bastidores.

Além das dificuldades políticas para tornar viável o Conselho Nacional Supremo, a ONU enfrenta o desafio de desativar milhões de minas colocadas na região fronteiriça da Tailândia pelos grupos guerrilheiros e o exército, que impedem o retorno seguro dos refugiados.



*Centenas de pessoas tentaram linchar o líder do Khmer Vermelho, Khieu Sampham (na foto, de terno escuro), na sua volta ao país*

**ONU: escolhido novo secretário-geral**

**D**e depois de meses de negociações, o vice-primeiro-ministro egípcio Butros Ghali, de 69 anos, foi eleito o novo secretário-geral das Nações Unidas para os próximos cinco anos, substituindo o peruano Javier Pérez de Cuéllar.

Em uma votação secreta, Ghali recebeu o voto de 11 dos 15 membros do Conselho de Segurança, derrotando outros 12 candidatos que também aspiravam ao cargo.



*Butros Ghali*

Ministro de Relações Exteriores do Egito durante a assinatura dos Acordos de Camp David com Israel, em 1978, Ghali poderá, na opinião de analistas internacionais, desempenhar um papel importante na recém-iniciada negociação de paz entre árabes e israelenses.

Primeiro representante da África a assumir a chefia da organização, Butros Ghali terá pela frente o desafio não só de tentar solucionar complexos problemas políticos, como o de restaurar a credibilidade da ONU, abalada durante a Guerra do Golfo, e tirá-la da crise financeira que a imobiliza.

**FILIPINAS**

Depois de quase um século, as Filipinas assumiram o controle da base aérea de Clark. Desativada pelos Estados Unidos após a erupção do vulcão Pinatubo, em junho passado, a base foi definitivamente fechada devido à não-renovação do contrato de aluguel pelas autoridades filipinas.

Centro de logística aérea dos Estados Unidos no Pacífico Ocidental, a base de Clark cumpriu um importante papel durante as guerras do Vietnã e da Coreia. Seu fechamento e o da base naval de Subic Bay sempre foi reivindicado pelas organizações populares, que viam nessas instalações militares o maior símbolo da submissão do país aos interesses norte-americanos.

Muito danificada pelo Pinatubo, é improvável que a base volte a operar normalmente. O próprio chefe da força aérea filipina, general Loven Abadia, admitiu que o governo não terá recursos para administrar a base.

## TIMOR LESTE Indignação internacional

O recente massacre de quase 200 timorenses chamou a atenção da comunidade internacional sobre o drama que vive essa ex-colônia portuguesa situada na Ásia, ocupada desde 1975 pela Indonésia.

A principal reação partiu das autoridades portuguesas, que depois de manter durante anos uma posição de distanciamento ao conflito, passaram a assumir um papel mais ativo na solução do problema.

A divulgação em Portugal de cenas do massacre, filmadas clandestinamente por um cinegrafista britânico, levou o governo do primeiro-ministro Cavaco Silva a decretar um dia de luto oficial, por sugestão do presidente Mário Soares.

Alguns bispos portugueses chegaram a pedir explicações sobre o "sistemático silêncio" do Vaticano em relação a Timor Leste. "Apesar



Manifestação em Lisboa contra o massacre de timorenses

do total de mortos desde a invasão ser de mais de 200 mil, ou seja, um terço da população, o papa não tem defendido Timor com a força que deveria", afirmou o bispo de Vizeu, monsenhor Antonio Monteiro.

Por sua vez, o chanceler português criticou a "débil

declaração" da Comunidade Econômica Européia sobre o massacre e cobrou ações mais drásticas: "O mundo deverá tomar uma posição mais clara, a não ser que a comunidade internacional demonstre uma hipocrisia inadmissível", afirmou.

Os Estados Unidos, tra-

dicionais aliados do governo indonésio, se limitaram a pedir uma "rápida e completa investigação dos fatos", sem questionar a ocupação da ilha pelas tropas do general Suharto, ao contrário do que fizeram em relação ao Kuwait.

O massacre foi cometido em 12 de novembro, quando o exército indonésio abriu fogo contra uma multidão de cerca de 4.000 pessoas, que participavam de uma marcha em um cemitério de Dili, a capital, em homenagem a dois jovens assassinados pelas forças de segurança duas semanas antes.

Segundo o grupo Resistência Nacional de Timor, a repressão desencadeada a partir de então pelas forças de ocupação indonésias deixou um saldo de 183 pessoas assassinadas, número que a igreja católica local calcula em 300, entre mortos e feridos.

## TURQUIA Oposição denuncia torturas

A divulgação de um pormenorizado relatório contendo denúncias sobre torturas a presos abalou ainda mais o prestígio do governo de Turgut Ozal. Segundo recentes pesquisas de opinião, se houvesse eleições hoje seu partido não passaria do quarto lugar.

As notícias sobre detenções arbitrárias, torturas a presos e até execuções sumárias não são novidade na Turquia, país-membro da Otan e tradicional aliado do Ocidente. A diferença é que desta vez as denúncias não partiram de organizações de direitos humanos, como a Anistia Internacional, ou grupos de esquerda clandestinos, mas do Partido Social-Democrata (PSD), que tem representação no Parlamento turco.

A repercussão foi tal que o recém-possado primeiro-ministro Sulyman Demirel decidiu criar uma comissão

para apurar as denúncias. Em Ankara, o vice-presidente do Partido Social-Democrata, Aydin Guven Gurkan, afirmou que na prisão de Eskisehir "está se cometendo um crime contra a Humanidade".

Gurkan garantiu que todos os prisioneiros examinados por uma comissão de parlamentares do seu partido tinham marcas de tortura. Muitos estavam em greve de fome para protestar contra os maus-tratos.

O relatório destaca que as torturas foram efetuadas na presença do médico da prisão, Fersah Ekmen, e que todos os objetos pessoais dos detidos foram con-



Dirigentes de esquerda são libertados de uma prisão turca

fiscados, até os óculos de dois presos.

Numa demonstração de pouco caso com a opinião pública, no dia 13 de novembro forças de segurança prenderam em Estambul um grupo de 15 pessoas, entre os quais a presidenta da Associação Patriótica de Mulheres Curdas, jornalistas e advogados, justamente quando davam uma entrevista coletiva sobre os abusos contra os direitos humanos nas prisões.

# Os cortes nucleares de Bush

José Monserrat Filho\*

**N**ão é só Gorbachev que tem dúvidas quanto aos "drásticos" cortes nucleares unilaterais anunciados por Bush. Também nós as temos, embora por razões distintas. Nós, os do Hemisfério Sul. Não para negar importância à decisão, que, afinal, ajuda a preservar a esperança e a utopia de um mundo desnuclearizado, mas para avaliá-la sem os exageros da propaganda e com a frieza da *real politic*, fora da qual é difícil ver um palmo além do nariz, especialmente olhando a coisa aqui de baixo.

Começamos pelo lamento do deputado Les Aspin, presidente da Comissão das Forças Armadas da Câmara de Representantes dos EUA, com o qual nos solidarizamos: tal desarmamento permite poupar apenas 500 milhões de dólares este ano, em um orçamento estimado em 291 bilhões de dólares.

Eis o problema. Os Estados Unidos gastam quase 300 bilhões de dólares por ano com suas forças armadas. É a base que lhes viabiliza o uso da força na arena mundial. Só quando esta cifra sofrer reduções de peso poder-se-á, enfim, festejar mudanças substanciais nas relações internacionais e, quem sabe, até uma nova ordem mundial, na qual todos os países se valham somente de meios políticos e diplomáticos para solucionar suas controvérsias. A ação militar ficaria como recurso extremo, a ser empregado de forma coletiva, como fruto de consenso da comunidade internacional. Pois, construída a democracia em nível planetário, não haverá como admitir que um país se arrogue, por seu próprio poder e arbítrio, a função de polícia do mundo.

Mas isto ainda não é tudo. O astuto Gorbachev pôs o dedo naquilo que, talvez, mais lance suspeitas ao "histórico" anúncio do presidente norte-americano: a ausência de qualquer referência à proibição definitiva dos testes nucleares. Dentre as glórias do líder soviético, está a de ter mantido a URSS durante um ano e meio, entre 1986 e 1987, em absoluta dieta de explosões nucleares. Agora, em cima de um lance glorioso para Bush, ele não perdeu a chance de novamente propor um acordo bilateral que interdite os testes, sabendo o quanto Washington resiste à idéia.

Na realidade, é com o fim dos testes nucleares, fontes de armas de destruição em massa sempre mais poderosas, que teremos, de fato, a esperada mudança de rumo: os arsenais letais começarão, efetivamente, a diminuir não só em quantidade, mas também e sobretudo em potência, o que mais importa. As dúvidas, porém, para os países do chamado Terceiro Mundo, surgem da relação entre as medidas de Bush e a nova doutrina militar dos Estados Unidos que, diante da "desintegração do mundo comunista", passa a dar prioridade aos "conflitos de média intensidade" em "países rebeldes", dos quais a vitoriosa guerra contra o Iraque aparece como

modelo exemplar.

Esta doutrina está exposta em documento *top secret* aprovado em fevereiro de 90 pelo secretário de Defesa Dick Cheney. O documento fixa como objetivos a redução de forças na Europa e, simultaneamente, a criação de força múltipla de ataque, capaz de pronto e eficaz deslocamento até as mais longínquas áreas do Terceiro Mundo, onde ocorram acontecimentos desfavoráveis aos interesses norte-americanos.

Em agosto de 1990, o ex-secretário adjunto de Defesa, Richard Armitage, disse ao *Washington Post* que "para reprimir ilegalidades internacionais, as forças armadas dos Estados Unidos devem ser capazes de dar resposta pronta e adequada, podendo intervir contra inimigos bem equipados, golpear firme e concluir rapidamente a missão". Em 1991, após bombardear duramente o Iraque e obrigá-lo a desocupar o Kuwait, Bush advertiu "ditadores e déspotas, presentes e futuros, que pretendam realizar agressões ilegais". E assumiu "papel desproporcional" no encargo de combatê-los, proclamando: "Dentre todas as nações do mundo, os EUA têm sido a única com padrão moral e meios para sustentar esta posição. Somos a única nação do mundo que pode congrega as forças da paz."

Os países contra os quais os Estados Unidos estariam dispostos a promover guerras relâmpagos de média intensidade, segundo o novo paradigma, seriam "Leviatans do Terceiro Mundo", na expressão colhida por Michael Klare, professor do Hampshire College, da EUA. A relação desses países, apresentada pelo pesquisador, causa surpresas e até embaraços: Argentina, Brasil, Egito, Índia, Irã, Iraque, Israel, Paquistão, África do Sul, Síria, Taiwan, Turquia e as duas Coreias.

Países sem ditadores e déspotas podem ficar tranquilos, nenhuma represália será adotada contra eles, dirão os mais otimistas. Mas, se a ação é unilateral, quem pode dar garantias de justiça? E, mesmo havendo tais garantias, como aceitar que a decisão de castigar uma nação, impor-lhe outro governo e bombardear seu povo seja tomada por um único país, ainda que o maior e mais perfeito da Terra?

Tão saudável quanto eliminar boa parte das armas nucleares que hoje ameaçam a Terra seria, também, substituir lei do mais forte por normas de convivência mais democrática e civilizada entre os países. Daí a dúvida: que valor terá, para nós, a alardeada redução nuclear de Bush, se os dólares necessários para a redução economizados servirem para aperfeiçoar a força militar incumbida de nos policiar e de, a critério, nos punir?

\* Jornalista e jurista, diretor da revista "Ciência Hoje" e do "Jornal da Ciência Hoje", da SB

Agora todo o mundo é verde.

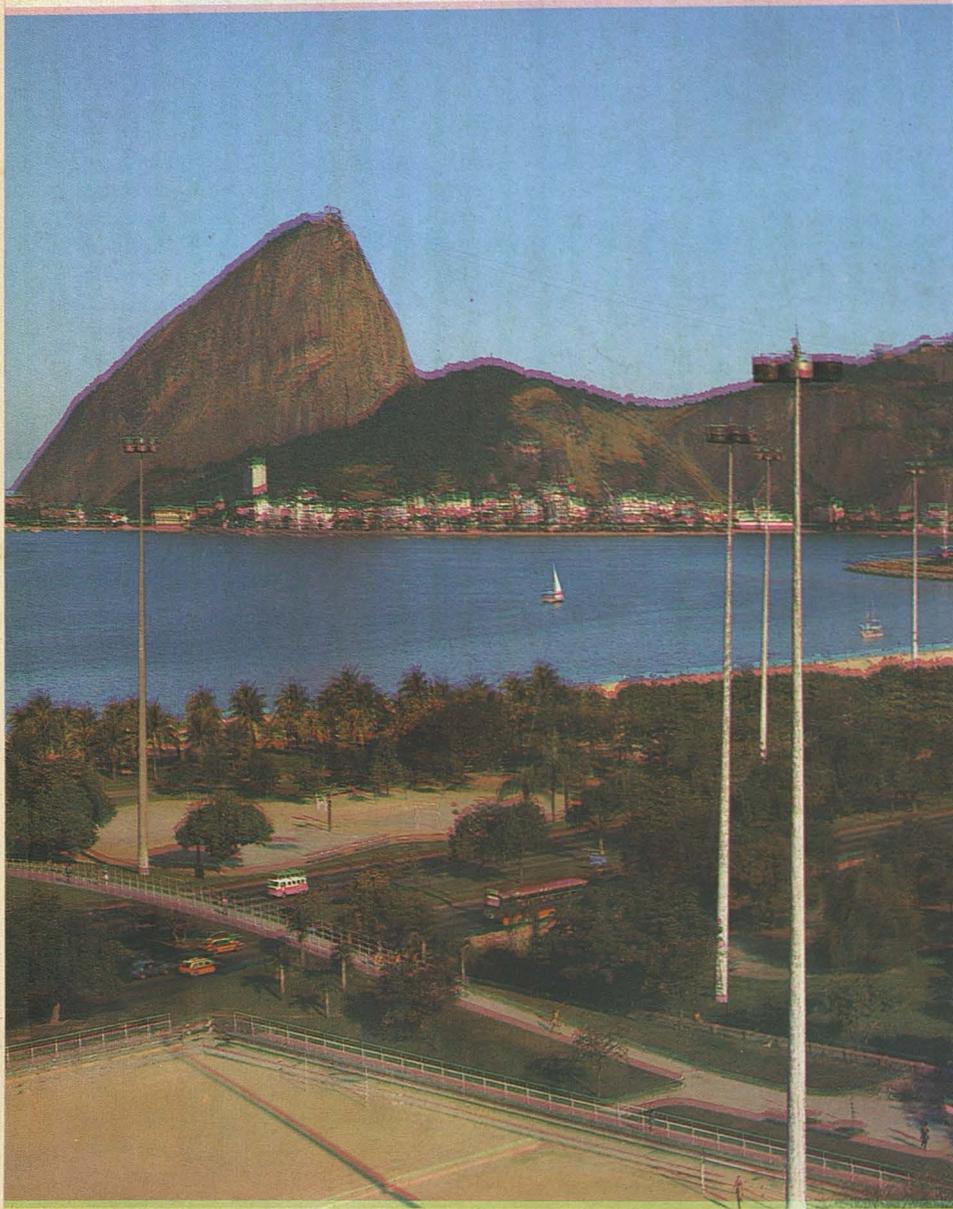


O Banerj sempre foi verde porque nasceu aqui.

**BANERJ**

NATURALMENTE LIGADO AO RIO

# NATURALIZE-SE.



Prepare o seu coração para uma nova cidadania. O Rio de Janeiro está mudando e investindo para celebrar a vida e a qualidade de vida. Venha ser cidadão da natureza, acompanhando o tempo e as transformações da nossa Cidade. Ajude a fazer da RIO 92 uma grande festa de preservação do espírito carioca. A capital mundial da ecologia tem um encontro com você, na esquina do céu com o mar.



**VENHA SER CIDADÃO DA NATUREZA. RIO 92.**

**RIO** Prefeitura da Cidade

**RIOTUR**



Capital Mundial da Ecologia